

LÍGIA MARIA MOREIRA DUMONT

TN

081.65  
D8231  
12/11  
T

INTEGRAÇÃO COMUNIDADE E CARRO-BIBLIOTECA:  
A ESTRATÉGIA DE USO DO AUDIOVISUAL

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

20/10/04  
OK/04  
4/10



84678809

8467

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

OK/20

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais. Área de Concentração: Biblioteca e Educação.

Orientadora: Professora Ana Maria Athayde Polke

BELO HORIZONTE

1988



MB-00000939-9

214188

96 407

D893i

Dumont, Lígia Maria Moreira  
Integração comunidade e carro-bibliot-  
teca: a estratégia de uso do audiovisual  
.- Belo Horizonte : Escola de Biblio-  
teconomia da UFMG , 1988.  
163 p. : 30 cm

Dissertação (mestrado)

1. Carro-biblioteca - Divulgação. 2.  
Carro-biblioteca - Usuários. I. Título.

CDD 027.4  
CDU 021.65

Lígia Maria Moreira Dumont

INTEGRAÇÃO COMUNIDADE E CARRO-BIBLIOTECA :  
A ESTRATÉGIA DE USO DO AUDIOVISUAL

Dissertação defendida e aprovada com louvor pela banca  
examinadora constituída pelas professoras:



Profa. Ana Maria Athayde Polke - Orientadora



Profa. Odília Clark Peres Rabello



Profa. Maria Cecília Diniz Nogueira

curso de Mestrado em Biblioteconomia da Escola  
de Biblioteconomia da UFMG

Belo Horizonte, 14 de julho de 1988

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me iniciaram nos caminhos do estudo,  
da pesquisa e do respeito à pessoa humana;

ao Alexandre, meu marido, que sempre incentivou a con-  
tinuidade e o aperfeiçoamento das minhas atividades profi  
fissionais e,

à Ana Florência, minha filha, a quem eu dedico e entre-  
go todos os frutos do meu trabalho.

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup> Ana Maria, pela afinidade, compreensão e competência demonstradas no período de orientação acadêmica;

ã Eliedir, pela amizade e pela perfeição da estética da datilografia;

ao Prof. Drummond, pela eficiente conferência da tabulação de dados;

ao Prof. Valmiki, pela precisa revisão do texto;

ao Rubens, meu irmão, pelas acertadas sugestões transmitidas e, finalmente,

ao Flávio, meu sobrinho, pela beleza e sensibilidade demonstradas na confecção dos desenhos.

## RESUMO

A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa oferece um serviço de carro-biblioteca à população da periferia de Belo Horizonte desde 1960. Partindo do pressuposto de que era necessário criar uma estratégia eficiente de divulgação dos seus serviços, como também atrair novos leitores, foi proposta a técnica do audiovisual. É um método considerado adequado para essa finalidade pois, além da vantagem de facilitar a retenção das informações transmitidas, permite e estimula a crítica e o debate. A fim de se obterem os subsídios que fundamentariam as diretrizes do roteiro do audiovisual, foi necessário pesquisar o serviço do carro-biblioteca, uma das comunidades por ele servida e seus usuários. Mais do que atrair os usuários em potencial, a pesquisa revelou que se necessitava estimular um uso mais sistemático do carro por seus leitores. Para atingir essa finalidade, que é criar um interesse permanente pela leitura, é preciso que o carro-biblioteca ofereça a informação e a leitura de lazer que interesse à comunidade a que está servindo. É imprescindível que interaja com a comunidade, para definir tipos de serviço que são realmente demandados. As diretrizes para a elaboração do audiovisual são traçadas em concordância com essa afirmativa, tendo como referencial a comunidade da região do Bairro Primeiro de Maio. O primeiro planejamento de um roteiro do audiovisual é apresentado em anexo.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	16
2	CARRO-BIBLIOTECA E LEITURA .....	21
3	REVISÃO DA LITERATURA .....	41
3.1	Extensão bibliotecária e carro-biblioteca	
3.2	Recursos audiovisuais	
3.2.1	Audiovisuais na biblioteca	
3.3	O termo "comunidade"	
4	METODOLOGIA .....	61
4.1	Conhecimento do carro-biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa	
4.2	Seleção e delimitação da área geográfica de circulação do carro-biblioteca a ser pesquisada	
4.3	Pesquisa de campo	
5	A REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO .....	80
5.1	Localização geográfica, desenvolvimento e composição demográfica	
5.2	Saneamento e infra-estrutura	
5.3	Fatores sócio-econômicos	
5.4	Sistema de saúde	
5.5	Educação e Cultura	
5.6	Desenvolvimento comunitário	

6	O POTENCIAL DE LEITORES DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO .....	102
6.1	Perfil dos usuários do carro-biblioteca	
6.1.1	Frequência das consultas	
6.1.2	Preferência de leituras	
6.2	Pesquisa de campo	
6.2.1	Pesquisa de usuários	
6.2.2	Pesquisa de não-usuários	
7	CONCLUSÕES .....	140
8	BIBLIOGRAFIA .....	153

ANEXOS



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais
- CNEC - Companhia Nacional de Escola de Comunidades
- COPASA - Companhia de Saneamento de Minas Gerais
- GDECOM - Grupo de Desenvolvimento Comunitário
- GRAF. - Gráfico(s)
- ILUST. - Ilustração(ões)
- INL - Instituto Nacional do Livro
- JASC - Jovens e Adultos a Serviço da Comunidade
- METROBEL - Companhia de Transportes Urbanos da Região  
Metropolitana de Belo Horizonte - (TRANSBEL)
- MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- PAF - Programa de Alfabetização Funcional
- PETRA - Programa de Alfabetização para o Trabalho
- PLAMBEL - Superintendência de Desenvolvimento da Região  
Metropolitana de Belo Horizonte
- PRODECOM - Programa de Desenvolvimento de Comunidades
- SERVAS - Serviço Voluntário de Assistência Social
- SESC - Serviço Social do Comércio
- SUDECAP - Superintendência de Desenvolvimento da Capital
- TAB. - Tabela(s)
- UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

## LISTA DE GRÁFICOS

- 1 - População da Região do Bairro Primeiro de Maio por faixa etária. Belo Horizonte ..... 81
- 2 - Bens mais freqüentemente existentes nas residências da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte ..... 93
- 3 - Composição dos usuários maiores e menores do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1979-83 ..... 104
- 4 - Idade, em anos, dos usuários menores do carro-biblioteca da região do Bairro Primeiro de Maio. Set. 1979 - Maio 1983. Belo Horizonte. 106

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- 1 - Primeiro carro-biblioteca da Biblioteca Pública do Paraná ..... 22
- 2 - Primeiro carro-biblioteca da Biblioteca Pública do Paraná ..... 22
- 3 - Carro-biblioteca do INL, coordenado pela Escola de Biblioteconomia da UFMG ..... 23
- 4 - Atual carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais ..... 27
- 5 - Porta traseira do carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais ..... 28
- 6 - População da região do Bairro Primeiro de Maio por sexo. Belo Horizonte ..... 82
- 7 - Regime de moradia da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte ..... 88
- 8 - Infra-estrutura urbana da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte ..... 89
- 9 - Fontes de renda da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte ..... 91
- 10 - Média de pessoas sustentadas por cada trabalhador da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 91
- 11 - Nível de renda em salário mínimo da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte... 92
- 12 - Doenças mais frequentes entre a população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte ..... 95

13 -	Níveis de escolaridade da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte .....	96
14 -	Índices de alcance dos cursos profissionalizantes oferecidos à população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte .....	98
15 -	Inscrição de uma leitora do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte .....	103

## LISTA DE TABELAS

- 1 - Idade da população estimada da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 84
- 2 - Sexo da população estimada da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 84
- 3 - Componentes básicos das habitações da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1978 86
- 4 - Contatos mais freqüentes entre os moradores da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte ..... 100
- 5 - Composição percentual dos usuários adultos e menores do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1979-83 .... 105
- 6 - Sexo dos leitores maiores do carro-biblioteca da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1979-83 ..... 107
- 7 - Sexo dos leitores menores do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1979-83 ..... 108
- 8 - Ocupação dos leitores maiores do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1979-83 ..... 110
- 9 - Bairro de residência dos leitores do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 113

- 10 - Inscrição e frequência dos leitores por ano de inscrição no carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 114
- 11 - Empréstimo por leitor do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 115
- 12 - Inscrição e frequência dos usuários do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro do Maio. Belo Horizonte. 1979-83 ..... 117
- 13 - Empréstimo de livros efetuados pelo carro-biblioteca, por grupo de assunto, aos usuários da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 119
- 14 - Empréstimo de livros de ficção efetuados pelo carro-biblioteca aos usuários da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 120
- 15 - Empréstimo de livros de não-ficção efetuados pelo carro-biblioteca aos usuários da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 121
- 16 - Assuntos preferidos pelos usuários do carro-biblioteca no empréstimo de periódicos na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 04/05/83-16/11/83 ..... 123
- 17 - Conhecimento pelos usuários entrevistados da existência do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 ..... 125

18 -	Motivos da inscrição no carro-biblioteca apresentados pelos usuários entrevistados da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 .....	130
19 -	Idade dos entrevistados não-usuários do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 .....	132
20 -	Principal ocupação dos entrevistados não-usuários do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 .....	133
21 -	Bairro de residência dos entrevistados não-usuários do carro-biblioteca da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 .....	133
22 -	Motivos alegados pela não utilização do carro-biblioteca pelos não-usuários entrevistados da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 .....	135
23 -	Frequência de leitura dos entrevistados não-usuários do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 .....	137
24 -	Tipo de leitura preferida e acervo ideal do carro-biblioteca segundo os não-usuários entrevistados da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1983 .....	138

- 25 - Desaparecimento dos leitores do carro-biblioteca por semestre na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1979-1984 ..... Anexo 4
- 26 - Tempo estimado para o desaparecimento de de todos os leitores inscritos em cada semestre no carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. Anexo 4



## ABSTRACT

The State Public Library Luiz de Bessa at Belo Horizonte offers a bookmobile service which attends several suburbs since 1960. Pressuposing that it would be necessary to develop a more efficient technique to divulge its services, as well as to attract new users, an audiovisual technique is proposed. This tool is considered adequate because, besides its advantage in helping users to retain information, it also allows and stimulates criticism and discussion. To seels guidance for the design of an audiovisual, first it was necessary to conduct a survey at one of the communities served by the bookmobile to study its services and its users. It was verified that it would be necessary to stimulate a more systematic use of the bookmobile by its actual users and to attract the potential users. To reach this goal of developing and stimulating reading, it would be necessary to offer information and leisure reading considered interesting by the community which is served by the bookmobile. It is indispensable to interact with the community to define the kinds of services really needed. The audiovisual was designed for the suburb Primeiro de Maio. An audiovisual primer design is presented.

## 1 INTRODUÇÃO

"Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana".

Bertholt Brecht. Citado por Carlos Brandão, Pesquisa participante.

A análise da literatura existente sobre carros-biblioteca mostra que pouco foi escrito sobre o assunto, e a maior parte em países estrangeiros, principalmente no que se refere à sua fundamentação teórica. Mais escassa ainda se torna em material recentemente publicado. E um fator verificado nas últimas publicações é o questionamento do seu valor como forma de prestação de serviços bibliotecários. A limitação da sua capacidade de carga, aliada ao uso de combustível de automóveis, matéria constante de desentendimento de negociações nas últimas crises econômicas recentemente presenciadas, tem talvez provocado essa atual "omissão" da literatura sobre o assunto.

Mas, no contexto social de um país terceiro-mundista, no qual uma das características populacionais mais marcantes é uma grande concentração de pessoas de nível sócio-econômico baixo na periferia de centros urbanos, acredita-se que o carro-biblioteca possa vir a desenvolver uma importante função. Essa população praticamente desconhece qualquer tipo de bi-

biblioteca, como também é raramente cultivado entre ela o costume ou a tradição de ler, seja como forma de lazer, bem como de se obter informações.

O carro-biblioteca é uma das formas mais versáteis de a biblioteca atingir populações mais distantes das suas agências centrais, podendo, inclusive, um só veículo atender a várias comunidades, em dias alternados de visitas. A sua principal função seria a de iniciar os serviços bibliotecários, como um serviço intermediário, visando à futura fixação de outros serviços. Ele funcionaria como um agente que vai suscitar o interesse pela leitura, criando posteriormente uma frente provocativa de demanda de serviços bibliotecários, serviços esses que deveriam vir a ser implantados de forma permanente na comunidade; como uma sucursal, por exemplo.

O carro-biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa presta serviços à periferia de Belo Horizonte, desde 1960. Para se desenvolver esta dissertação, partiu-se do pressuposto de que os serviços por ele prestados estariam sendo subutilizados. O carro-biblioteca disporia de obras sobre assuntos diversificados e tipos de publicações, ou até mesmo materiais especiais, sobre cuja existência as comunidades visitadas não ficavam devidamente informadas. O audiovisual foi a forma escolhida para divulgar os serviços do carro-biblioteca, como também despertar o interesse de novos usuários.

A utilização de recursos audiovisuais se faz cada vez mais constante. Massivamente, impactos visuais e auditivos são praticamente impostos à população. No cotidiano, rádio, televisão, anúncios sonoros, luminosos, painéis, cinema, teatro. Essas mensagens são absorvidas consciente ou inconscientemente. A transmissão de mensagens através de apelos auditivos e visuais não é gratuita. Os profissionais de merchandising utilizam das vantagens de facilidade de absorção que os audiovisuais possuem, pois eles estimulam simultaneamente pelo menos dois canais de sensibilização da psique humana: o sentido auditivo e o da visão.

RABAÇA & BARBOSA (57:32)\* definem o audiovisual como um

"veículo caracterizado pela apresentação simultânea e sincronizada de uma sequência de slides e de uma fita magnética, previamente gravada com narração e trilha sonora. Utiliza às vezes dois ou mais projetores, acoplados a um dispositivo (dissolver) que faz a transição entre dois slides sucessivos através da fusão de imagens. A fita de áudio é programada com bips (sinais eletrônicos que fazem acionar automaticamente os projetores de slides) no exato momento da narração, ou sinais auditivos, que indicam ao operador o momento de mudar o slide que está sendo projetado. Este sistema é indicado para apresentações publicitárias ou de cunho institucional, dirigidas a pequenos grupos. Frequentemente utilizado como ilustração ou complemento de exposições orais, palestras, etc., o audiovisual apresenta, para esses fins, algumas vantagens (baixo custo, alto índice de retenção de mensagem, versatilidade, etc.) em relação ao cinema e ao vídeo-cassete".

---

\* O primeiro numeral indica o número do texto citado na bibliografia e o numeral precedido de dois pontos (:) indica a página do texto original de onde foi retirada a citação.

Portanto, o audiovisual, quando bem explorado e seguido de debates e críticas, poderá constituir-se em ferramenta valiosa no incentivo e ajuda às pessoas para desenvolver seu espírito crítico, para comparar a mensagem transmitida com a sua realidade, com a sua vivência.

Acredita-se que, unindo essas duas técnicas, o serviço de carro-biblioteca e a sua divulgação, através de um audiovisual, estar-se-á ajudando a incrementar e incentivar a leitura numa das camadas mais carentes da sociedade brasileira, a população de periferia dos grandes centros urbanos.

Faz-se também necessário desmitificar o preconceito de que o uso da tecnologia é muito sofisticado para ser empregado em comunidades carentes. Pelo contrário. Se as novas tecnologias são desenvolvidas para auxiliarem a humanidade, nada mais justo que as camadas pobres da população façam uso das suas vantagens. Mesmo quando os recursos não são muitos, usando-se a criatividade, as técnicas audiovisuais podem ser amplamente utilizadas.

Tal fato foi constatado através de uma experiência prática pessoal, desenvolvida na disciplina Tratamento de materiais especiais da Escola de Biblioteconomia da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, com o auxílio de Maria Nazareth Moreira, técnica em assuntos educacionais do Centro Audiovisual da UFMG. Confeccionou-se um audiovisual de cinco minutos, gastando-se pouco dinheiro, utilizando-se um pequeno

gravador portátil e um projetor de slides comum. Com os dotes artísticos de um dos alunos, foi desenhada em papel vegetal a parte visual, posteriormente encaixada em molduras de papelão de slides. Outro tocava violão e fez a música de fundo. Eles próprios narraram o diálogo, também por eles desenvolvido em um prévio roteiro.

Para enfatizar, são transcritas aqui as palavras de Paulo Freire (31:24), de que

"a falsa concepção do humanismo, que vê na tecnologia as razões dos males do homem moderno... perde a dimensão da totalidade: que humanismo e tecnologia não se excluem. Se meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa da sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa".

## 2 CARRO-BIBLIOTECA E LEITURA

"Impor a razão parece-nos uma violência notável, na medida em que a razão se impõe por si".

Gaston Bachelard. Lautréamont.

O carro-biblioteca no Brasil é uma modalidade de serviço bibliotecário relativamente nova. Data de 1936 o primeiro serviço de que se tem notícia. Foi instituído por Mário de Andrade, através do Departamento Municipal de Cultura da cidade de São Paulo. Era um carro pequeno, com vitrines e sua pretensão era "espalhar livros" através de uma coleção circulante do "automóvel-biblioteca". (7:22).

Segundo informações fornecidas em entrevista com a Prof<sup>a</sup> Etelvina Lima\*, o segundo precursor do carro-biblioteca no país teve seu projeto apresentado no I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação em 1954, na cidade de Recife, pelo então chefe do Departamento de Cultura do Estado de Pernambuco, José Césio Rgueira. Esse projeto veio efetivamente a se concretizar, mas, por questões diversas, foi desativado poucos anos após a sua inauguração.

---

\* Professora emérita da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Foi diretora da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Conforme correspondência de Marcelina Dantas\* , a Biblioteca Pública do Paraná inaugurou em 1957 o seu primeiro carro-biblioteca, como parte dos festejos comemorativos do primeiro ano de governo do então governador do estado, Moysés Lupion. Era um veículo anteriormente usado pela Editora Ipê para serviços de propaganda e, portanto, não muito adequado para o serviço de empréstimo, pois só possuía vitrines externas, fechadas. Adaptaram-se internamente uma estante para livros, bem como mesa e fichários. (FIG. 1 e 2).

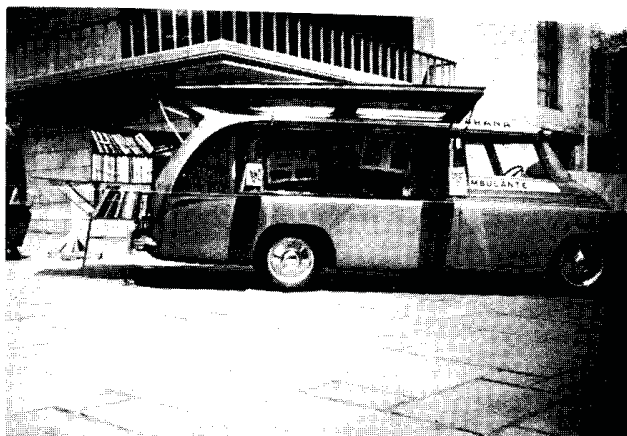


FIGURA 1 e 2 - Primeiro carro-biblioteca da Biblioteca Pública do Paraná

Fonte - Prof<sup>a</sup> Etelvina Lima

---

\* Marcelina Dantas era nessa ocasião a Chefe do Setor de Extensão da Biblioteca Pública do Paraná.



A concretização de um serviço regular de carro-biblioteca no Brasil ocorreu em 1959 em Minas Gerais e Paraná, cujas bibliotecas estaduais desenvolveram simultaneamente seus projetos.

Outra grande iniciativa de serviços de carros-biblioteca no Brasil é a do INL - Instituto Nacional do Livro, que iniciou seu programa em 1970, estando em vigor até a presente data. O sistema se compõe de um convênio por regime de comodato com as unidades federadas, de um veículo tipo "Kombi", adaptado e um acervo inicial de 1.500 livros. São atualmente seis estados que possuem esse tipo de carro: Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará, Paraíba e Minas Gerais (através da Escola de Biblioteconomia da UFMG).



FIGURA 3 - Carro-Biblioteca do INL, coordenado pela Escola de Biblioteconomia da UFMG

FONTE - Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Foto: Rosaly Barbosa

Em Minas Gerais, por ocasião da implantação do serviço de carro-biblioteca respondia pela diretoria da Biblioteca Pública o Prof. Eduardo Frieiro e a Chefe da Divisão de Extensão era a Prof<sup>a</sup> Etelvina Lima.\*

A verba para implantação do serviço foi conseguida em 1959, por intermédio do Dr. Júlio Furquim Sambaquy, então diretor da Divisão Administrativa do Ministério da Educação e Cultura, junto ao Governo Federal, liderado pelo Presidente Juscelino Kubistchek de Oliveira. Na mesma ocasião a biblioteca pública do Paraná, através de outras fontes, conseguiu a liberação de uma verba para a mesma finalidade. Tal fato possibilitou que ambas as bibliotecas pudessem comprar juntas os chassis dos carros. Em seguida, compraram as carrocerias de ônibus, que foram adaptadas aos chassis e, inspiradas em catálogos americanos, realizaram o projeto do interior do carro, ao qual foi implantado pelos técnicos da "Atlas Móveis de Aço".

Em Minas Gerais, o Prof. Eduardo Frieiro decidiu pela implantação do serviço e atendimento aos bairros pobres de Belo Horizonte, cujas populações provavelmente nunca teriam condições de freqüentar a biblioteca em sua sede na Praça da Liberdade. Pessoas com liderança em oito localidades esco-

---

\* O histórico do carro-biblioteca de Minas Gerais foi obtido através de entrevista com a Prof<sup>a</sup> Etelvina Lima.

lhidas foram entrevistadas, com a finalidade de se sondar a receptividade das populações ao serviço. A sua divulgação foi efetivada através de alto-falantes instalados no próprio carro, antes da inauguração.

O carro fez sua primeira visita à região situada entre o Morro São José e o Morro do Papagaio, que abriga duas favelas, tendo ficado estacionado à porta do "Lactário Tia Amância", obra social criada e coordenada pelo Padre Agnaldo, pároco da região. Atraídos pela novidade, os moradores tumultuaram a entrada do carro, indagaram se o material se destinava a doação, folhearam os livros na própria escada, tendo alguns, mais espertos, levado para casa os livros escolhidos. Todo o primeiro acervo teria desaparecido nesse mesmo dia, não fosse a atuação de elementos do posto policial localizado nas imediações que, percebendo as dificuldades em que as bibliotecárias se encontravam, foram oferecer sua ajuda, tentando organizar uma fila.

Essa tentativa da diretoria da biblioteca pública de popularizar o livro deparou com sérios problemas. Primeiramente, oferecia-se um produto que lhes era praticamente desconhecido. E, como agravante, a constatação de que a maioria de uma população favelada é analfabeta, ou semi-analfabeta.

Essa é uma situação que ainda hoje exige um estudo minucioso: em que momento a biblioteca interage com um movimento educacional, como trabalhar integradamente com uma equipe interdisciplinar.

A realidade é que naquela ocasião a biblioteca pública, por razões diversas, não tinha condições de partir para um programa mais arrojado de despertar o interesse pela leitura em uma população favelada. Fez-se então necessário estender o atendimento apenas a bairros proletários onde, pressupostamente, o usuário já teria os pré-requisitos básicos para desenvolver a leitura.

Esse primeiro carro-biblioteca circulou até 1976, atendendo, na ocasião, a seis bairros da Belo Horizonte. Seus serviços logo ficaram sendo conhecidos por outras comunidades que, desde então, solicitam com frequência sua visita, através de abaixo-assinados, pedidos de associações de bairro, de outras entidades e de pessoas influentes.

Em abril de 1977, devido a vários problemas mecânicos, o ônibus foi substituído por uma nova unidade, instalada, dessa vez, em um caminhão tipo container, que se encontra ainda em funcionamento.

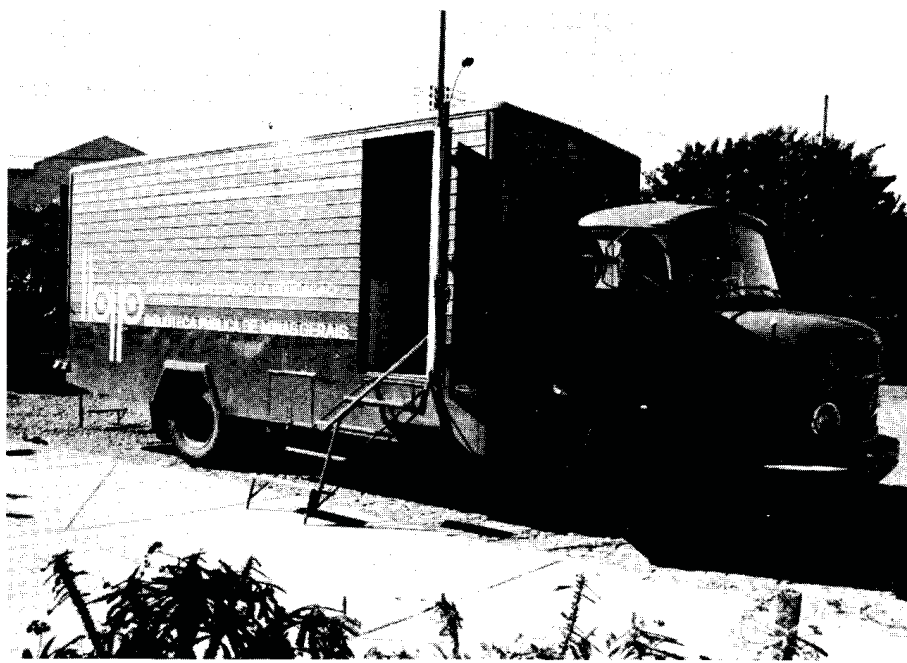


FIGURA 4 - Atual carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

A adaptação em um chassi de caminhão acarretou vários problemas. Primeiramente, ele não possui janelas na carroceria, inviabilizando o transporte de pessoas no seu interior. Só é possível transportar três funcionários por visita pois, juntamente com o motorista, atingem a capacidade máxima de lotação da boléia.

Além disso, o chassi de um caminhão é muito alto. Para permitir o acesso ao seu interior, foram adaptadas duas escadas rebatíveis, colocadas manualmente quando se abrem as portas. Elas não oferecem muita segurança, pois balançam ao serem utilizadas (ver FIG. 5), quando não impedem o acesso a paraplégicos e pessoas mais idosas.



FIGURA 5 - Porta traseira do carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

Outro problema é a dificuldade de acesso a alguns bairros de periferia. Com a ocupação desses bairros se dá normalmente sem a ajuda de um planejamento urbanístico, já houve casos em que ele precisou percorrer um caminho mais longo, que comportasse a passagem do carro para atingir seu ponto de parada. Um ônibus menor, adaptado adequadamente, teria a mesma capacidade de carga e maior facilidade de trânsito.

O carro-biblioteca atende atualmente 10 bairros, a saber : Primeiro de Maio, São Paulo, Pompéia, Parque São João Batista, Santa Inês, Salgado Filho, Jardim América, Senhor Bom

Jesus, Padre Eustáquio e Sagrada Família. Sua capacidade de transporte é, em média, de três mil livros, e as visitas são feitas quinzenalmente, de acordo com uma escala anual, distribuída aos leitores nos pontos de parada.\*

No Setor de Carros-Biblioteca são lotados três bibliotecárias e três auxiliares de biblioteca, a cujo cargo estão, além das visitas aos bairros, as tarefas internas de seleção de livros e revistas, preparação para empréstimo, restauração e planejamento das atividades paralelas. Está também lotado, no Setor de Carros-Biblioteca, um motorista.

A maior parte dos leitores é constituída de crianças e adolescentes, entre sete e 17 anos, na maioria escolares de primeiro e segundo graus. De acordo com informações do setor, os livros mais procurados por eles são, em ordem de incidência: de literatura, exigidos pela escola, na maioria romances de autores brasileiros, de poesia, livros de pesquisa escolar e de preparação para o vestibular. Quanto aos periódicos, a maior procura é de revistas em quadrinhos, seguidas pelas informativas: Manchete, Veja, Visão, Isto É e revistas de moda: Cláudia, Figurino.

---

\* Informações complementadas através de entrevista com as bibliotecárias Theresa Maior Esteves e Maria de Lourdes Fonte Boa, funcionárias da Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Os leitores adultos são representados por donas-de-casa jovens e mulheres mais idosas, sendo rara a presença do homem idoso. Seu tipo de leitura preferido é o romance, tendo também alguma procura os livros e revistas sobre economia doméstica, artesanato, higiene e puericultura.

A equipe desenvolve, sempre que possível e que haja pessoal habilitado atividades recreativas e educativas, aproveitando o espaço em volta do carro. Essas atividades são oferecidas em função do material disponível na ocasião, ocorrendo tanto por iniciativa do carro quanto da comunidade. São elas: hora do conto, artes plásticas, música, dança, jogos, brincadeiras e teatrinho.

Apesar da grande demanda e de sua importância no contexto das comunidades em que atua, o carro-biblioteca não conseguiu ainda uma nova unidade volante, nem ampliar seu quadro de pessoal, desejo que vem sempre sendo expresso às autoridades competentes. A carência de verbas, que quase nunca são liberadas conforme previsão anual, limita o atendimento a novos bairros. Isto só é possível quando a visita a alguns dos atendidos deixa de ser necessária, em virtude do decréscimo no número de empréstimo e leitores, geralmente quando a Secretaria de Estado da Educação instala no local alguma biblioteca escolar, ou, ainda, quando a Divisão de Extensão resolve implantar uma biblioteca sucursal, se o aumento da demanda o justifica.



Seria também de estimável valor a contratação de pessoal de outras áreas (animadores artísticos e culturais, pedagogos). Uma equipe interdisciplinar poderia ser formada, sendo capacitada para desenvolver projetos de diversas possibilidades, principalmente na área de motivação pela criação do interesse permanente pela leitura, consoante as características de cada comunidade servida.

Entretanto, a Biblioteca Pública não tem autonomia para contratar o pessoal que lhe interessa. É sabido que essa autorização depende do governo estadual, quando não acontece de estar em época de terminante proibição de contratações.

Seria interessante se a Divisão de Extensão procurasse formas de soluções alternativas, dentro da própria casa: elementos do Setor de Artes, da Divisão Infantil, da Galeria de Exposições, enfim, tudo que é oferecido na matriz poderia, em caráter previamente planejado de rotatividade, ir à periferia.

Já que o atual carro-biblioteca restringe irremediavelmente a capacidade de lotação do seu pessoal, seria desejável que o único elemento que está obrigatoriamente presente, o motorista, fosse treinado para desenvolver alguma atividade rotineira, como, por exemplo, empréstimo, ou a baixa na devolução do material. Assim seria possível liberar um bibliotecário para contatos com as pessoas que procuram o carro, ou mesmo com as lideranças e pessoas importantes da comuni-

dade, visando sempre a integração do carro-biblioteca com a população local.

Outra possibilidade seria o incentivo a pessoas da própria comunidade para ajudarem nas tarefas de empréstimo. É comum acontecer nos locais de parada a permanência constante de determinadas pessoas, que simpatizam com o pessoal que trabalha no carro-biblioteca.

É certo que não se pode contar como infalível e obrigatório um serviço voluntário mas, quando ele acontece, sabendo-se motivar, é possível que esse venha a se sentir gratificado por estar ajudando e sendo útil à sua própria comunidade. São geralmente pessoas mais velhas, aposentadas, que estão em casa em horário comercial.

O carro-biblioteca atende a uma média de 200 leitores por dia. Para utilizar os serviços, é somente necessário preencher uma ficha de inscrição e apresentar um comprovante de endereço. Cada um pode retirar, de cada vez e por 15 dias, dois livros e uma revista, mediante empréstimo renovável, desde que não haja reserva das publicações emprestadas por parte de outros leitores.

A estatística referente ao movimento de empréstimo aponta apenas o número de empréstimos e devoluções ocorridas em cada visita, sendo impraticável a quantificação de empréstimos por assunto, já que esse trabalho demandaria tempo e pessoal,

que o carro-biblioteca não dispõe. Ainda assim, os dados conseguidos reforçam a sua importância: em 1983, quase 10% da frequência total registrada pela Biblioteca Pública ocorreu através do carro-biblioteca e 35.290, dos 237.420 empréstimos efetuados no mesmo ano, deram-se por seu intermédio.

A região do Bairro Primeiro de Maio é a que registra uma frequência mais intensa de leitores, cuja maioria é de nível sócio-econômico baixo. Há uma presença marcante de leitores jovens e é comum uma média de 400 empréstimos em apenas quatro horas, segundo informações do Setor de Carros-Biblioteca.

O incentivo e a difusão da leitura é o papel primordial do carro-biblioteca. E é exatamente nessa função que ele depara com o seu maior desafio: a leitura não é difundida, muito menos estimulada, entre as camadas mais pobres da população brasileira. Para se aprender a ler, o indivíduo tem condições de fazer algumas etapas sozinho, embora necessite de orientação.

MARTINS (54:12) vai mais além quando diz que:

"não é necessário só o conhecimento da língua e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. Aprende-se a ler vivendo".

Através de informações pessoais transmitidas pela Prof<sup>a</sup> Maria Antonieta Antunes Cunha, da Faculdade de Letras da UFMG, e também como foi referenciado por ESCARPITT & BAKER (58:254), existe um consenso em afirmar que o gosto pela leitura é formado na idade pré-escolar, onde igualmente se formam as atitudes fundamentais. A leitura precisa fazer parte das atividades cotidianas da criança, tal como seus brinquedos.

MELO (58:255) acrescenta que o gosto pela leitura " não se faz de forma compulsória na escola. É algo que faz parte dos padrões culturais de um país, de uma comunidade. É uma atividade que se inicia na educação informal que é a família". A escola pode contribuir para sedimentá-lo. Mas, a rigor, a escola ainda não descobriu o livro, não preparou o estudante para tê-lo como uma base cultural.

Um dos problemas detectados como complicador no avanço da democratização da leitura, citado por DULCI (19:5) é a questão dos livros didáticos descartáveis. Seu problema não é simplesmente que eles chegam ao fim do ano e não podem ser mais usados, porque o aluno escreve lições no próprio livro. A questão é mais profunda. O problema real reside na situação de que eles são incompatíveis com um projeto racional e democrático.

"Ideologicamente autoritários, ocultam a verdade científica que não lhes convém... preconceituosos, discriminadores, julgam e negam as diferenças culturais pelos padrões metropolitanos e/ou burgueses dominantes".

FREIRE (30:34) afirma que

"na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura se dá a partir de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e temas ligados à experiência do educador".

A tarefa não é fácil. Várias pesquisas sobre a leitura mostram que ela praticamente inexistente, em relação a outras formas de lazer, por exemplo.

MEDINA (56 ) cita várias pesquisas, realizadas por estudiosos do assunto nas cidades de Brasília, São Paulo, Goiânia, Belo Horizonte, Santos e Curitiba. Em Brasília, detectou-se que a leitura ocupa 7,8% do total na preferência dos hábitos de lazer. Estes são os fatores constatados em quase todos os locais das pesquisas:

- há uma tendência a decrescer o processo de leitura depois do 2º grau;
- predominância de leituras, em ordem de preferência: revistas, jornais, revistas em quadrinhos, livros;
- mulheres lêem mais do que homens;
- velhos lêem menos que jovens.

Já na pesquisa de BOSI ( 11 ), que tinha por finalidade verificar no meio das operárias da periferia de São Paulo, Ca-

pital, se existia a leitura, foram detectadas várias limitações que afastam a operária da leitura: jornada longa e intensa, transporte difícil e moradia distante de alguma biblioteca, falta de centros recreativos culturais e salário todo gasto na sobrevivência. Motivos alegados: falta tempo, dinheiro. Cansaço, vista cansada, desinteresse. Das que lêem, constatou-se maior procura por revistas e o motivo alegado é que elas satisfazem os interesses imediatos (horóscopo, fotonovelas, vida dos artistas, contos, etc.).

AQUINO (5) observa que o tipo de leitura mais procurado pelos usuários do carro-biblioteca da biblioteca pública de Minas Gerais é a de lazer, tanto entre jovens quanto entre os adultos, sendo mais requisitados os livros da coleção "Romance com coração", que reúnem os conhecidos "água-com-açúcar": Sabrina, Bianca, Júlia e Barbara Kartland.

KREMER & TARGINO (45), que pesquisaram os carros-biblioteca do INL de Belo Horizonte e João Pessoa, respectivamente, também observaram uma grande incidência de leitores já adolescentes retirando livros de contos de fadas.

MILANESI (60), nos seus estudos fundamentados em pesquisa realizada sobre leitura na cidade de Ibitinga, São Paulo, também detecta a leitura de lazer como a preferida, principalmente pelos jovens: fotonovelas, revistas vendidas em bancas que são, entre outras, da mesma série referenciada por AQUINO (5).

MARTINS (54:57), fundamentada em Freud e Gramsci, afirma que esse tipo de leitura constatada por BOSI (11), AQUINO (5), KREMER & TARGINO (45) e MILANESI (60),

"não é uma compensação qualquer, mas a de um correlato imaginário de sua posição específica no sistema social.\* Situação em que se interpenetram carências econômicas básicas, graves limitações de cultura e a impossibilidade de transcender, pelos próprios esforços, o horizonte e o status que sua classe circunscreve... Na aparente gratuidade da leitura de uma novela, uma comédia cinematográfica, um romance policial ou pornográfico, está implícito o modo que encontramos para extravassar emoções, satisfazer curiosidades e alimentar nossas fantasias. Sentimentos esses que, no nosso cotidiano, não podemos ou não queremos expressar. A leitura transforma-se, então, numa espécie de válvula de escape. Mas não apenas isso: direta ou indiretamente ajuda a elaborar - através do relaxamento de nossas tensões - sentimentos difíceis de compreender e conviver. Assim sendo, o conceito de escapismo aplicado ao modo de ler torna-se ambíguo; embora possua uma carga pejorativa, o termo evasão pode significar "fuga para a liberdade e conseqüentemente uma abertura intencional de novos horizontes" ".

Por certo, não se pode imputar à leitura de romances o rótulo de alienante, ou simples lazer. Ela merece uma maior atenção porque, se o leitor conseguir transcender o texto, não o consumindo passivamente, este poderá vir a auxiliá-lo a ter respostas a uma realidade que lhe parece de difícil solução. Caso contrário, se o leitor o apreender em total

---

\* A autora se referencia especificamente a leitoras operárias.

submissão, torna-se vulnerável e os estragos causados podem ser consideráveis, pois ele se torna um sujeito fácil de ser manipulado.

A valorização do "saber ler" é devida à sua importância como instrumento de comunicação, de relações humanas, de crescimento pessoal. Mas o que se verifica na realidade deste país é que a leitura não é estimulada, principalmente entre as camadas mais pobres da população. Quem a desenvolve o faz a duras penas, como foi constatado nas pesquisas anteriormente citadas.

A infância, que é a época ideal para o desenvolvimento do gosto pela leitura, não está sendo auxiliada pela escola, conforme constatações também já referenciadas e principalmente detectadas através da pesquisa de MEDINA (56), quando verificou o decréscimo do ato de ler de pessoas que haviam terminado o 2º grau em várias cidades do país.

Segundo MARTINS (54:27), que baseou sua afirmativa em Paulo Freire,

"a crise da não-leitura vem de uma questão complexa: precariedade de condições sócio-econômicas, ineficiência da instituição escolar... Para a leitura se efetivar é necessário que ela venha a preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir de encontro com a necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos. A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas".



Portanto, a democratização da leitura depende de mudanças profundas e complexas. Depende da abolição de privilégios das camadas dominantes. Depende de uma democratização política da sociedade e de mudanças nas estruturas sociais e políticas.

É nesse contexto político, econômico e social não muito favorável em que se desenvolve a ação do bibliotecário extensionista que atua diretamente nas camadas mais pobres da população. É um desafio, é necessário estar consciente da situação e ser criativo, para se encontrar fórmulas que despertem o interesse dessa população pela leitura.

Uma das maneiras é levando a leitura que realmente possa interessar essa população. Se a leitura oferecida ao leitor estiver fora do seu contexto, ela não lhe interessará. A primeira leitura e, posteriormente, o desenvolvimento efetivo e permanente do gosto por ela, dificilmente se efetivará. O homem lê, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos. Não se cria o interesse pela leitura se esta não estiver ligada à vivência do leitor.

Essa é a concepção de Paulo Freire sobre o desenvolvimento do gosto pela leitura e é tomando-a como fundamental na linha de ação proposta neste trabalho extensionista, que foi desenvolvida esta dissertação.

Reconhecendo sua teoria como realista e correta quanto à criação e ao incentivo do desenvolvimento do gosto pela leitura, registra-se aqui mais uma das suas afirmativas sobre o assunto (30:34): " a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele".

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

"O compromisso próprio da existência humana só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" os homens verdadeiramente comprometidos ficam "molhados", ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro".

Paulo Freire. Educação e mudança.

Para seleção dos trabalhos e sua inclusão na revisão da literatura, procurou-se localizar publicações que, de alguma forma, pudessem contribuir para uma melhor definição e compreensão dos diferentes assuntos abordados. Também foram selecionadas algumas pesquisas realizadas no Brasil e no exterior, com a finalidade de identificar pontos comuns e conclusões importantes.

A fim de facilitar e sistematizar os passos na presente etapa, esta foi dividida nas seguintes partes:

- 3.1 extensão bibliotecária e carro-biblioteca;
- 3.2 recursos audiovisuais;
  - 3.2.1 audiovisuais na biblioteca;
- 3.3 o termo "comunidade".

### 3.1 Extensão bibliotecária e carro-biblioteca

A enciclopédia de KENT & LANCOUR (43:1) traz um longo verbete sobre carro-biblioteca. A definição é aqui transcrita: "O carro-biblioteca é uma biblioteca itinerante que traz livros e serviços bibliotecários aos leitores fora do alcance da agência central à qual pertence". Descreve vários tipos de carros, desde as suas primeiras manifestações e afirma que ele toma diversas formas, pois atende a diferentes lugares, determinadas pelas circunstâncias e necessidades: local, clima, densidade populacional, condições econômicas.

A importância do carro-biblioteca é que ele é uma ponte de mão dupla entre a biblioteca central e um potencial de usuários. Como função, KENT & LANCOUR (43) afirmam que ele é uma introdução aos serviços bibliotecários onde eles inexistem, um serviço interino para a fixação posterior de outros serviços bibliotecários, mas também uma forma de estender serviços a regiões muito distantes.

EASTWOOD (21:63) define o carro-biblioteca como

"uma forma de extensão bibliotecária, levando o serviço às pessoas que não têm a iniciativa, tempo, transporte, conhecimento, inclinação, habilidade ou dinheiro para fazer uso da biblioteca central".

A sua maior importância é que levou o bibliotecário para fora, a encontrar o povo pela primeira vez, ao invés de ficar esperando que o público fosse à biblioteca. O carro ampliou a influência da biblioteca, em suprir uma maior par-

cela da população, especialmente os de baixo nível de leitura, grupos marginalizados ou oprimidos, entre eles velhos e outras minorias. Este é o grande valor do carro-biblioteca para a profissão do bibliotecário: possibilitar a biblioteca atingir leitores desprivilegiados e, especialmente, leitores marginalizados. Essa oportunidade de trabalho precisa ser reconhecida e melhor utilizada.

Com relação à divulgação dos serviços de carro-biblioteca através de um audiovisual, que é o tema central desta dissertação, fez-se uma pesquisa em todos os índices, abstracts e bancos de dados em biblioteconomia a que se poderia ter acesso, não havendo nenhum retorno. Nem sobre divulgação em geral de carro-biblioteca obteve-se resultado. Boa parte da literatura revista só menciona o assunto, às vezes em um único parágrafo. Todos, sem exceção, tratam do tema de forma geral, enfatizando suas necessidades e citando, às vezes, métodos convencionais: uso de alto-falantes, cartazes, veículos impressos de divulgação no local, placas.

KENT & LANCOUR (43:43) citam que "todo tipo de mídia deve ser utilizada, incluindo jornais, rádio, televisão. O carro-biblioteca é muito "fotogênico". Fotografias podem ser constantemente usadas". O uso de recursos audiovisuais na divulgação do carro-biblioteca pode ser considerado como estando implícita nesta menção.

Através de um fascículo do periódico American Libraries, soube-se da existência de um concurso de audiovisuais, visando à divulgação de serviços bibliotecários e, entre eles, de serviços de extensão. Foi enviada correspondência aos organizadores do concurso, que informaram que os audiovisuais premiados não poderiam ser emprestados para fora dos Estados Unidos, não informando, conforme pedido, se havia algum especificamente para serviços de carro-biblioteca.

Acredita-se, desta forma, que esta dissertação trata de um tema inédito, tanto no país como no exterior.

Na bibliografia selecionada como relevante ou mesmo clássica sobre extensão bibliotecária, uma afirmação foi encontrada praticamente em todas as publicações: a necessidade de se ganhar a confiança das pessoas da localidade que serão atendidas por serviços de extensão bibliotecária e convidar também indivíduos da região para conjuntamente coordenar os programas. Dessa forma, inevitavelmente a extensão estará atendendo as reais demandas de necessidade de leitura do local.

Também BLACK (9) destaca que em determinadas regiões, é necessário se "transformar" em pessoa da comunidade: participar de reuniões e trabalhar ativamente com ela para entender seus problemas e pontos de vista. Afirma, inclusive, que o pessoal envolvido em educação de adultos é mais sensível sobre a necessidade de inclusão de serviços de bibliotecas em seus programas.

POWELL (69:39) confirma que "ter o povo usando a biblioteca sempre depende de ter que conhecer o povo". Isso depende de saber onde mora, como vive, o que come, o que joga, quem são seus heróis e líderes e, o mais importante, como pode a biblioteca ajudá-lo no seu dia-a-dia. Essas questões podem ser respondidas, às vezes, por uma simples e cuidadosa observação.

CHANDLER (17) também afirma que a necessidade de se conhecer a comunidade é fundamental para a sobrevivência do serviço bibliotecário oferecido, principalmente porque a extensão atenderá uma comunidade com problemas sérios de subsistência e de semi-analfabetos.

BULLOCK (13) condena a biblioteca de extensão a morrer, se não conhecer a sua comunidade, se oferecer os serviços tradicionais da biblioteca matriz.

LANNA (46) enfatiza que a pessoa humana é um ser que convive com outros seres, em constante diálogo. É, portanto, através da comunicação que se consegue desenvolver a educação. A extensão é um processo dinâmico que visa à mudança. Nesse contexto, a relação comunicativa, isto é, a co-participação entre biblioteca e usuário, torna-a conhecida, usável, útil e inserida no contexto sócio-cultural da comunidade, num movimento de integração e reciprocidade plena.

Devido à escassa literatura brasileira sobre carro-biblioteca, o levantamento bibliográfico nessa etapa foi exaustivo. Os serviços de carro-biblioteca existentes no Brasil, ou que já existiram, são poucos, principalmente levando-se em consideração a extensão territorial do país.

SILVA (76) afirma que a finalidade do carro-biblioteca na Bahia é de incentivar o hábito de leitura, visando a populações de bairros de periferia, altamente povoados e de renda baixa. Faz uma constatação: quanto mais baixo o poder aquisitivo, mais difícil atingir o grau desejado de motivação da leitura. É então necessária uma motivação até mesmo agressiva, obtendo-se assim bons resultados. A programação cultural é muito importante para motivar o uso do carro. A divulgação é feita através de panfletos distribuídos nas paradas do carro, nas bibliotecas, escolas e locais de passagem obrigatória do público.

KREMER (44), em seu trabalho sobre o carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG, que atua na periferia da cidade de Belo Horizonte, constatou que o seu maior meio de divulgação é o boca-a-boca, ou seja, os usuários ficam sabendo da sua existência através de um colega, amigo ou parente.

TARGINO (80) menciona os meios de divulgação tradicionais, como utilizados pelo carro-biblioteca da Paraíba: meios de comunicação de massa, impressos fixados em locais de trânsito de pessoas.



DUMONT (20) destaca a necessidade primordial de se conhecer o usuário e o não usuário, como se aproximar dessas pessoas, de padrões diferentes daquelas normalmente atendidas pela matriz do carro-biblioteca. É necessário ir ao local, interrogar, observar, pesquisar.

Podemos traçar um paralelo entre três serviços de carro-biblioteca existentes no Brasil: o da Paraíba, o da Escola de Biblioteconomia da UFMG e o da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Com referência aos dois primeiros, KREMER & TARGINO (45) já fizeram um estudo comparativo, analisando a demanda de material de leitura em populações de baixo nível econômico. É constatada a maioria de usuários do sexo feminino, a predominância da faixa etária de 10 a 12 anos, poucos adultos.

Praticamente o mesmo foi detectado por AQUINO (5) na Biblioteca Pública de Minas Gerais, mas a predominância de crianças nos dois primeiros é bem maior.

Os romances nacionais e estrangeiros têm a preferência dos leitores nos três estudos. As revistas são também muito procuradas segundo o relato das autoras, principalmente as de quadrinhos e as fotonovelas. Têm boa clientela as informativas, como Veja e Isto é.

Outro fato constatado nos três serviços de carro-biblioteca:

a procura para a inscrição como leitor é boa, mas a continuidade, a sua frequência vai decrescendo com o passar do tempo. As populações atendidas são flutuantes desde o início da prestação do serviço.

### 3.2 Recursos audiovisuais

Nesta etapa da revisão da literatura houve a preocupação de se pesquisar as vantagens dos recursos audiovisuais e a possibilidade de sua aplicação como veículo de divulgação do carro-biblioteca.

ESHELMAN (23) informa que o início da intensificação de uso dos audiovisuais foi para fins de treinamento de pessoas, o que aconteceu na II Guerra Mundial, quando o exército norte-americano passou a utilizá-lo para o treinamento de militares. O audiovisual, devido ao sucesso, foi transportado para o sistema de ensino formal. Uma das alegações ao seu uso é de que o espectador não precisa usar de imaginação para criar uma imagem, o que acontece quando ele está lendo um livro. É perfeitamente plausível a ajuda de filmes, slides e televisão no incentivo à leitura e aumento do gosto por ela. O autor menciona uma pesquisa sobre níveis de retenção no aprendizado, na qual constatou que:

"os alunos retêm 10% do que é lido, 20% do que é escutado, 30% do que é visto. Do que é escutado e visto, retêm-se 50%; daquilo que se fala ao ver, 70%; daquilo que se fala ao participar plenamente da atividade, 90%".

ROSA (73) também menciona níveis semelhantes de absorção da aprendizagem, quando ela se efetiva consciente ou inconscientemente: do que somente se lê, 10%; do que se ouve, 20%; do que se vê, 30% e do que se ouve e vê, 50%. A autora reforça que os recursos audiovisuais não substituem os materiais bibliográficos. Pelo contrário, eles se interagem, um enriquecendo o outro.

ENGEL (22) discorre sobre a importância dos meios de comunicação de massa, visto a rapidez com que o processo social hoje se desenrola, baseado principalmente nos avanços da ciência e da tecnologia. Mas salienta que a sua desvantagem reside exatamente numa das características básicas dos meios de comunicação de massa: eles são unidirecionais, no sentido emissor-receptor. O meio ideal de comunicação seria aquele em que o espectador não se aprisionasse, pelo contrário, que viesse libertá-lo, enriquecê-lo e, principalmente, conduzi-lo a um diálogo. O autor considera o audiovisual um dos instrumentos de comunicação mais idôneo, uma vez que (22:1):

- a) "tem as características dos meios de comunicação de massa, pois utiliza os mesmos mecanismos para influenciar a psique do homem, que incentivados e treinados já atuam no indivíduo desde a infância;
- b) dirige-se a um grupo de pessoas e não a massa. Podemos identificar um objetivo para cada caso específico;
- c) é um instrumento excelente para a formação do homem. É capaz de criar em torno de si um grupo onde pode se discutir em diálogo aberto, aprofundar pontos de vista e conseguir uma consistente consolidação de uma escala de valores".

A combinação dos elementos fala-som-imagem propicia a mais completa comunicação, pois fazem parte da psique humana. O segredo do audiovisual é que ele é um processo de comunicação integral, pois atinge o homem como um todo através de seus elementos básicos: a palavra, a imagem e o som. O que depende é do "como" usá-lo com a maior eficiência. O autor cita como vantagens do audiovisual (22:2):

- a) "como método de comunicação integral, resulta numa comunicação eficiente, sendo um meio eficaz contra o intelectualismo, o coletivismo, a massificação, a despersonalização;
- b) como meio de comunicação em grupo, é um antídoto contra os efeitos negativos dos meios de comunicação em massa;
- c) como instrumento na mão dos próprios grupos, incentiva a criatividade, o aprofundamento dos próprios conhecimentos, o diálogo, torna-se uma parte da própria vida grupal, permitindo revelar o talento de seus componentes;
- d) como linguagem de comunicação, destaca o valor intrínseco da imagem estática, dando oportunidade à contemplação e, conseqüentemente, à reflexão".

Já MELLO (57:37) tem uma definição mais técnica do sistema:

"é um processo de comunicação na qual mensagens múltiplas, devidamente codificadas, são transmitidas com a utilização concomitante de dois canais distintos, a imagem e o som, cada um deles podendo abrigar diferentes códigos".

Relaciona como vantagens do audiovisual(57:43):

- a) o slide é de alta qualidade fotográfica, superior ao filme;

- b) a sua estrutura é aberta e sua montagem facilitada pela existência de dois suportes distintos e fisicamente separados: o filme, para a imagem, e a fita magnética, para o som;
- c) a qualidade do som a ser conjugado, dependendo do equipamento disponível, atinge níveis de grande apuro técnico, sem maiores investimentos;
- d) os custos de produção e apresentação podem atingir valores extremamente baixos com uma câmara fotográfica das mais baratas e populares, um gravador minicassete e um projetor de slides mais simples, sendo possível produzir, com talento e criatividade, um bom programa audiovisual.

São citadas por FONTAINE (29) como vantagens dos audiovisuais, a facilidade de ser mostrado para grandes ou pequenos grupos, a facilidade de atualização e o fato de ser menos oneroso do que um filme. O autor ainda faz uma avaliação desse sistema, mostrando que aspectos limitativos, tais como a necessidade de projetores e energia elétrica, são compensados pela extrema flexibilidade do material. Um conjunto de diapositivos pode facilmente ser carregado para qualquer lugar. Um monitor com o mínimo de treinamento pode perfeitamente utilizá-los para suscitar uma discussão. A série pode ser interrompida quando houver interesse. Novos diapositivos podem ser acrescentados, com problemas específicos da área em que forem mostrados. Um meio de comunica-

ção que não permita uma reflexão crítica e a possibilidade de uma resposta criativa é apenas manipulador. Tem-se que oferecer aos que assistem a projeção a possibilidade de discutirem e fazerem as suas críticas, mudando, interferindo, recriando a mensagem, tornando-se co-autores a partir desse processo de discussão comum. O audiovisual não pode ser separado desta metodologia de uso.

GIACOMANTONIO (35), como ENGEL (22), enfatiza a preocupação de que o método audiovisual não deve cair nas mãos dos que manipulam o poder, correndo-se o risco de ele se tornar um instrumento funcional ao domínio ideológico constituído. Acrescenta também as vantagens de não ser um método unidirecional de informação e de possuir mecanismos que o tornam um veículo de informação preferencial na comunicação indivíduo-meio (platéia pequena permite discussão). Por isso possui a capacidade de penetração, de condicionamento. Cita três níveis de atenção, referentes à leitura de uma imagem (35:31):

- a) instintivo: percepção, elementos emotivos, cores, formas, expressões e evocações imediatas;
- b) descritivo: análise dos elementos componentes da imagem;
- c) simbólico: mecanismo do conhecimento, nível racional.

MOREIRA (62) também destaca em seu trabalho a importância dos meios de comunicação de massa no contexto brasileiro,

como estímulo comunicacional, e os problemas acarretados quando eles são usados como instrumentos de dominação. Como crítica ao método audiovisual que algumas pessoas fazem, de que ele massifica e gera passividade no aluno, ressalta que o núcleo do problema reside exatamente na sua grande vantagem: o poder de penetração que o audiovisual possui. Esta é a razão de uma censura pública empenhada em proibir certos filmes, até que passe sua possibilidade de contribuir para uma mudança social. Considera o audiovisual uma conjunção de três sistemas de linguagem: icônico, verbal e musical que, unificados, resultam em um quarto sistema. Isso vem a proporcionar um universo referencial extremamente rico e, portanto, oferece maior oportunidade de crescimento.

Quanto ao humor como elemento importante no audiovisual, CECCON (15) o defende como forma de transmitir uma série de dados e engajar a audiência. O desenho de humor permite que se representem visualmente elementos que, na sua origem se encontram separados, camuflados, que são diferentes entre si, contraditórios. O desenho de humor permite que esses elementos se juntem e se realizem coisas que a fotografia e o desenho dito sério não conseguem fazer. O desenho de humor exige de quem entra em contato com ele uma participação, um esforço de decodificação que só é possível na medida em que o objeto de que trata o desenho seja de alguma forma uma experiência familiar ao decodificador. O autor é o decodificador de uma informação que existe em estado bruto, informação essa que foi recolhida, elaborada e de-

volvida. Quem a recebe não o faz passivamente. A informação é re-elaborada por quem passa a ser, a partir daquele momento, co-autor. Estabelece-se uma parceria, uma cumplicidade entre ambas as partes. O humor ajuda esse processo de apreensão, na medida em que ele justamente não é sério e sisudo. A foto "fala" de uma determinada situação, mas necessita que ocorra uma série de acasos para que ela seja feita. É preciso que o fotógrafo não só saiba ver, mas esteja presente no tempo certo.

O desenho de humor goza de uma liberdade extrema. Ele pode juntar as coisas inverossímeis, mostrar coisas irrealizáveis, utilizar a linguagem dos sonhos, reorganizar a realidade de maneira a mostrar as entranhas de quem a engendra. Uma caricatura, forma particular de desenho de humor, pode revelar aspectos dissimulados no personagem caricaturado. O desenho de humor incomoda porque pode falar com irreverência de pessoas, não enquanto indivíduos, mas enquanto portadores de dogmas morais, representantes de instituições e coisas que são cercadas por uma "seriedade" que as torna intocáveis, que seus defeitos só podem ser mostrados por via indireta. Há uma faceta de fazer rir que não é inconseqüente e sim tem como motivo fazer expor a verdadeira natureza escondida do que se quer mostrar. A caricatura desvela ligações, nexos, associações que, até aquele momento, eram apenas implícitas.

Uma experiência com o uso do audiovisual em comunidades



pobres de países de terceiro mundo foi relatada pelo CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y DESARROLLO DE LA EDUCACIÓN (16) no Chile. A finalidade era a educação de adultos e o método foi desenvolvido por monitoras, através de fitas de audiovisual, para toda a família. A hipótese levantada, de que a assistência seria mais alta nas reuniões em que se apresentariam diapositivos, se confirmou amplamente. Foram produzidos sets de diapositivos para facilitar a problematização, que representavam situações da vida diária do camponês. As fotos foram tomadas nos ambientes das famílias campesinas, para facilitar a identificação.

### 3.2.1 Audiovisuais na biblioteca

Houve também a preocupação de se localizar publicações que tratassem da utilização de audiovisuais na biblioteca.

ORGREN (67) ressalta a necessidade do planejamento de um audiovisual, enfatizando que é fundamental ter bem estabelecidas as finalidades e resultados a serem alcançados, tendo sempre como referência a audiência que se deseja atingir, adequados aos serviços que estão sendo oferecidos.

USHERWOOD (85), no seu livro sobre relações públicas para bibliotecas públicas, afirma que o uso do audiovisual obtém excelentes resultados quando utilizado para promover serviços bibliotecários. Pode ser usado para transmitir informações sobre os serviços da biblioteca, instruir usuários,

promover seus serviços e para estimular usuários em potencial. O audiovisual pode ser montado para ser visto casualmente por visitantes da biblioteca, sendo exibido na entrada dela ou para grupos determinados. O autor não faz menção do audiovisual para a promoção de serviços de extensão de bibliotecas. Como ORGREN (67), reafirma que para ser um meio efetivo de comunicação, dependerá essencialmente de um prévio planejamento: tipo de audiência que se deseja atingir, a quantidade exata e adequada de informação a ser transmitida, a escolha dos slides e da fala, que devem ter uma sequência lógica, tendo-se sempre a preocupação centrada na audiência. O sucesso do audiovisual depende exatamente da correta coordenação da informação entre o oral e o visual. A utilização de música de fundo executada por um intérprete da localidade onde será exibido o audiovisual é sempre estimulante, pois valoriza o artista local e aproxima a mensagem que vem de outra esfera com aquela comunidade.

Praticamente toda a literatura sobre o assunto enfatiza que a escolha do estilo apropriado para a audiência é fundamental. Pode ser informal, informativo, dramático, sério, de humor ou uma combinação de estilos.

É ponto comum nos trabalhos sobre carro-biblioteca pesquisados na revisão da literatura, recomendar-se a divulgação de seus serviços através dos meios "tradicionais", ou seja: distribuição de panfletos, uso de alto-falantes, contatos com lideranças locais, fixação de cartazes em locais de mo-

vimento, etc. Apenas HEALY (37:76) faz uma recomendação sobre o uso de audiovisuais, resumida em duas frases: "Filmes e fitas podem ser usados a bordo (do carro-biblioteca) para promover seu uso. Eles são tão compactos e portáteis que se tornarão sem dúvida muito populares".

### 3.3 O termo "Comunidade"

O uso tão abrangente, nos dias atuais, do termo "comunidade" levou a uma procura de sua conceituação segundo renomados sociólogos.

Para FERNANDES (26:60) comunidade é o

"que denota as sociedades consideradas do ponto de vista da distribuição geográfica, de indivíduos e instituições de que elas são compostas, o que significa que cada comunidade é uma sociedade, mas nem toda sociedade é uma comunidade... O termo sociedade pode ser usado livre e amplamente, inclusive para descrever as aglomerações vegetais e animais".

FICHTER (27:153) concorda que os termos comunidade e sociedade são usados e interpretados confusamente, com equívocos. Ele define como comunidade

"um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que se servem de meios comuns para lograr fins comuns. A comunidade é apenas um setor organizado da sociedade total, não precisamente uma sociedade... Uma comunidade é essencialmente ligada ao solo, no sentido de que os indivíduos vivem permanentemente numa dada área, tem consciência de pertencer tanto ao grupo como ao lugar e

funcionam conjuntamente nos principais assuntos da vida. A comunidade é, essencialmente, uma agrupação ou uma rede de pequenos grupos, porém, em sua totalidade, pode-se distingui-la em muitos aspectos como um grande grupo social. Os membros da comunidade têm consciência das necessidades dos indivíduos dentro e fora de seu grupo imediato e tendem a cooperar estreitamente".

Tendo como referencial as características de comunidade anteriormente citadas pelos dois sociólogos, podemos facilmente transpô-las para a comunidade conhecida como do Bairro Primeiro de Maio, situada na zona norte de Belo Horizonte, mas que na realidade se subdivide em mais três bairros menores e uma favela. Essa foi a comunidade escolhida para se desenvolver a pesquisa de campo desta dissertação.

Seus moradores vivem numa determinada área geográfica e têm forte consciência de pertencerem a um grupo. Esse sentimento foi detectado principalmente através do grande número de associações de diversos segmentos da população e de grupos de manifestações artísticas e religiosas.

Outra característica fortemente manifestada pela comunidade é a do mutirão. FERNANDES (26) afirma que esta é realmente uma manifestação marcante em comunidades carentes.

Tal característica foi muito bem exemplificada através das entrevistas feitas com os líderes e moradores antigos da comunidade.

Outro exemplo é o de uma pesquisa domiciliar executada pela associação de moradores Jovens e Adultos a Serviço da Comunidade - JASC (41), durante os domingos e dias de folga dos seus associados. Nela foram detectadas características e problemas peculiares à comunidade, não mencionadas nas publicações dos órgãos governamentais.

Outro trabalho da JASC é o jornal Recado. Nele podem-se notar problemas e ações conjuntas da comunidade, tais como: condução coletiva, reivindicações junto à Companhia de Transportes Urbanos da Região Metropolitana de Belo Horizonte - METROBEL, creches, mutirões, etc., bem como seu papel como veículo de elucidação de certos problemas vinculados à luta das classes oprimidas.

MELO (59) destaca em seu livro a importância da imprensa subalterna na difusão e esclarecimento de dificuldades da comunidade que o edita.

Também GRAMSCI (59:12) afirma que

"os meios de comunicação das classes subalternas têm sido instrumentos eficazes para a penetração de ideologia das classes dominantes no seio das classes trabalhadoras, mas, contraditoriamente, têm se revelado também como canais expressivos para a disseminação daqueles brados de revolta contra a exploração, ora ostensivos, ora camuflados, com que os oprimidos vão tecendo uma cultura de resistência à dominação capitalista".

É bom salientar que os dois trabalhos feitos pela JASC, o da pesquisa domiciliar e o do jornalzinho, foram incentivados pela paróquia local. Essa ligação é bem explicada por RUBIM (59:53), principalmente no que se refere à impressão do jornal: dificuldades financeiras, (pobreza devida à falta de publicidade e leitores pobres) como também dificuldades advindas da perseguição por parte do governo. O autor salienta ainda a importância política e científica da imprensa subalterna (59:50):

"Política, porque pode armar a classe operária e outros setores proletários da memória das suas lutas de classe; e científica porque supera a visão ideológica e "repõe" a contradição no real. Apesar de seus limites de situação dominada, torna-se manifestação importante do "real oculto" das classes subalternas, em particular nos momentos de agudização das lutas de classe".

#### 4 METODOLOGIA

"Ciência sem consciência é a ruína da alma".

François Rabelais. Citado por Carlos Brandão, Participar-pesquisar.

Para se definir a metodologia de pesquisa a ser desenvolvida neste trabalho, houve a preocupação de que esta fosse fundamentada em um referencial teórico, mas a revisão da literatura demonstrou a sua inexistência.

Optou-se então por um trabalho de caráter exploratório que , segundo SELLTIZ (75), caracteriza-se pelo fato de que o que foi proposto ainda não foi testado cientificamente. É o tipo de estudo recomendado em áreas onde se observa uma insuficiência de base teórica.

Todavia, a pesquisa exploratória apresenta uma série de dificuldades, principalmente uma certa descrença quanto ao seu cunho científico, como ressalta KAPLAN (42), uma dificuldade inerente ao seu desenvolvimento; torna-se um trabalho mais difícil, visto que depende muito da capacidade integradora do pesquisador, de sua capacidade para reunir, numa interpretação unificada, muitos e diversos aspectos da informação.

Uma vez estabelecida a finalidade da pesquisa, o primeiro passo no sentido de se traçar a linha de ação deve ser o planejamento de um procedimento de pesquisa "ideal", conforme ressalta ACKOFF (2:66):

"ou seja, o pesquisador deve indicar como gostaria de orientar-se para a solução do problema, se tivesse completa liberdade de ação... Obviamente, ele tem conhecimento, experiência e intuição das quais partir. Através de contatos pessoais, pode-se utilizar do conhecimento, experiência e intuição de outros (tanto cientistas como não cientistas), seja buscando-os individualmente ou em grupos de consulta".

Um levantamento bibliográfico atualizado sobre metodologia da pesquisa social mostra uma certa tendência a se desenvolver a pesquisa-ação, ou participante, principalmente quando o universo da pesquisa é composto de comunidades operárias, grupos marginais urbanos ou outras classes mais carentes das estruturas sociais. Nessas comunidades é comum o pesquisador ser percebido como elemento estranho e, conseqüentemente, a sua ação na obtenção de informações pode ser prejudicada pela desconfiança dos informantes. A técnica utilizada na pesquisa-ação visa facilitar o levantamento de informações as mais precisas possíveis. Segundo BRANDÃO (12:12)

"essa técnica surgiu naturalmente, dada a necessidade do pesquisador por um fio de lógica, achar que a realidade investigada



não é a sua, mas a da própria cultura que investiga. Como é expressa pelos sujeitos que a vivenciam".

THIOLLENT (82:14) afirma que a pesquisa-ação deve ser realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. O pesquisador e os participantes representativos da situação ou do problema devem estar envolvidos de modo cooperativo ou participativo, sendo que a participação do pesquisador é explicitada dentro da situação de investigação.

A linha de pesquisa deste trabalho teve como pressupostos básicos algumas propostas da pesquisa-ação nas etapas de levantamento de informações, observações in loco, desenvolvimento de entrevistas e, principalmente, na tentativa de envolvimento com a comunidade pesquisada.

Já a tabulação, a análise de dados e suas conclusões tiveram maior ênfase na orientação de autores considerados clássicos na pesquisa social: ACKOFF (2), SELTZ (75), KAPLAN (42).

O estabelecimento dessa linha de ação foi definida devido à complexidade de um trabalho dessa natureza e ao grande número de pessoas envolvidas, que exigiriam uma equipe de trabalho, caso fossem seguidas as etapas da pesquisa-ação sugeridas por seus teóricos. Seria impossível desenvolvê-la um só pesquisador, tendo ainda as delimitações de um trabalho acadêmico.

Mas, como já referenciou THIOLENT (82:102), a pesquisa-ação

"é sobretudo uma orientação de pesquisa cuja aplicação, experimentação ou intervenção não exclui outros recursos técnicos mais convencionais, que permanecem necessários em certas circunstâncias. O papel da metodologia consiste em descrever e avaliar as propriedades, qualidades, insuficiências e distorções que são inerentes a cada técnica. A pesquisa-ação não pretende substituir todas as outras. Em particular, ela se aplica a grupos de pequena ou média dimensão; técnicas abrangentes sempre serão necessárias. No entanto, o principal desafio da pesquisa-ação consiste em produzir novas formas de conhecimento social, novos relacionamentos entre pesquisadores e pesquisados e novos relacionamentos de ambos com o saber".

A execução da pesquisa aqui relatada cumpriu as seguintes etapas:

- 4.1 Conhecimento do carro-biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa;
- 4.2 Seleção e delimitação da área geográfica de circulação do carro-biblioteca a ser pesquisada;
- 4.3 Pesquisa de campo.

4.1 Conhecimento do carro-biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa

O Setor de Carros-Biblioteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa colocou à disposição todas as publicações que possuía sobre o carro, inclusive as de uso interno, tais como relatórios, estatísticas anuais e outras; tais publicações, entretanto, continham apenas informações de natureza quantitativa (número de leitores inscritos e número de empréstimos realizados em cada visita), não havendo nenhuma avaliação de desempenho formalizada; apenas observações empíricas da vivência do pessoal que trabalha no carro-biblioteca.

Porisso, foi necessário realizar entrevistas com: Prof<sup>ã</sup> E-telvina Lima, chefe da Divisão de Extensão da Biblioteca Pública à época da implantação dos serviços do carro; Theresa Maria Sotto Maior Esteves, chefe dessa mesma divisão à época da entrevista e Maria de Lourdes Fonte-Boa, ambas com experiências na área que remontam a mais de 10 anos.

As entrevistas com as duas bibliotecárias foram gravadas, visando a ter registro de todas as informações obtidas, e as transmitidas pelas pessoas mencionadas constituíram grande contribuição a este trabalho.

#### 4.2 Seleção e delimitação da área geográfica de circulação do carro-biblioteca a ser pesquisada

Idealmente, a pesquisa deveria abranger todo o universo de leitores atendidos porém, considerando-se as limitações dos recursos humanos, materiais e financeiros disponíveis, optou-se por reduzir o âmbito da mesma a um bairro que se configurasse numa amostra representativa desse universo, o que seria possível, desde que, obviamente, não fossem constatadas diferenças marcantes entre os mesmos. A existência de similaridades seria verificada, em primeira instância, mediante visitas efetuadas a cada um dos bairros e confirmada posteriormente através da literatura afeta a eles, bem como a partir de informações fornecidas pelos elementos que trabalhavam no carro-biblioteca.

A partir dessas constatações, o segundo passo seria a escolha do bairro que melhor representasse o conjunto servido pelo carro-biblioteca, ou seja, aquele que mais intensamente apresentasse os seguintes quesitos:

- a) maior frequência e maior número de inscrição de leitores, considerando-se que, através de uma experiência positiva, a possibilidade de se conseguir subsídios relevantes para o objetivo da pesquisa era muito maior. É provável que uma experiência negativa também viesse a contribuir bastante; entretanto, no caso específico do carro-biblioteca, os insucessos foram determinados, de acordo com informações das bibliotecárias entrevistadas, pelo mesmo motivo: a instalação de bibliotecas escolares, nas imediações, as quais teriam atraído os usuários do carro, na maioria crianças em idade escolar;
- b) localização do carro em área que permitisse o atendimento a pessoas de bairros circunvizinhos, ou seja, que sua ação tivesse maior raio de abrangência;
- c) existência, no bairro, de uma comunidade carente, já que uma das principais finalidades do carro é atendimento a pessoas de recursos escassos e que habitassem a periferia da cidade;
- d) existência de maior riqueza de informações oficiais sobre a área (fruto de outros estudos), bem como facilidade em obtê-las.

Para efetivação da escolha, fundamentada nos quesitos estabelecidos, foi necessário o acompanhamento in loco do trabalho desenvolvido pelo carro. Dos dez bairros servidos, quatro foram selecionados por apresentarem a maioria desses quesitos: Pompéia, Primeiro de Maio, Santa Inês e São Paulo.

Esse contato foi de vital importância para a tomada de decisão quanto à comunidade que seria daí em diante o objeto da pesquisa. Foi sobremaneira útil, também, na obtenção de mais subsídios para a consolidação do instrumento que serviria futuramente à pesquisa propriamente dita, pois nessas ocasiões foi aplicado a 37 usuários o pré-teste da entrevista que deveria ser desenvolvida junto aos leitores, durante o trabalho de campo. Tal procedimento permitiu que se verificasse a clareza das questões e a possibilidade de se obterem realmente os dados solicitados. O fator que determinou o número das entrevistas foi simplesmente o tempo de permanência do carro nas quatro comunidades, nos dias em que foram visitadas.

Através do acompanhamento dos trabalhos do carro-biblioteca nesses locais de parada, ficou evidenciado que:

- a) os bairros eram muito semelhantes no que concerne ao nível sócio-econômico; um dos indicadores observado foi o padrão das construções; embora em alguns locais existissem residências consideradas de padrão médio, situavam-se ao lado delas, com muita frequência, habitações bem precárias, do tipo cortiço;
- b) a composição do tipo de usuários do carro não se diferenciava, numa comparação bairro a bairro, em termos de faixa etária, sexo e tipos de leitura mais procuradas;

c) o Bairro Primeiro de Maio era o que reunia com mais intensidade os elementos de representatividade do universo de seus usuários, ou seja:

- é o bairro que tem maior frequência de leitores entre todos os bairros servidos pelo carro-biblioteca. Já houve, inclusive, ocasião em que se fazia visita ao local semanalmente, porque o pessoal técnico que acompanhava o carro nas visitas não tinha condições de atender a todos os usuários que o procuravam na visita quinzenal;
- o carro, que estaciona numa praça que marca a divisa entre o bairro Primeiro de Maio e o bairro Providência, atende ainda a pessoas de vários outros bairros, entre eles Suzana, Aarão Reis, Minaslândia;
- é o bairro mais carente, dentre todos aqueles servidos pelo carro (ver seção de caracterização detalhada da comunidade, CAP. 5);
- tal bairro apresentava ao pesquisador maior facilidade na obtenção de dados e informações, dada a existência de líderes comunitários e de pessoas que lidam em instituições sociais ou de ensino. Pôde-se também contar com a receptividade do pessoal da

paróquia desde a primeira visita feita ao bairro, devido ao dinamismo e interesse dele em sempre melhorar as condições do mesmo;

- a existência, já nesta ocasião, de uma pesquisa domiciliar realizada pela própria comunidade (41), que foi muito útil na fase de caracterização da comunidade pesquisada (CAP. 5), pois acredita-se que ela identifica dados e problemas peculiares à comunidade e por ela percebidos.

A AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA DO RECIFE (1:87) distingue bem a importância das pesquisas realizadas por elementos do próprio universo, ao comentar um dos seus trabalhos:

"às vezes o trabalho foi difícil, porque foi feito pelos próprios operários e eles não estavam acostumados a lidar com questionários e pesquisa, mas por isso mesmo teve muito valor, porque sendo uma conversa entre companheiros, as respostas que foram dadas são provavelmente mais sinceras e também mais explicadas, depois de uma boa conversação entre operário-entrevistador e o operário-entrevistado".

Influiu também nesta decisão o conhecimento pessoal, obtido anteriormente em trabalhos semelhantes com a comunidade, quando aluna do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UFMG. Já havia entre a pesquisadora e alguns elementos-chave da comunidade um relacionamento de confiança. Deu-se



nessa ocasião o desenvolvimento de um estudo sobre as necessidades de informações das pessoas, visando à posterior implantação, no bairro, de um centro referencial - serviço que consiste em prover a comunidade e a cada um dos usuários da biblioteca, de todos os níveis sócio-econômico e culturais, de informações pertinentes e indicação de recursos que possam atender as suas necessidades de serviço e assistência.

Para se obter informações sobre a comunidade, tendo como objetivo o conhecimento e entendimento do modus vivendi de seus habitantes, bem como envolvê-los no projeto de pesquisa, foram empreendidas ações, que tiveram como linha mestra as etapas sugeridas por FREIRE (32:38):

Empreenderam-se então as seguintes atividades:

- observação, no local, das características físicas do bairro, incluindo as ruas, os padrões das construções domiciliares e de comércio, as praças, o porte das instituições locais, tais como igrejas, grupos escolares e centros sociais, cartazes, letreiros e anúncios afixados, entre outros elementos do bairro;
- informações adicionais, obtidas através das publicações de órgãos governamentais, em levantamento efetuado nos seguintes órgãos: Superintendência de Desenvolvimento da

Região Metropolitana de Belo Horizonte - PLAMBEL, Programa de Desenvolvimento de Comunidades da Secretaria de Planejamento de Minas Gerais - PRODECOM, Superintendência de Desenvolvimento da Capital - SUDECAP e Fundação João Pinheiro.

Quanto às visitas aos líderes responsáveis pelos organismos da comunidade, houve uma boa receptividade por parte das que foram entrevistadas e que forneceram valiosas informações sobre:

- a história do bairro, seus valores, suas crenças;
- as formas de luta em prol das melhorias das condições de vida da comunidade;
- as manifestações culturais: congado, capoeira, feiras de artesanato;
- atividades de lazer: festas, footing aos domingos na praça, discoteca;
- instituições oficiais e não oficiais em funcionamento na comunidade: grupos, igrejas, colégios, centro social urbano;
- informações escritas e editadas por moradores do bairro;
- condições de moradia, ensino, saúde, alimentação e religião da comunidade.

Quanto a valoração de critérios qualitativos levantados nessa etapa, THIOLENT (82) afirma que ela se faz através da interpretação ou argumentação controlada. Deve-se planejar amostras de pessoas e entrevistar com profundidade, as chamadas "amostras intencionais".

Outras entrevistas foram desenvolvidas no decorrer da fase de pesquisa de campo, à medida que se fizeram necessárias. Segundo GAJARDO (33), os processos iterativos de ida e volta da informação são muito importantes como estratégia metodológica de retroalimentação.

Contribuiu também para facilitar a aceitação das entrevistas o objetivo de estudo da pesquisa. O fato de o carro-biblioteca já ter larga aceitação pela comunidade auxiliou a quebrar a primeira resistência e desconfiança natural que as pessoas têm ao serem entrevistadas por um elemento estranho ao seu ambiente.

À medida em que foi havendo aceitação mais ampla e simpática à proposta, sentiu-se a necessidade de reuniões mais extensas com a presença de pessoas associadas à entidades identificadas.

Foram feitas visitas aos locais dos cursos profissionalizantes, das escolas, das reuniões de grupos de pais, de jovens e da redação do jornal Recado (72).

Os momentos de convívio social foram igualmente freqüentados e observados: bazar da paróquia, apresentação do grupo folclórico, do congado na igreja paroquial, que se transformou nessa ocasião em um verdadeiro culto ecumênico.

Entre as lideranças consultadas, subsidiaram grandemente a elaboração do perfil do bairro os seguintes elementos:

- duas assistentes sociais, que trabalham junto à paróquia, em caráter voluntário, nas áreas de catequese e assistência social;
- uma professora, coordenadora do setor de catequese da paróquia, e líder de um dos grupos de jovens da comunidade;
- duas antigas moradoras do bairro;
- um antigo morador do bairro;
- o presidente da JASC, uma das associações de moradores do bairro;
- uma psicóloga, supervisora regional do Movimento Brasileiro de Alfabetização- MOBRAL;
- o vigário da paróquia local.

Dados e informações sobre os usuários do carro-biblioteca da quela comunidade também foram pesquisados, através do livro de registro de leitores e da ficha de inscrição do carro. Obtiveram dessa maneira, as seguintes informações:

- composição do número de usuários, considerando os fatores idade, sexo, bairro de residência e profissão;
- evolução anual do número de registro de novos usuários.

#### 4.3 Pesquisa de campo

No sentido de complementar os dados secundários e informações coletadas nas etapas anteriores, seria imprescindível realizar uma pesquisa de campo. Para tanto optou-se pela utilização de dois instrumentos: o acompanhamento das atividades do carro por um período tal que permitisse uma observação em profundidade do seu trabalho e a realização de entrevistas junto aos usuários e não usuários, no sentido de se obterem dados qualitativos dos serviços prestados. Seria, portanto, necessário utilizar instrumentos de pesquisa que captassem com a maior amplitude e riqueza possíveis a postura e o sentimento da comunidade em questão.

"Era necessário adotar um instrumento que tivesse flexibilidade, pelo contato mais próximo com o sujeito, pela possibilidade de colher sua atitude geral ante uma pergunta", como afirma BOSI (11:26): "A entrevista cria esta atmosfera de confiança, sendo possível tranquilizar o sujeito desde o início, afastando seus temores e esclarecendo o propósito da entrevista".

Ademais, o conhecimento anterior das características do carro, tais como a destinação a comunidades carentes e o atendimento aberto ao público em geral, conduziu à conclusão de que dever-se-ia dotar o roteiro da entrevista a ser utilizada de muita simplicidade, condição sine qua non para se obter a contribuição de toda a amostra, provavelmente composta de sujeitos, na sua maioria, de baixo nível sócio-econômico e idades variadas.

POLKE (68:134), relatando a experiência de uma pesquisa similar em outro bairro de periferia de Belo Horizonte, salienta que, devido ao caráter exploratório da pesquisa e a diversidade das pessoas a serem entrevistadas, optou-se pela entrevista não-estruturada. O intuito era estabelecer um clima de diálogo que favorecesse o processo de interação entrevistador-entrevistado.

Essas premissas direcionaram, portanto, a elaboração do roteiro da entrevista junto aos usuários do carro, com questões abertas, formuladas em linguagem simples, estimulando a livre expressão. (ANEXO 2).

Tentou-se, dessa maneira, deixar o entrevistado o mais tranquilo possível, a fim de permitir que o pesquisador coletasse as informações que ele considerasse relevantes ou pertinentes.

Houve a tentativa de que essas entrevistas também fossem aplicadas pelos próprios membros da comunidade, pedido expresso e explicado quando da visita à reunião de grupos existentes na comunidade. Apesar de toda aceitação e convívio que chegaram a ter com a pesquisa, eles expuseram que os horários de trabalho não permitiam a sua participação na coleta de dados, a não ser que essa fosse sem data marcada, feita na medida das suas possibilidades. Mas que poderiam ajudar na de não usuários, na etapa que seria feita em um fim de semana.

Para retratar com o maior nível possível de fidelidade o universo pesquisado, foi aplicada a técnica de amostragem aleatória simples. Segundo ACKOFF (2:124)

"a amostragem aleatória simples é aquela para a qual toda possível combinação de elementos da população tenha uma probabilidade de ocorrência de escolha igual e maior do que zero".

Como se desejava pesquisar os usuários que freqüentam regularmente o carro, a amostra foi recolhida aleatoriamente entre os leitores que compareceram em dias de empréstimo do carro, durante o período de duração da pesquisa. Essa limitação foi definida, visando obter o maior nível de precisão e acuidade através das informações transmitidas pelos entrevistados. Sabe-se, todavia, que algumas pessoas se registram no carro para resolver uma necessidade imediata de informação ou de trabalho escolar. Resolvido esse problema, é comum não voltarem mais a fazer outro empréstimo.

A população em estudo é constituída de 781 indivíduos , isto é, aqueles cadastrados no carro-biblioteca até o início da pesquisa. O tamanho da amostra foi decidido sob condições de completa incerteza, atribuindo-se à estimativa da proporção populacional o valor 0,5. Neste caso, o tamanho da amostra é máximo para um erro fixado. Foi utilizado na pesquisa um intervalo de confiança de 90%, que dá para o desvio-padrão normal o valor de 1,65. Estipulou-se ainda que o tamanho da amostra seria superior a 5% de uma população considerada finita.

Foi aplicada a seguinte fórmula (2):

$$n = \frac{z^2 p q N}{(N-1)e^2 + z^2 p q}$$

onde:

n = tamanho da amostra

z = desvio-padrão normal

p = estimativa da proporção populacional

q = 1 - p

N = tamanho da população

e = erro tolerável na pesquisa que admitisse igual a 9,35%

Então:

$$n = \frac{(1,65)^2 (0,5) (0,5) (781)}{(781 - 1) (0,0935)^2 + (1,65)^2 (0,5)^2}$$

$$n = 70,88 \text{ ou } 71.$$



Assim, foi selecionada uma amostra de 71 pessoas, com uma confiança desejada de 90% e um erro tolerável de 9,35%.

As respostas obtidas nessas entrevistas constituíram a referência para a formulação de um questionário semi-aberto, destinado à aplicação junto a igual número de não usuários, também escolhidos aleatoriamente entre os transeuntes do ponto de parada do carro, em dia normal de funcionamento e em um fim de semana. (ANEXO 3)

A literatura sobre não usuários de bibliotecas é quase nula. Foi feita uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o assunto, visando obter subsídios para a formulação da metodologia de pesquisa para esse segmento. Apenas duas pesquisas foram encontradas, ambas desenvolvidas nos Estados Unidos (50), (74). Tiveram a fase de levantamento de dados desenvolvida por telefone e a de análise de dados por computador.

A formulação do questionário e a metodologia de aplicação desta pesquisa foi então praticamente baseada na experiência e conhecimento da comunidade anteriormente adquiridos pela pesquisadora, que teve como premissa básica o contato pessoal e as publicações da comunidade como meio mais efetivo de se conhecer seu universo.

## 5 A REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO

"...  
 Eu sozinho menino entre mangueiras  
 lia a história de Robinson Crusôe.  
 Comprida história que não acaba mais  
 ...  
 Eu não sabia que minha história  
 era mais bonita que a de Robinson Crusôe".  
 Carlos Drummond de Andrade. Alguma poesia.

### 5.1 Localização geográfica, desenvolvimento e composição demográfica

A região do bairro Primeiro de Maio está situada na zona norte de Belo Horizonte, numa área de aproximadamente 310 ha., delimitada pelo Córrego Saramenha, pela diretriz da Vila Norte, pelo Ribeirão Pampulha e pelo Ribeirão da Onça.

Sua ocupação foi iniciada a partir do favelamento denominado "Pau Comeu", parte do qual foi posteriormente urbanizado. Mais tarde, a área onde se situa hoje o Bairro Providência foi ocupada (mas não através de favelamento) e toda a região passou a ser chamada de "Vila Operária".

A formação da comunidade, que hoje abrange os bairros Providência, Primeiro de Maio, Minaslândia, Suzana e a Favela Boa União, se deu principalmente pela ação paroquial, mais precisamente após seu desligamento da Paróquia do Bairro São Paulo, tendo sido, também, a construção do anel rodo-

viário de Belo Horizonte e a criação de transporte coletivo independente, fatores importantes na constituição de sua identidade.

Em 1978, o levantamento demográfico executado pela JASC (41), acusou uma população de 10.700 habitantes, distribuídos conforme GRAF. 1 e FIG. 6:

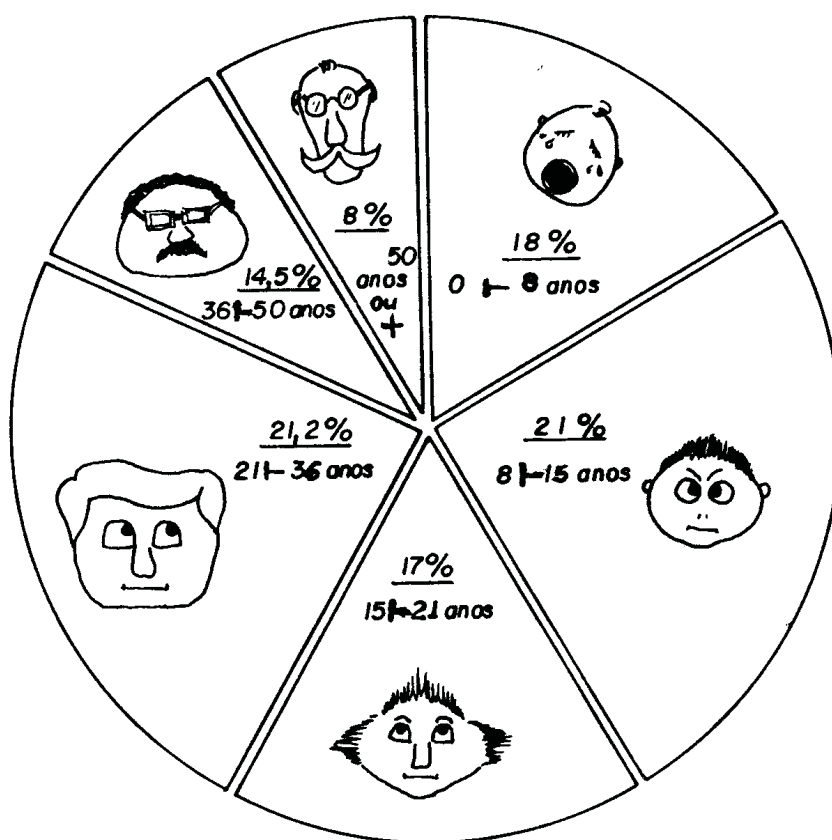


GRAFICO 1 - População da região do Bairro Primeiro de Maio por faixa etária. Belo Horizonte

┆ Intervalo semi-aberto à direita, onde o primeiro valor está incluído e o segundo não

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

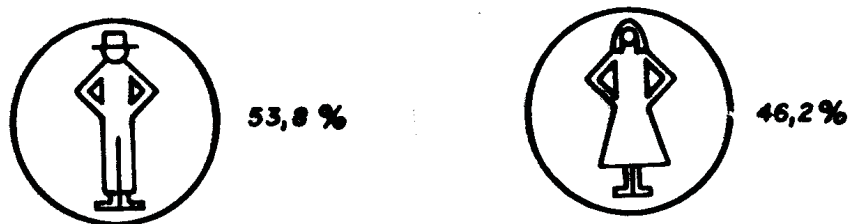


FIGURA 6 - População da região do Bairro Primeiro de Maio por sexo. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

Em 1980 o PRODECOM levantou uma população de 12.200 habitantes (61). A fim de se saber o total da população em 1983, ano em que se desenvolveu esta pesquisa, foi feita uma projeção do aumento da população na hipótese de uma taxa média geométrica de crescimento. A população é suposta crescer a uma taxa anual  $r$ . Deste modo a relação entre a população inicial  $P_0$  e a população  $P$ , após transcorridos  $n$  anos, será dada pela expressão:

$$P = (1 + r)^n P_0$$

Substituindo na expressão acima

$$P_0 = 10.700 \text{ (população em 1978)}$$

$$P = 12.200 \text{ (população em 1980)}$$

$$n = 1980 - 1978 = 2 \text{ anos}$$

Obtem-se:

$$r = 0,0678$$

ou seja, a população cresce a uma taxa de 6,78% a.a.

Para se estimar a população em 1983, substituíram-se na mesma expressão anterior os seguintes valores:

$$P_0 = 12.200 \text{ (população em 1980)}$$

$$n = 1983 - 1980 = 3 \text{ anos}$$

$$r = 0,0678$$

Obtem-se como resultado:

$$P = 14.853 \text{ habitantes.}$$

Essa taxa, apesar de alta, se se considerar os padrões normais de crescimento da população brasileira, não é de causar surpresa: os fluxos migratórios, de origem em outros centros urbanos menores e comunidades rurais, que normalmente se destinam às periferias das grandes cidades, notadamente as capitais, ficaram fortemente reforçadas pela população daquelas. A alta do custo de vida, principalmente da moradia, associada ao desemprego, torna praticamente impossível para as populações de baixa renda residir em bairros periféricos.

Supondo que essa taxa tenha permanecido constante, a população em 1983, ano em que foi realizada esta pesquisa, seria pois de aproximadamente 14.850 habitantes. Tomando por base os percentuais de distribuição por faixa etária e por sexo, definidos pelos GRAF. 1 e FIG. 6, a composição em 1983, estaria como mostram as TAB. 1 e 2:

TABELA 1  
 IDADE DA POPULAÇÃO ESTIMADA DA  
 REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

IDADE (anos)	Nº DE HABITANTES
00   08 .....	2673
08   15 .....	3119
15   21 .....	2524
21   36 .....	3193
36   50 .....	2153
50 ou mais .....	1188
TOTAL .....	14850

NOTA - Teve-se como base para estimativa a taxa média geométrica de crescimento populacional.

TABELA 2  
 SEXO DA POPULAÇÃO ESTIMADA DA RE-  
 GIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

SEXO	Nº DE HABITANTES
Feminino .....	7989
Masculino .....	6861
TOTAL .....	14850

## 5.2 Saneamento e infra-estrutura

A topografia, acidentada em muitos trechos, contribui, ao lado do baixo nível sócio-econômico, para conferir alta densidade demográfica às áreas ocupadas, cuja moradia mais característica é o barracão, construído de madeira, latão, adobe ou tijolo, onde a média de cômodos por casa é de 4,37, e que abriga família de em média 6,59 membros (41).

A TAB. 3 mostra com maiores detalhes a estrutura das habitações da comunidade:

TABELA 3  
 COMPONENTES BÁSICOS DAS HABITAÇÕES DA  
 REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1978

COMPONENTES DA HABITAÇÃO	TIPOS DE MATERIAL	Nº DE RESIDÊNCIAS	% DE HABITAÇÕES
Banheiro .....	Fossa .....	783	49
	Interno ou externo ..	739	51
	TOTAL .....	1522	100
Chuveiro .....	Com .....	765	50
	Sem .....	757	50
	TOTAL .....	1522	100
Demarcação .....	Com cerca .....	670	44
	Com muro .....	548	36
	Sem demarcação .....	304	20
	TOTAL .....	1522	100
Paredes .....	Adobe .....	137	9
	Madeira .....	304	20
	Tijolo .....	1005	66
	Outros materiais ....	76	5
	TOTAL .....	1522	100
Teto .....	Com laje .....	365	24
	Sem laje .....	335	22
	Outros .....	822	54
	TOTAL .....	1522	100

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978



A cobertura de laje, embora constitua um dos indicadores de status dentro da cultura da comunidade causa, pela ausência de telhado, situações higiênicas críticas, tais como a presença de infiltrações, mofo e o calor insuportável durante o verão.

Cabe ressaltar ainda que 20% da população não possuem filtros de água e que cada cama existente nas casas é utilizada por mais de uma pessoa. (Média de 1,68). (41).

A maioria das moradias são próprias, porém grande parte foi construída em terrenos da prefeitura, dos quais os moradores foram se apossando pouco a pouco (70). A legalização das propriedades é um dos maiores anseios da população.

A FIG. 7 indica os principais regimes de moradias e as porcentagens em que ocorrem:

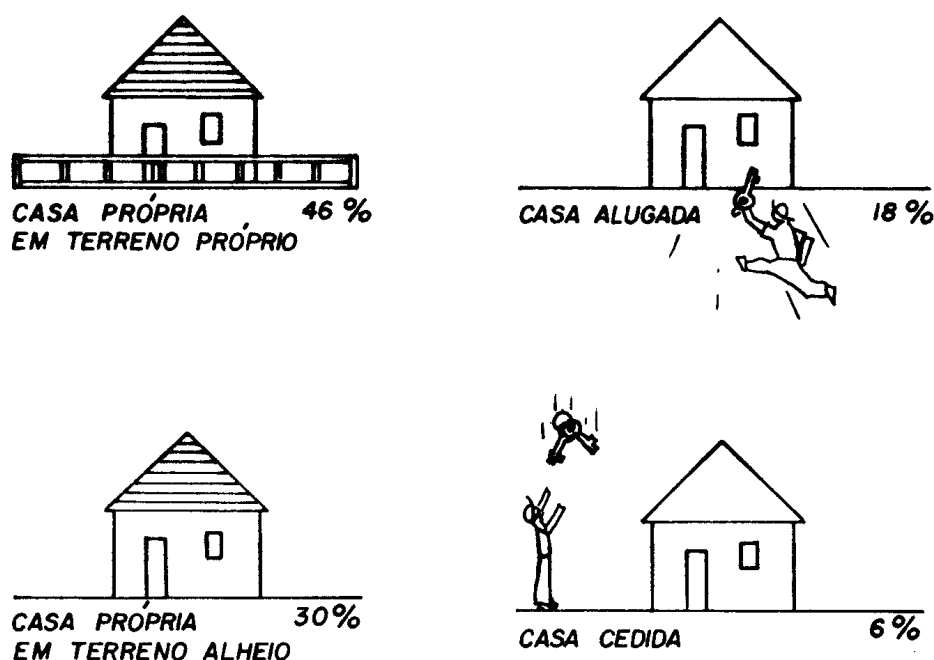


FIGURA 7 - Regime de moradia da população da região do bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

Os estabelecimentos comerciais e as atividades produtivas existentes são praticamente inexpressivos, do ponto de vista econômico, de sorte que quase toda mão-de-obra ativa se desloca diariamente para outras localidades.

Apesar da precariedade de recursos financeiros dos habitantes da área, a atuação da paróquia, reforçada pela ação dos moradores através de suas associações, logrou dotar a comunidade de razoável infra-estrutura (FIG. 8): existe iluminação elétrica nas casas e nas ruas, exceto em locais onde não há condições mínimas para locação de posteamento. Embora grande parte da população não tenha acesso a telefone pró-

prio, devido aos altos custos de instalação e das tarifas, a TELEMIG (Telecomunicações de Minas Gerais) já implantou alguns telefones comerciais, residenciais e públicos. A comunidade possui um nível de abastecimento de água de ordem de 84%; a rede de esgoto, apesar de atingir apenas 12% da população, pode ser ampliada a médio prazo. Seu sistema viário, entretanto, é bastante precário, basicamente pelos obstáculos topográficos e hidrográficos e há ocupação desordenada do espaço, prejudicando a circulação de veículos e pedestres e dificultando a implantação de serviços de saneamento urbano, tais como a coleta de lixo, uma das aspirações da população. A região é servida pelas linhas de ônibus Vista Alegre/Guarani, linhas A e B (1502), cujo trajeto até o centro da cidade tem duração média de trinta minutos.

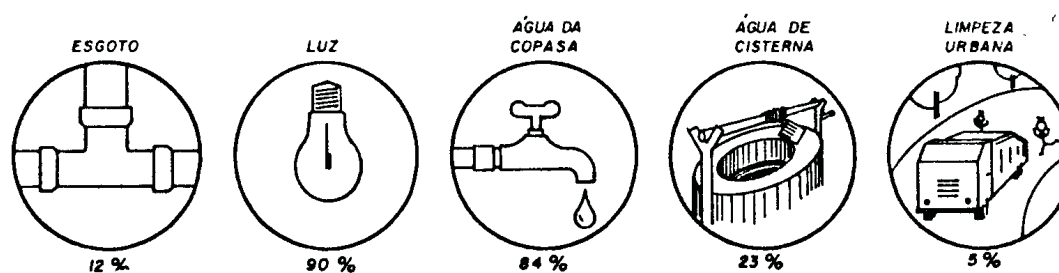


FIGURA 8 - Infra-estrutura urbana da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

Há também carência de áreas de lazer e praças de esporte. Apenas no bairro Providência existe um centro social urbano e todas as atividades culturais e de lazer ocorrem praticamente por iniciativa da igreja e dos grupos a ela ligados, tais como a JASC, o GDECOM (Grupo de Desenvolvimento Comunitário - Fundo Cristão) e da Associação dos Moradores da Favela Boa União.

### 5.3 Fatores sócio-econômicos

O GRAF. 1 mostrou que uma grande parcela, isto é, 47% dos habitantes da região é constituída de crianças de 0 a 14 anos (39%) e idosos (8%) os quais, com raras exceções, não possuem renda. A eles se junta, ainda, um contingente bastante expressivo de pessoas que, embora estejam em idade propícia ao trabalho, não se encontram desempenhando nenhuma atividade econômica, ou pelas dificuldades de conseguir emprego, ou pela impossibilidade de ausentar-se do lar, no caso das mães, ou por outros motivos. Atualmente a renda da população é proveniente das fontes apontadas na FIG. 9:

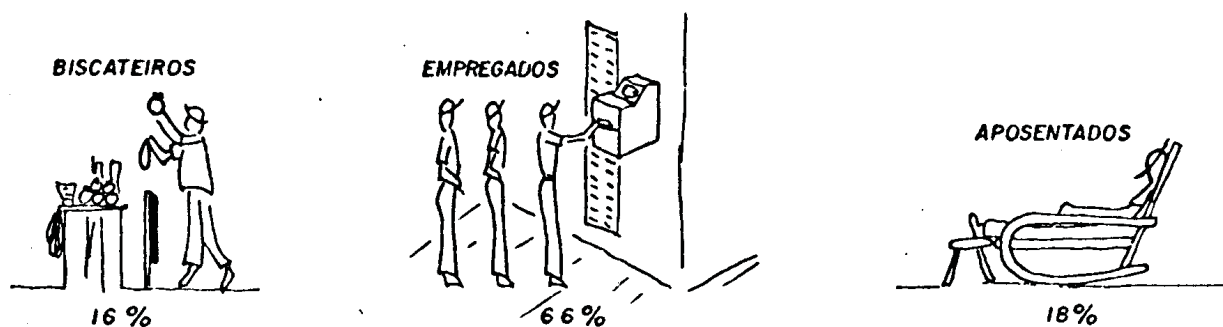


FIGURA 9 - Fontes de renda da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte.

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

De acordo com o levantamento da JASC, cada habitante detentor de uma dessas rendas sustenta, em média, 3,5 pessoas, fato que se torna crítico pelo baixo nível das remunerações recebidas, como ilustrado nas FIG. 10 e 11:

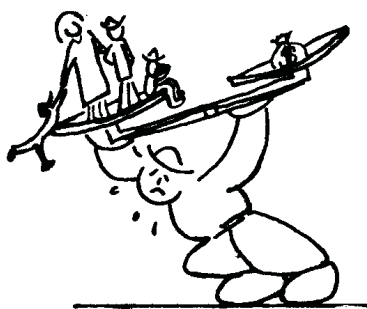


FIGURA 10 - Média de pessoas sustentadas por cada trabalhador da Região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

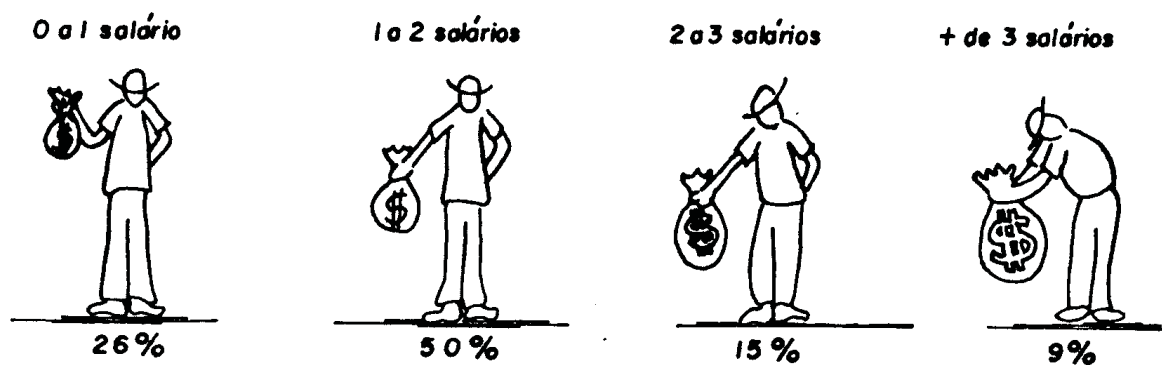


FIGURA 11 - Nível de renda em salário mínimo da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

Tais níveis de renda inviabilizam até mesmo uma alimentação adequada. Ainda assim, a população consegue adquirir bens em quantidade razoável (GRAF. 2), principalmente eletrodomésticos, provavelmente em detrimento de gêneros de primeira necessidade.

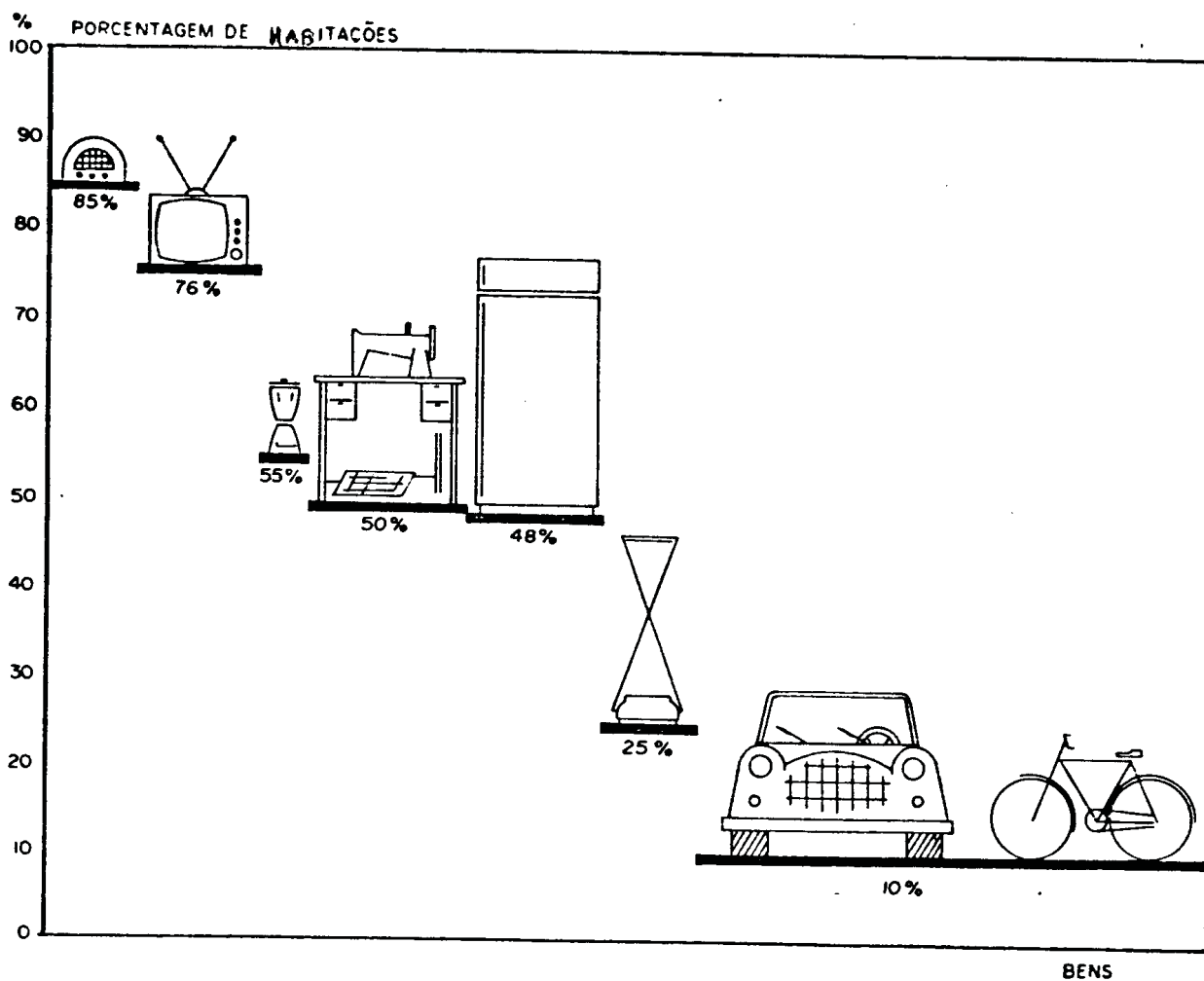


GRÁFICO 2 - Bens mais frequentemente existentes nas residências da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

A carência de outras formas de lazer, obviamente associadas a fatores culturais do país, colocam os aparelhos de comunicação de massa em primazia na atração das preferências de consumo da população.

#### 5.4 Sistema de saúde

Somente na sede do GDECOM são oferecidos serviços médicos, dentário e de vacinação, que alcançam apenas os seus filiados e não têm funcionamento regular.

Nas sextas-feiras, um médico atende a domicílio, cobrando Cr\$ 1.000,00 por consulta (dado de abril de 1983).

O orçamento de ativação do Centro Social Urbano do Bairro Providência previa recursos para a aquisição de equipamentos médicos e odontológicos e a contratação de pessoal especializado. Mas esses serviços não foram implantados até o presente, de sorte que, a despeito do esforço das instituições locais, os habitantes são fracamente amparados no tratamento de sua saúde, já seriamente comprometida pela pobre composição de sua dieta. Com o nível de renda percebido pela população da comunidade (FIG. 11), pode-se deduzir que a maioria das famílias não consegue suficiência alimentar sequer em termos de quantidade.

Todo o contexto até aqui retratado, acarreta a ocorrência de inúmeras doenças. A FIG. 12 aponta as incidências mais frequentes:



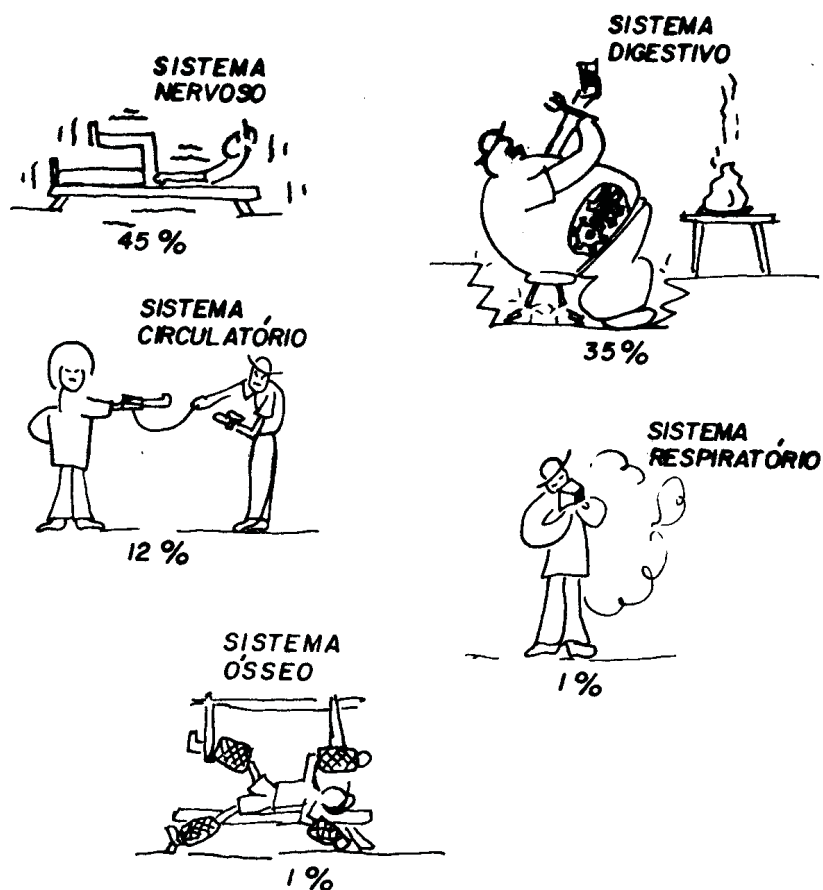


FIGURA 12 - Doenças mais freqüentes entre a população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

No grupo de doenças do sistema nervoso, salientam-se as psicopatias e retardamentos mentais, provavelmente determinados respectivamente pelo desespero causado pela crítica situação de sobrevivência e pelas deficiências de alimentação. Entre as doenças de trato digestivo, tem destaque um elenco de verminoses, cuja expressão maior é a esquistossomose com 13% de incidência (41).

## 5.5 Educação e Cultura

Conforme mostra a FIG. 13 o nível de escolaridade da população é bastante baixo, sendo quase inexpressiva a incidência de formação além do primário.

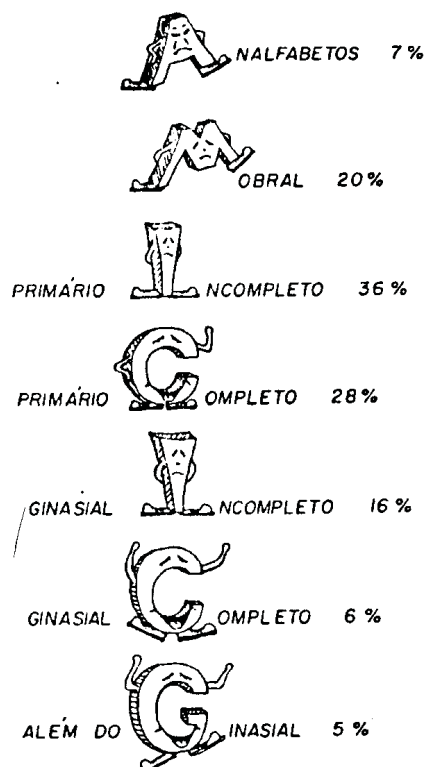


FIGURA 13 - Níveis de escolaridade da população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar.  
1978

A rede escolar, que oferece basicamente curso de primeiro grau, de primeira à quarta séries, é composta pelas escolas: Escolas Estaduais Alberto Mazzone de Andrade, Mendes Pimentel, Professora Vera Spyer, Vila São José, Britaldo Soares; Escolas Municipais Josefina de Souza Lima, Consul Antônio

Cadar, Antônio Clemente e Escola Particular Madre Paula. A Escola Estadual Alberto Mazzone é a única que possui o primeiro grau até a oitava série e no terceiro andar do seu prédio funciona, filiado ao CNEC - Campanha Nacional de Escolas de Comunidades, do Ministério da Educação e Cultura, o segundo grau, com especialização em contabilidade, administração de empresas e magistério. Não é gratuito. Existem ainda duas creches uma do SERVAS - Serviço Voluntário de Assistência Social e outra da organização norte-americana Cristian's Children, que atendem, cada uma, a 120 crianças, sendo, porém, insuficientes para cobrir as necessidades da região.

A atuação do MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização se dá através do pré-escolar, do PAF - Programa de Alfabetização Funcional e do PETRA - Programa de Alfabetização para o Trabalho. Porém, com relação à alfabetização de adultos, os professores se queixam de que é difícil motivar os alunos, já que o cansaço dos mesmos é uma força poderosa contra a manutenção da frequência que cai em níveis críticos até o final dos cursos. Convém lembrar que as ocupações predominantes dos moradores são as de biscateiro e operário de construção civil (63).

Há também uma escola profissionalizante subvencionada pela Secretaria de Estado do Trabalho, que oferece regularmente curso de datilografia, manicure, cabeleireiro, eletricitista e outros. Tais cursos atingem uma parcela razoavelmente ex-

pressiva da população, principalmente os de corte e costura, eletricitista e mecânico.

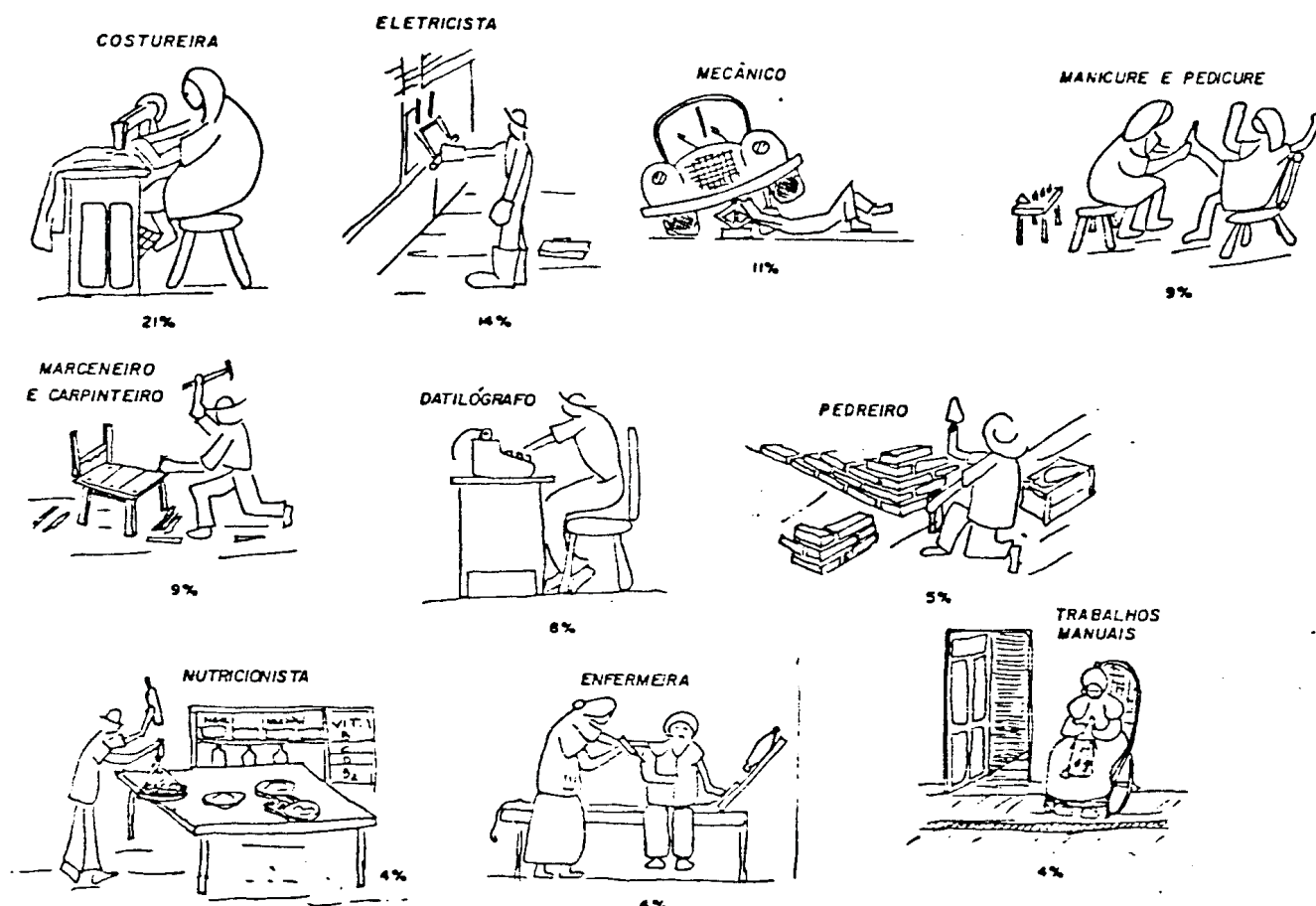


FIGURA 14 - Índices de alcance dos cursos profissionalizantes oferecidos à população da região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

Têm também bastante importância na vida desta comunidade, movimentos culturais relacionados com o folclore, teatro, música e dança, sendo notória a participação de entidades locais, tais como o Congado Paulo Osório, o Teatro Gandra e o Grupo Capoeira Caxé.

No Colégio Madre Paula existe uma sala de estudos com algumas publicações, das quais os alunos se utilizam para pesquisas escolares ou leituras complementares. O empréstimo, entretanto, não é permitido, de sorte que tal espaço não pode ser identificado como uma biblioteca dinâmica. Ainda assim, até abril de 1983, época em que foram entrevistados os membros da comunidade, essa era a única biblioteca lá existente.

Os entrevistados afirmaram que a Escola Estadual Mendes Pimentel possuía um acervo razoável, mas ainda não disponível, pois as publicações ainda estavam empilhadas em uma das dependências da escola.\*

As interações sociais entre os moradores da comunidade da região do bairro Primeiro de Maio se processam, em sua maioria, a nível local. A TAB. 4 ilustra um pouco essas interações ao indicar os principais tipos de contatos e seu percentual médio de expressão, no rol de interações individuais ou familiares.

---

\* Em maio de 1984, quando foi realizada a pesquisa com os não-usuários do carro-biblioteca, os entrevistados mencionaram a biblioteca da Escola Estadual Mendes Pimentel como fonte de consultas literárias e revelaram que a mesma havia sido ativada no início do semestre.

TABELA 4  
 CONTATOS MAIS FREQUENTES ENTRE OS MORADORES DA  
 POPULAÇÃO DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO

Belo Horizonte  
 1978

TIPOS DE CONTATOS	% DA POPULAÇÃO
Contatos com colegas de escolas .....	6
Contatos de serviço .....	12
Visitas a outros bairros (efetuadas e recebidas) .....	29
Visitas no próprio bairro (efetuadas e recebidas) .....	48
Outros .....	5
TOTAL .....	100

FONTE - JASC. Pesquisa domiciliar. 1978

### 5.6 Desenvolvimento Comunitário

A igreja e os grupos de ação social já citados na parte referente a saneamento e infra-estrutura promovem barraquinhas, bazares, festas do calendário religioso, cursos de pintura e cerâmica, encontro de casais, grupos de jovens (existem três, um dos quais edita o jornalzinho mensal Recado, cujo redator é o Padre Virgílio Resi) e feiras de cultura onde os moradores que se dedicam ao artesanato expõem seus trabalhos.

Pode-se acrescentar, ainda, que o traço mais marcante da comunidade é a solidariedade de seus moradores, cuja força de reivindicações é veiculada através de suas lideranças, representadas pelo Padre Pier Lui Bernageri - vigário Episcopal da Região Norte de Belo Horizonte, mais conhecido entre os moradores como Padre Peggi; pelo Padre Virgílio Resi; pelo Sr. Agostinho Cândido de Souza e Sr. Francisco de Paula Santos Filho (Chiquito), ligados à JASC.

Há também liderança feminina, representada por Maria Auxiliadora Evarista (Dodora), professora e coordenadora da área de catequese; Maria Rita Morreale e Rosa Brambilla, ambas assistentes sociais e moradoras mais antigas, assim como Juraci Venâncio e Carmelita Dias Jacob e outras.

Esses líderes\* trouxeram para a comunidade inúmeros benefícios e sua presença se nota também no esforço traduzido em trabalho dos próprios moradores que unidos, transformam materiais e recursos financeiros doados pelas entidades governamentais em escolas, igrejas, ruas calçadas e outras obras de interesse local.

---

\* Todos os líderes aqui nomeados foram entrevistados, alguns mais de uma vez, principalmente através de encontros e conversas informais.

## 6 O POTENCIAL DE LEITORES DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO

"... o aprendizado se dá especialmente através de um esforço espontâneo e autônomo do aluno, com o professor exercendo apenas uma função de guia amigável... Descobrir uma verdade por si próprio, é criar - mesmo se a verdade já é antiga. Demonstra um domínio do método, e indica que se atingiu a fase da maturidade intelectual na qual pode-se descobrir novas verdades."

Antonio Gramsci. Cadernos de prisão.

### 6.1 Perfil dos usuários do carro-biblioteca

O levantamento envolveu todos os usuários inscritos de setembro de 1979, época em que o carro passou a freqüentar a comunidade, até maio de 1983, ocasião do início da pesquisa. Os leitores foram caracterizados consoante os indicadores: idade, sexo, ocupação e bairro de residência.

#### a) Idade dos usuários

A grande maioria dos leitores inscritos é constituída de pessoas de sete a 17 anos. Para se ter uma idéia, dos 781 leitores inscritos no aludido período, apenas 242, ou 28%, são maiores de idade o que em princípio, é bastante coerente com as características gerais da população, cuja maioria é constituída de jovens.





FIGURA 15 - Inscrição de uma leitora do Bairro  
Primeiro de Maio. Belo Horizonte

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública  
Estadual Luiz de Bessa

O GRAF. 3 e a TAB. 5 mostram como a composição e a porcentagem de leitores maiores e menores\* tem se estabelecido ano após ano:

---

\* Maiores e menores de 18 anos são as denominações utilizadas pela equipe do carro para distinguir as categorias de usuários.

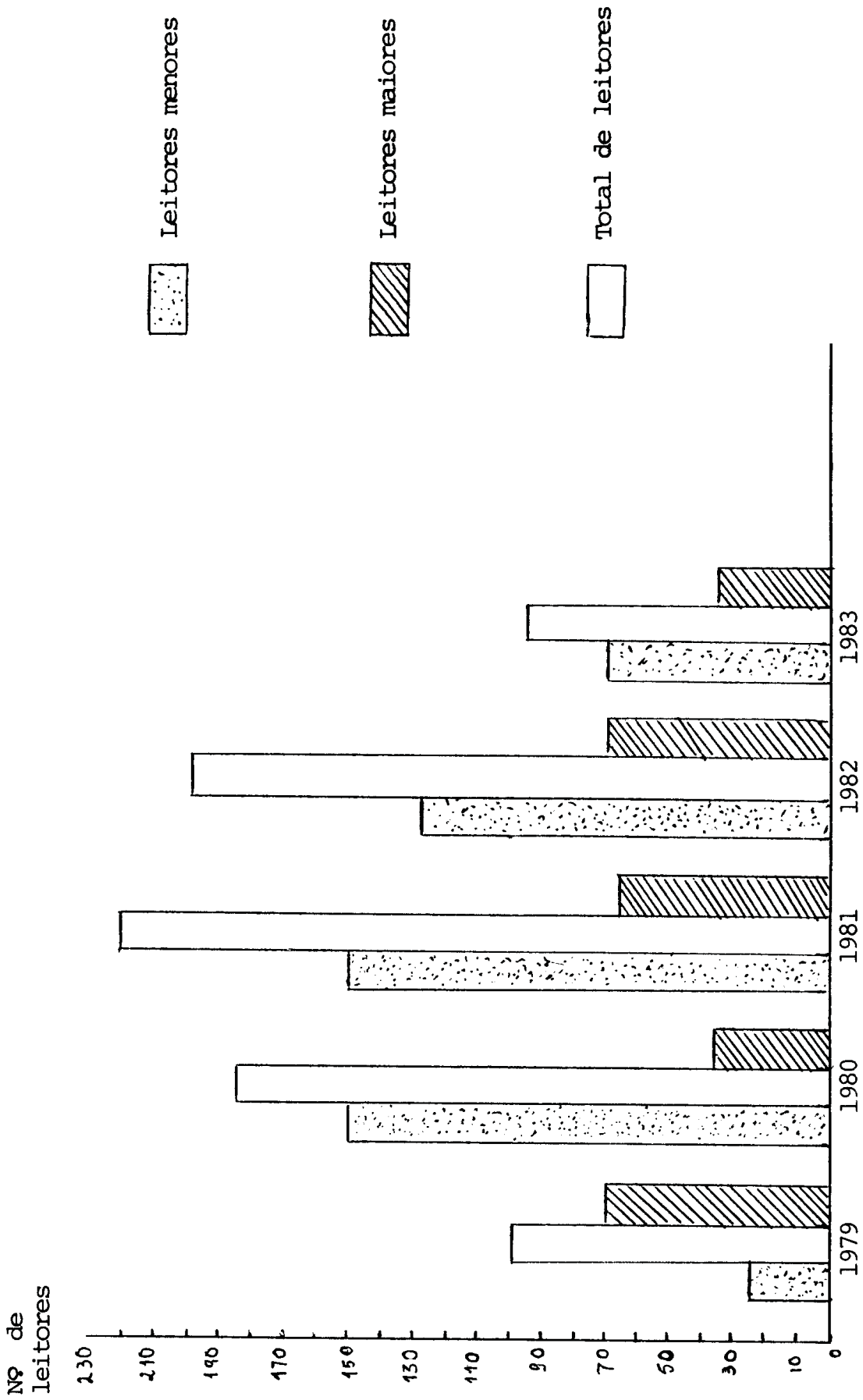


GRÁFICO 3 - Composição dos usuários maiores e menores do carro-biblioteca na região do Bairro Primeiro de Maio. Belo Horizonte. 1979-83

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983

NOTA - 1979: a partir de setembro; 1983: até maio

**TABELA 5**  
**COMPOSIÇÃO PERCENTUAL DOS USUÁRIOS ADULTOS E MENORES DO CARRO-BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO**

ANOS	ADULTOS	MENORES
1979 .....	26	74
1980 .....	18	82
1981 .....	29	71
1982 .....	34	66
1983 .....	35	65

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.  
 1983.

Cabe ressaltar que, entre os menores, a faixa mais expressiva é a de 11 a 14 anos, conforme mostra o GRAF. 4:

## PORCENTAGEM DE USUÁRIOS MENORES

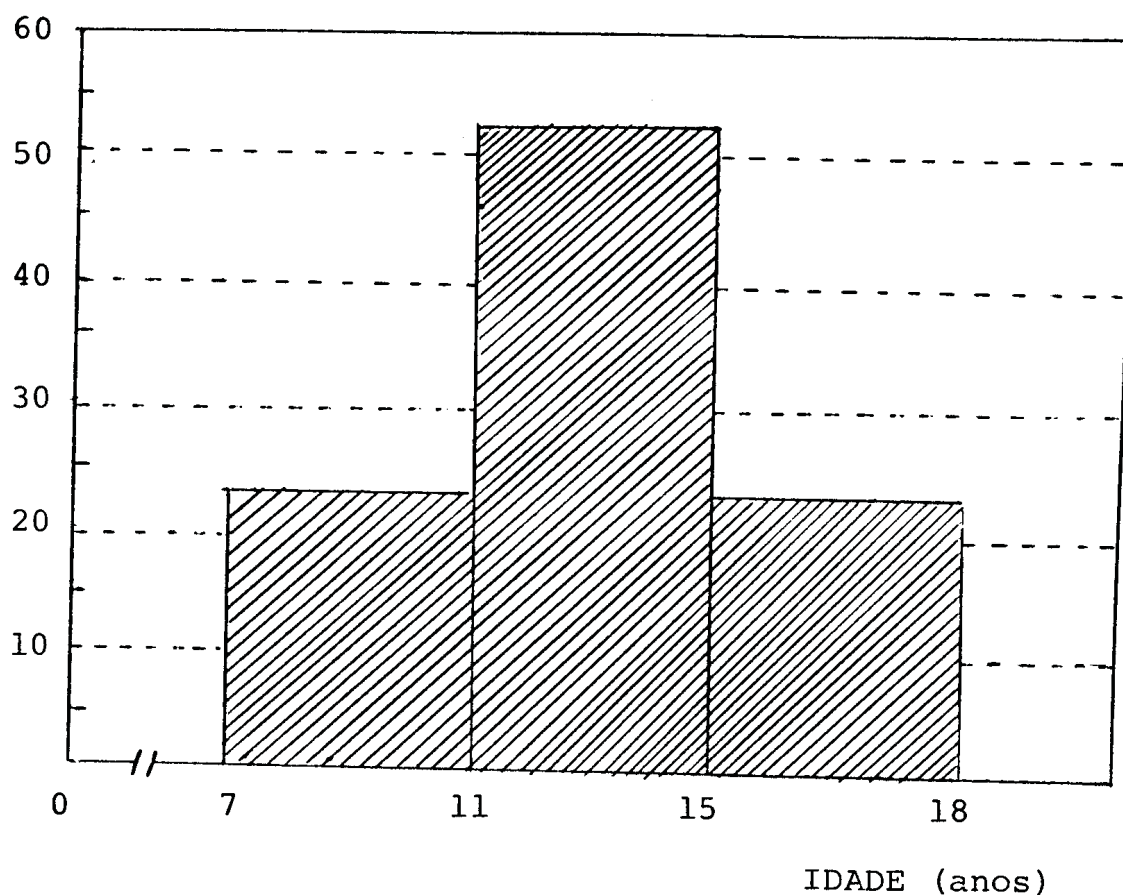


GRÁFICO 4 - Idade, em anos, dos usuários menores do carro-biblioteca da região do Bairro Primeiro de Maio. Set. 1979 - maio 1983. Belo Horizonte

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983

É expressiva a procura de leitores jovens ao carro-biblioteca. Especial atenção deve ser dada ao estudo do tema literatura infantil pelo pessoal do carro, tendo em vista uma seleção crítica e apropriada na aquisição desse material. Além de estudar e estar a par do assunto, a equipe de seleção também necessita ter conhecimento da literatura existente no mercado, pois este é muito inconstante.

Cabe também salientar que o gosto pela leitura se adquire na infância. Observando-se os grupos associativos já existentes na comunidade, uma forma interessante de introduzir a temática leitura seria possível, convidando um expositor para falar no Grupo de Mães sobre literatura infantil. Seria o começo de uma conscientização dos pais, visando à transmissão e incentivo do interesse pela leitura aos seus filhos.

b) Sexo dos usuários

AS TAB. 6 e 7 demonstram a preponderância do sexo feminino entre os usuários, para ambas as categorias (maior e menor):

TABELA 6

SEXO DOS LEITORES MAIORES DO CARRO-BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
BELO HORIZONTE  
1979-83

ANO	LEITORES				TOTAL
	FEMININO		MASCULINO		
	Nº	%	Nº	%	
1979 .....	19	76	6	24	25
1980 .....	21	61	12	39	33
1981 .....	50	81	12	19	62
1982 .....	54	84	10	16	64
1983 .....	13	38	20	62	33
TOTAL .....	157	72	60	28	217

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983

TABELA 7  
SEXO DOS LEITORES MENORES DO CARRO-BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
BELO HORIZONTE  
1979-83

ANO	LEITORES				TOTAL
	FEMININO		MASCULINO		
	Nº	%	Nº	%	
1979 .....	36	51	34	49	70
1980 .....	109	72	42	28	151
1981 .....	111	73	42	27	153
1982 .....	91	71	38	29	129
1983 .....	39	64	22	36	61
TOTAL .....	386	68	178	32	564

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública  
Estadual Luiz de Bessa. 1983

Como se vê, o sexo feminino corresponde tanto entre os maiores, quanto entre os menores, mais de 67% dos leitores. Este dado é de certa forma surpreendente, uma vez que o levantamento da população da comunidade aponta equivalência entre os sexos. A investigação das causas desse fenômeno demanda a inclusão de variáveis que estão fora do alcance desta dissertação.

Entretanto pode-se formular algumas hipóteses: com relação aos maiores supõe-se que grande parte da população masculina

esteja trabalhando nos horários de visita do carro. Convém lembrar que o mercado de trabalho oferece muito mais oportunidades ao sexo masculino, principalmente para funções não qualificadas. (ver FIG. 8 e 13) Com relação aos menores, é provável que o carro exerça sobre as meninas uma atração maior que sobre os meninos. Isto porque é característica da cultura brasileira, principalmente em populações carentes, que as meninas devem ser mais caseiras, companheiras das mães nos afazeres domésticos e nas horas de lazer, e o lazer feminino, nestas condições, normalmente ocorre no espaço domiciliar: bate-papo com amigas, passeios pelo bairro, etc.

Observou-se nas visitas ao bairro no horário de funcionamento do carro a presença de mães, acompanhadas das filhas.

No caso dos meninos, que cedo se tornam independentes das mães, o futebol é o grande concorrente do carro, que nessa comunidade é visto como opção de lazer.

É possível, também, que o próprio acervo seja uma das causas desta grande diferença entre o número de leitores do sexo masculino e feminino, sendo mais atraente para esta última categoria.

#### c) Ocupação dos usuários

Dentre os 217 usuários maiores, 168 declararam sua ocupação.

TABELA 8  
 OCUPAÇÃO DOS LEITORES MAIORES DO CARRO-BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1979-83

OCUPAÇÃO	LEITORES	
	Nº	%
Autônomos .....	22	13
Donas de casa .....	48	29
Empregados (1) .....	59	35
Estudantes .....	39	23
TOTAL .....	168	100

FONTE - Centro de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983.

NOTA - 49 leitores não declararam a ocupação.

1 - Esta categoria agrega empregados do comércio, indústria e serviço público.

Surpreende a grande porcentagem de leitores maiores empregados (35% do total), uma vez que a maioria trabalha no horário de visita do carro.

Quarenta e nove leitores não mencionam a ocupação na ficha de inscrição, provavelmente por estarem desempregados ou por se sentirem constrangidos em declarar que não têm profissão oficialmente reconhecida, ou até mesmo porque se esqueceram de declarar a profissão. Em bairros de periferia é comum en



contrar ocupações popularmente chamadas de biscate exercidas por pessoas que fazem trabalhos diversos.

Nesta situação a disponibilidade para o lazer é muito maior e flexível e a leitura, para essa população, é instrumento de lazer.

Para as donas de casa, que correspondem a 29% dos leitores, a fixação do horário de visita do carro para o período vespertino é muito benéfico pois, geralmente os afazeres domésticos que mais absorvem tempo ocorrem de manhã, ficando a tarde, às vezes, com algum tempo livre para o descanso ou lazer, conforme depoimento de algumas leitoras.

Era de se esperar que a classe estudantil fosse mais representativa entre os leitores. Entretanto, situa-se em quarto lugar, em termos de representatividade, com 23%.

#### d) Bairro de residência dos usuários

O carro-biblioteca serve a um bom número de pessoas dos bairros Primeiro de Maio e Providência (ver TAB. 9), em virtude do seu local de estacionamento, a praça, que, além das vantagens advindas do fato de ser, por natureza, um ponto de encontro, faz fronteira entre ambos os bairros. É também expressivo o número de usuários residentes no bairro Aarão Reis, que fica relativamente próximo. Em menor escala o carro vem conquistando leitores de outros bairros vizinhos, tais como Monsenhor Horta, Antônio Diniz, Suzana,

Vila Boa União, Minaslândia, São Gonçalo, Guarani, Serra Verde, São Gabriel e Tupi. Vale lembrar que a praça de estacionamento do carro, além de estar próxima ao ponto final do ônibus, local de passagem obrigatória de quase todos, é a única existente na região, onde as casas são construídas em terrenos muito pequenos, sendo muito próximas umas das outras. Há, porisso, uma tendência natural das pessoas de procurá-la nas horas de lazer, para favorecer a brincadeira das crianças, o footing dos adultos no domingo à noite e para o encontro entre amigos.

A praça foi definida pelo Sr. Francisco, presidente da JASC, com as seguintes palavras: "ela puxa as pessoas, é como se tivesse um imã".

TABELA 9

BAIRRO DE RESIDÊNCIA DOS LEITORES DO CARRO-BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
BELO HORIZONTE  
1983

BAIRRO	LEITORES				TOTAL
	MAIORES		MENORES		
	Nº	%	Nº	%	
Aarão Reis .....	3	16	16	84	19
Primeiro de Maio .....	87	21	321	79	408
Providência .....	112	36	197	64	309
Outros .....	4	19	17	81	21
TOTAL .....	206	27	551	73	757

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983

NOTA - 13 leitores maiores e 11 menores não declararam o bairro de residência

#### 6.1.1 Frequência das consultas

O mapeamento foi realizado durante as onze visitas do carro ocorridas no período de 04/05/83 a 16/11/83. Foi efetuado através do movimento das fichas de empréstimo, da seguinte forma: numa folha de cartolina foi desenhado, para cada leitor, um pequeno círculo, cuja cor variava de acordo com o ano de inscrição. A cada movimentação da ficha, era feita uma marca no espaço correspondente. Os resultados estão dispostos nas TAB. 10 e 11.

TABELA 10  
 INSCRIÇÃO E FREQUÊNCIA DOS LEITORES POR  
 ANO DE INSCRIÇÃO NO CARRO-BIBLIOTECA NA  
 REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

ANO DE INSCRIÇÃO	Nº DE INSCRITOS	Nº DE FREQUENTES EM 1983	Nº DE NÃO-FREQUENTES EM 1983
1979..... (1)	95	13	82
1980.....	184	51	133
1981.....	215	59	156
1982.....	193	81	112
1983..... (2)	94	83	11
TOTAL ....	781	287	494

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983

1 - Somente nos meses de setembro a dezembro

2 - Somente nos meses de janeiro a maio

TABELA 11  
 EMPRÉSTIMO POR LEITOR DO CARRO-BIBLIOTECA  
 NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

Nº DE EMPRÉSTIMOS POR LEITOR	LEITORES		CLASSIFICAÇÃO DO Nº DE EMPRÉSTIMOS
	Nº	%	
1  — 4 .....	107	37	Baixa
4  — 8 .....	92	32	Média
8  — 11 .....	88	31	Alta
TOTAL .....	287	100	

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Esta-  
dual Luiz de Bessa. 1983

Como se vê, a perda de leitores se processa de forma bastante veloz; basta dizer que dos 95 leitores inscritos em 1979, apenas 13 continuaram freqüentes em 1983

A predominância da faixa de leitores de baixa freqüência sobre as outras é apenas ligeira, mostrando, pois uma distribuição razoavelmente equilibrada. Nota-se entretanto, que o maior número de leitores de baixa freqüência ocorre entre os inscritos no primeiro período, número este que vai decrescendo até o último período, ou seja, primeiro semestre de 1983. Fenômeno oposto ocorre com os leitores de alta fre-

quência, cujo número é maior no último período e decresce em direção ao primeiro. Isto confirma a tendência mostrada de que, à medida que o tempo passa, os usuários do carro-biblioteca vão se tornando infreqüentes até deles se desligarem por completo.

A tabela 12 demonstra que o carro atrai um número razoável de leitores, tendo como determinantes desse desempenho a capacidade de atendimento do carro, o tempo que ele fica estacionado no local e a freqüência de sua visita, que é quinzenal. A evasão desses leitores de um ano para outro é que é alarmante.

Observa-se que dos leitores inscritos em 1979, apenas 14% continuam freqüentes. Esta perda de 86% nos quatro períodos subsequentes, que não perfazem quatro anos completos, é preocupante do ponto de vista da fixação de leitores. Fizeram então algumas projeções para comprovar essa constatação:

TABELA 12  
 INSCRIÇÃO E FREQUÊNCIA DOS USUÁRIOS DO CARRO-  
 BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1979-83

ANOS	SEMESTRES	Nº DE INSCRITOS POR SEMESTRE	1983		
			Nº DE FREQUENTES	% DE PERMANÊNCIA	% DE PERDAS
1979 .....	1	95,0	13,0	13,68	86,31
1980 .....	2	92,0	25,5	27,72	72,28
1980 .....	3	92,0	25,5	27,72	72,28
1981 .....	4	107,5	29,5	27,44	72,56
1981 .....	5	107,5	29,5	27,44	72,56
1982 .....	6	96,5	40,5	41,97	58,03
1982 .....	7	96,5	40,5	41,97	58,03
1983 .....	8	94,0	83,0	88,30	11,70
TOTAL ...	8	781	287	36,75	63,25

NOTAS: 1 - Os dados são apresentados na hipótese de, em um mesmo ano, o número de leitores inscritos em cada semestre ser o mesmo.

2 - Os usuários inscritos após o início da pesquisa não foram considerados já que para efeito desta, nove meses de frequência é o prazo mínimo indicado de permanência.

De acordo com as tabelas derivadas 25 e 26 do ANEXO 4, a média anual de perdas é considerável e indicadora de que o carro atrai bastante como novidade mas ainda não possui mecanismos eficazes de fixação de leitores.

Ao longo do tempo e tomando por base o total de leitores inscritos até o final da pesquisa, conclui-se que, na hipótese de que nenhum novo leitor fosse inscrito, no segundo semestre de 1984, teoricamente, o carro terá apenas 44 leitores, cuja inscrição se deu no primeiro semestre de 1983 e, em um prazo de três anos, isto é, 1986, o carro terá perdido todos os seus leitores.

#### 6.1.2 Preferências de leituras

O mapeamento efetuado durante as visitas do carro, no período de nove meses, teve também por objetivo determinar as preferências literárias dos leitores. Após cada visita, utilizavam-se as fichas de empréstimo de livros e de periódicos, agrupando-as por assunto. As TAB. 13, 14 e 15 retratam tais preferências e através delas pode-se concluir que o grande número de livros de ficção, concentradamente romances (90% dos empréstimos efetuados no período) deixa clara a atuação do carro como instrumento de lazer.



TABELA 13

EMPRÉSTIMOS DE LIVROS EFETUADOS PELO CARRO-  
BIBLIOTECA, POR GRUPO DE ASSUNTOS, AOS USUÁ-  
RIOS DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
BELO HORIZONTE  
1983

GRUPO	Nº DE EMPRÉSTIMOS						TOTAL
	MAIO	JUN	AGO	SET	OUT	NOV	
Ficção .....	462	767	465	226	472	254	2646
Não-Ficção ...	52	92	78	26	51	16	315
TOTAL .....	514	859	543	252	523	270	2961

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Esta-  
dual Luiz de Bessa. 1983

NOTA - Maio: duas visitas do carro, junho: três visi-  
tas, agosto: uma visita, setembro: uma visita,  
outubro: duas visitas, novembro: uma visita

TABELA 14  
 EMPRÉSTIMOS DE LIVROS DE FICÇÃO EFETUADOS  
 PELO CARRO-BIBLIOTECA AOS USUÁRIOS DA  
 REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

LITERATURA	Nº DE EMPRÉSTIMOS						TOTAL
	MAIO	JUN	AGO	SET	OUT	NOV	
Brasileira ....	78	150	101	37	86	39	491
Estrangeira ...	69	106	84	36	76	38	409
Infantil .....	181	326	188	93	225	107	1120
Juvenil .....	134	185	92	60	85	70	626
TOTAL .....	462	767	465	226	472	254	2646

FCNTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983

NOTA - Maio: duas visitas do carro, junho: três visitas, agosto: uma visita, setembro: uma visita, outubro: duas visitas, novembro: uma visita

TABELA 15

EMPRÉSTIMOS DE LIVROS DE NÃO-FICÇÃO EFETUADOS PELO CARRO-BIBLIOTECA AOS USUÁRIOS DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO BELO HORIZONTE 1983

ASSUNTO	Nº DE EMPRÉSTIMOS						TOTAL
	MAIO	JUN	AGO	SET	OUT	NOV	
Belas Artes .....	2	4	3	1	2	2	14
Biologia .....	4	20	18	4	5	3	54
Ciências sociais ..	2	7	4	z	4	z	17
Economia doméstica.	11	9	6	5	12	4	47
Esportes .....	z	z	8	1	2	z	11
Filologia .....	z	1	6	z	4	z	11
Filosofia .....	2	4	2	1	2	z	11
Geografia .....	11	5	3	2	4	1	26
História .....	7	18	9	5	7	3	49
Matemática .....	4	4	4	z	1	z	13
Tecnologia .....	1	10	8	5	6	2	32
Outros .....	8	10	7	2	2	1	30
TOTAL .....	52	92	78	26	51	16	315

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983.

NOTA - Maio: duas visitas do carro, junho: três visitas, agosto: uma visita, setembro: uma visita, outubro: duas visitas, novembro: uma visita. A rubrica Outros engloba biografia, física, química e religião.

Dentro da literatura romanesca, figuram em destaque os livros infanto-juvenis (42% dos empréstimos nesta categoria), um dado bem coerente com as faixas etárias predominantes, mostradas pela TAB. 7.

O que se pergunta: quais são as razões de um desinteresse tão grande pelos livros classificados como não-ficção?

Pode-se citar algumas razões que explicariam esse efeito:

a) o acervo de livros de não-ficção está inadequado aos seus usuários. E, a partir de uma maior demanda, ao longo do tempo, por leituras chamadas de ficção, o carro-biblioteca simplesmente reforçou, dentro das suas condições orçamentárias, esse tipo de literatura;

b) o acervo está parcialmente adequado, mas o seu reduzido volume em relação aos títulos de ficção prejudica uma melhor análise das tabelas.

Pôde-se ainda observar, durante o período da pesquisa, uma sub-utilização dos livros de não-ficção, que ainda têm o agravante de, na sua maioria, serem livros mais antigos, desatualizados.

Em relação aos periódicos, ficou evidenciado pela observação e por depoimentos das bibliotecárias, que eles exercem nos leitores uma atração muito grande e seu empréstimo só não é maior porque o acervo do carro é pequeno, em virtude das di-

ficuldades de compra desse material. Para se ter uma idéia, em todo o Departamento de Extensão da Biblioteca Pública, por ocasião da pesquisa, só existiam duas assinaturas da revista Veja, uma das mais requisitadas.

TABELA 16

ASSUNTOS PREFERIDOS PELOS USUÁRIOS DO CARRO-BIBLIOTECA NO EMPRÉSTIMO DE PERIÓDICOS NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO

BELO HORIZONTE

04/05/83 - 16/11/83

ASSUNTOS	Nº DE PERIÓDICOS						TOTAL
	MAIO	JUN	AGO	SET	OUT	NOV	
Educação de filhos...	3	9	15	1	4	4	36
Esportes .....	4	15	4	5	11	8	47
Ficção romanesca ....	35	68	37	25	51	32	248
Geográficos .....	4	2	4	1	9	2	20
Infantil .....	28	36	35	8	32	8	147
Moda .....	10	19	11	6	11	2	59
Noticiosos .....	29	47	23	13	37	12	161
Saúde .....	1	2	1	3	1	1	7
Televisão e rádio (1)	14	18	6	3	8	9	58
<b>TOTAL .....</b>	<b>128</b>	<b>214</b>	<b>136</b>	<b>65</b>	<b>164</b>	<b>76</b>	<b>783</b>

FONTE - Divisão de Extensão da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. 1983.

1 - Trata-se de vida e trabalho dos artistas

## 6.2 Pesquisa de campo

### 6.2.1 Pesquisa de usuários

Nessa etapa da pesquisa, os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, após terem efetuado o empréstimo no carro. Isto é, à medida que terminava uma entrevista, outro usuário era entrevistado e assim sucessivamente.

Quando o leitor era abordado, a primeira providência era esclarecer o motivo da pesquisa e a identidade do pesquisador. OLIVEIRA & OLIVEIRA (66:27) recomendam que o pesquisador deve esforçar-se por ser aceito pelo grupo como realmente é, ou seja,

"alguém que vem de fora, que se dispõe a realizar com o grupo um estudo que pode lhe ser útil, mas que, num determinado momento, irá embora. Parece-nos ilusória a atitude, aparentemente radical, mas que no fundo, mistificadora, de pesquisadores que desejam desaparecer enquanto cientistas e se fundir totalmente na comunidade... É necessário manter um recuo que permita uma reflexão crítica sobre a experiência em curso".

Apresenta-se a seguir a tabulação das respostas obtidas para cada item da entrevista e as impressões e conclusões em relação às mesmas.

Com relação ao questionamento de como o usuário ficou sabendo da existência do carro, obteve-se o seguinte resultado, reunido por relação ou semelhança nas respostas:

TABELA 17  
 CONHECIMENTO PELOS USUÁRIOS ENTREVISTA-  
 DOS DA EXISTÊNCIA DO CARRO-BIBLIOTECA  
 NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

CONHECIMENTO DO CARRO	USUÁRIOS	
	Nº	%
Através de colegas, amigos ou vizinhos ...	37	52
Através de parentes .....	22	31
No local de trabalho .....	01	1
Pelo rádio .....	02	3
Viram o carro .....	09	13
<b>TOTAL .....</b>	<b>71</b>	<b>100</b>

As respostas obtidas demonstram que o marketing mais eficaz do carro é exercido pelos próprios moradores, ainda que não usuários do mesmo. Nove se aproximaram por tê-lo visto. Isto é explicável, pois o carro-biblioteca em si mesmo já se anuncia, devido ao seu tamanho e novidade no local de parada.

Cabe também aqui questionar a validade do esforço de divulgação realizado através do rádio, pois somente dois leitores mencionaram este veículo como fonte de referência.

Em relação à indagação aos leitores, se eles gostavam do material que o carro traz, 64 responderam afirmativamente e somente sete declararam que o material não correspondia às suas expectativas.

Embora o nível de respostas afirmativas tenha sido grande, é possível que a aprovação não atinja um grau tão elevado quanto mostram os números.

Acredita-se que um dos fatores que pode ter influenciado estas respostas, tenha sido uma certa apreensão demonstrada por alguns entrevistados, antevendo uma possibilidade de perderem o contato com o carro, caso demonstrassem não gostarem do acervo. Embora se tivesse tentado tirar esses temores do questionado antes e até durante a obtenção da resposta pedida, em alguns casos observava-se ainda uma atitude arredia dos entrevistados, mesmo tentando dar-lhes toda liberdade para responderem o que pensavam. O universo de leitores era muito grande e não foi possível ter o mesmo processo de aproximação gradual desenvolvido com as lideranças e grupos comunitários.

Pode-se também inferir que esse comportamento dos usuários é bem típico da massa brasileira, cujo poder de questionamento, crítica e sugestões quanto aos serviços recebidos, principalmente aos gratuitos, é ainda bem pequeno.



Um outro fenômeno observado por OLIVEIRA & OLIVEIRA (66:29) é que, para pessoas de grupos oprimidos, às vezes

"é difícil superar o dado concreto, imediato, da experiência cotidiana, é difícil imaginar coisas longínquas, formular alternativas e projetos viáveis, estabelecer nexos e relações não imediatamente visíveis, ir às raízes mais profundas e as causas estruturais da situação vivida".

Entretanto, através de um diálogo aberto, usando processos de interação, conseguiu-se obter de alguns leitores um desejo maior pela ampliação do acervo e não pela mudança de seu conteúdo. Entre outras coisas foi sugerida a aquisição de revistas novas, mais livros didáticos, de aventura e romances.

Mas também existe o fator de muitos leitores não terem outras referências para basearem a sua análise do acervo: a maioria não tem acesso a outra biblioteca, não frequenta livrarias, não conhece catálogos de livros. Dos 71 entrevistados, 40 afirmaram nunca terem ido a outra biblioteca. Dos 31 entrevistados que afirmaram frequentar outras bibliotecas, estão também incluídos aqueles que fizeram visitas esporádicas às bibliotecas do colégio\* (21), à Biblioteca Pública (13), e à Biblioteca do SESC (1).

---

\* Deste total, os entrevistados que estudam no próprio bairro são provavelmente alunos do colégio Madre Paulino único na ocasião que possuía biblioteca (ver CAP.5.5, Educação e Cultura). Os demais estudam em outros locais, conforme detectado através da entrevista.

Mais de 50% dos entrevistados têm através do carro a única oportunidade de contato com a literatura. É possível até que as consultas efetuadas diretamente à Biblioteca Pública sejam consequência da atividade do próprio carro, que deve estimular os leitores mais interessados à filiação a outras bibliotecas.

BOSI (11) na sua pesquisa sobre leitura das operárias da Grande São Paulo, verificou que elas praticamente desconhecem outros parâmetros para basearem a escolha das suas leituras, além da que lhes é oferecida nas bancas ou pontos ambulantes perto do seu serviço ou da sua casa. A autora denuncia a falta de opção das operárias na escolha do que ler como "a leitura possível".

Foi também questionada na entrevista a suposição de que o horário da ida do carro ao bairro em horário comercial, e só à tarde, desfavorecia os que trabalham ou estudam neste período. Somente quatro responderam que o horário não lhes era favorável. Supondo-se que não estariam no local os ocupados à tarde, indagou-se, aos presentes se conheciam alguém não inscrito como leitor por não dispor de tempo naquele período. Foram obtidas 30 respostas afirmativas, indicando razões tais como: estuda à tarde, trabalha à tarde, ou ambas as coisas.

Parece haver um potencial de usuários para o período matutino, de sorte que, caso fosse possível aumentar o número

de visitas a essa comunidade, seria aconselhável que as adicionais ocorressem na parte da manhã.

Um fenômeno verificado por KREMER & TARGINO (45) no carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG e na da Biblioteca Pública da Paraíba, é que o livro emprestado a um usuário é também lido por outros membros da família ou amigos. O mesmo fenômeno foi constatado no movimento de empréstimo do carro na comunidade, pois 51 entrevistados confirmaram essa indagação, afirmando terem emprestado para familiares (40), colegas, amigos e vizinhos (8) e outros leitores (3).

Um dos motivos mais alegados a esse "re-empréstimo" é de que essas pessoas não puderam vir pessoalmente no horário de visita do carro ao bairro, confirmando inclusive a declaração anteriormente feita, a de que o horário de visitas não é adequado para um grande número de pessoas.

Se a média de empréstimos do carro-biblioteca, em cada visita feita à comunidade, já é muito grande, este número fica ainda mais surpreendente quando constatamos que a ele podem ser acrescentados mais 50%, relativos aos "empréstimos indiretos". Pode ainda ser até maior, pois alguns usuários responderam que emprestam a mais de um irmão, por exemplo.

Visando detectar a razão pela qual as pessoas procuram se inscrever como leitores, perguntou-se porque elas têm vindo retirar livros ou revistas no carro-biblioteca:

TABELA 18  
 MOTIVOS DA INSCRIÇÃO NO CARRO-BIBLIOTECA  
 APRESENTADOS PELOS USUÁRIOS ENTREVISTADOS  
 DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

MOTIVO DA INSCRIÇÃO	Nº DE RESPOSTAS
Adquirir conhecimento .....	9
Auxiliar no estudo .....	15
Lazer.....	58
Leitura complementar do colégio .....	4
Razão econômica .....	4
TOTAL .....	90

#### 6.2.2 Pesquisa de não-usuários

Segundo JEANSON (28:187), "não-público é a grande maioria da população: todos aqueles a quem a sociedade quase não fornece (ou recusa) os meios para optar livremente".

É fácil transferir essa afirmativa para o não-usuário de biblioteca, pois ele funciona no mesmo contexto: a maioria das pessoas entrevistadas não conhece nenhum tipo de serviço bibliotecário além do oferecido pelo carro-biblioteca.

NYREN (65) afirma que a palavra de ordem para tentar minimizar essa realidade é "estender". Ainda afirma que, para a extensão ser verdadeira, é preciso que os bibliotecários o-

fereçam produtos que vão de encontro com as necessidades desse potencial de usuários.

Para pesquisa junto aos não-usuários foi escolhida, aleatoriamente, entre os transeuntes da praça onde fica estacionado o carro-biblioteca, uma amostra de 71 pessoas, mesmo número, portanto, dos usuários entrevistados.

Essa pesquisa foi desenvolvida em dias normais de visita do carro e três alunos da Escola de Biblioteconomia da UFMG, previamente instruídos, ajudaram na aplicação do questionário.

Já a segunda etapa, feita em um domingo, contou com a colaboração de três elementos da comunidade, que anteriormente tinham se proposto a ajudar nessa ocasião.

O artigo escrito pela AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA DE RECIFE (1), que relata a experiência vivenciada durante o desenvolver de uma pesquisa participativa, salienta com orgulho a participação efetiva da comunidade no processo de entrevistas. Cita, entre outras vantagens observadas a de que, "ao mesmo tempo em que a pesquisa serviu para tomar informações, também já foi servindo para conscientizar muita gente sobre a situação."

As características levantadas do não-usuário do carro-biblioteca foram as seguintes:

- a) Quanto ao sexo: 32 do sexo feminino e 39 do sexo masculino;
- b) Quanto à idade, a distribuição se deu conforme tabela 19:

TABELA 19  
 IDADE DOS ENTREVISTADOS NÃO-USUÁRIOS DO CARRO-  
 BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

IDADE (anos)	Nº DE NÃO-USUÁRIOS
07  — 10 .....	8
10  — 14 .....	11
14  — 17 .....	12
17  — 20 .....	7
20  — 29 .....	15
29  — 39 .....	3
39  — 50 .....	8
Mais de 50 .....	7
TOTAL .....	71

TABELA 20  
 PRINCIPAL OCUPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS  
 NÃO-USUÁRIOS DO CARRO-BIBLIOTECA NA  
 REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

OCUPAÇÃO	Nº DE NÃO-USUÁRIOS
Autônomo .....	9
Comerciário .....	13
Dona de casa .....	10
Escriturário .....	2
Estudante .....	25
Funcionário Público .....	3
Industriário .....	5
TOTAL .....	(1) 67

NOTA - 1 - Quatro entrevistados declaram estar desem-  
pregados

TABELA 21  
 BAIRRO DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS  
 NÃO-USUÁRIOS DO CARRO-BIBLIOTECA DA  
 REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

BAIRRO	Nº DE NÃO-USUÁRIOS
Aarão Reis .....	1
Primeiro de Maio .....	47
Providência .....	14
Outros .....	9
TOTAL .....	71

Como se vê, a amostra de não usuários da comunidade é bem representativa pois os indicadores pesquisados estão bastante coerentes com a pesquisa realizada pela JASC e com o levantamento de características de usuários que integram este trabalho, ou seja:

- não há predominância significativa de um sexo sobre o outro;
- a faixa etária de 11 a 17 anos é, quantitativamente, a mais expressiva;
- os estudantes e as donas de casa continuam sendo as ocupações mais frequentes;
- a maioria dos entrevistados é de moradores do Bairro Primeiro de Maio e Providência.

Esta coerência valida, portanto, o resultado obtido na pesquisa específica das atividades do carro, realizada junto a esta amostra de não-usuários. As perguntas um, dois e três visavam identificar ex-usuários e os motivos pelos quais deixaram de utilizar os serviços do carro. Das 71 pessoas entrevistadas, apenas três já haviam sido usuárias do carro e nenhuma fizera empréstimo com frequência. Os alegados motivos para afastamento do carro foram do tipo: "falta de tempo", "o horário não é bom" e "perdi a ficha". Esses motivos deverão ser tomados apenas como pista para uma investigação mais minuciosa.



Os entrevistados que responderam "não" à primeira pergunta eram remetidos para a quarta, que indagava sobre os motivos pelos quais o carro não é utilizado. O resultado foi o seguinte:

TABELA 22  
MOTIVOS ALEGADOS PELA NÃO UTILIZAÇÃO DO  
CARRO-BIBLIOTECA PELOS NÃO-USUÁRIOS ENTRE  
VISTADOS DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
BELO HORIZONTE  
1983

MOTIVOS ALEGADOS	Nº DE NÃO-USUÁRIOS
Falta de tempo .....	13
Horário do carro .....	9
Lê pouco .....	25
Não conhece o carro .....	16
Tem outras fontes .....	4
Outros .....	4
TOTAL .....	71

O resultado obtido deixa claro que a população não é naturalmente motivada para a leitura, carecendo, portanto, de estímulos, o que poderia ser considerado como mais um "gancho" para o audiovisual. Além de ser mais expressivo o número de leitores que admitiram isto claramente, através das frases "não tenho interesse", "ou nunca tive vontade", pode-se a eles juntar muitos dos que alegaram falta de tem-

po ou dificuldades de horário, talvez como desculpa, uma vez que muitos empréstimos são feitos indiretamente a pessoas com este tipo de problemas, através de outros leitores (ver CAP. 6.2.1). A maioria das pessoas que disseram não conhecer o carro foram entrevistadas no domingo, dia que o carro não visita a comunidade. Além disso, dos 71 entrevistados 56 declararam transitar diariamente pela praça, alguns, inclusive, duas ou mais vezes por dia. Apenas sete passam por ela "algumas vezes" e somente oito a visitam "raramente". Os horários de maior trânsito destas pessoas são os seguintes:

- Manhã - 40 respostas;
- Tarde - 51 respostas;
- Noite - 22 respostas.

Obs.: vários passam pelo local mais de uma vez por dia.

Para a sétima pergunta, foi obtido um resultado contraditório com o da pergunta de número quatro, conforme se pode concluir, comparando as TAB.22 e 23.

TABELA 23  
 FREQUÊNCIA DE LEITURA DOS ENTREVISTADOS  
 DOS NÃO-USUÁRIOS DO CARRO-BIBLIOTECA  
 NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

LÊ	Nº DE NÃO-USUÁRIOS
Nunca .....	5
Raramente .....	21
Algumas vezes .....	15
Freqüentemente .....	30
TOTAL .....	71

Isto porque, se as respostas à questão quatro revelaram pouca motivação para a leitura, a sétima não poderia indicar tão expressivamente o hábito de leitura.

A TAB. 24 resume a um tempo as preferências de leitura dos entrevistados e o que eles consideraram ideal para compor o acervo do carro.

TABELA 24  
 TIPO DE LEITURA PREFERIDA E ACERVO IDEAL DO  
 CARRO-BIBLIOTECA SEGUNDO OS NÃO-USUÁRIOS ENTREVISTADOS DA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO  
 BELO HORIZONTE  
 1983

TIPO	Nº DE NÃO-USUÁRIOS	
	LEITURA PREFERIDA	ACERVO IDEAL
Em quadrinhos .....	9	7
Fotonovela .....	16	12
Infantil .....	8	10
Juvenil .....	5	6
Jornal .....	12	4
Livro didático .....	20	25
Romance .....	23	14
Outros .....	3	2
TOTAL .....	96	80

NOTA - Alguns entrevistados indicaram mais de uma opção tanto na leitura preferida como no acervo ideal. Dois entrevistados não indicaram a leitura preferida e três, o acervo ideal.

A leitura considerada ideal pelos usuários é oposta à que realmente é da preferência dos usuários (ver TAB. 13, 14 e 15). Tal diferença se prende, provavelmente, à tendência

cultural, aliás muito comum, de que o livro didático é mais importante que qualquer outro, ou pelo menos é o que deveria ser prioritariamente adquirido, quando se trata de uma biblioteca; é a concepção distorcida que muitos ainda fazem, de que a biblioteca pública tem por finalidade principal a de dar suporte ao ensino formal.

## 7 CONCLUSÕES

"A leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas".

Paulo Freire

As conclusões desta dissertação estão basicamente fundamentadas na frase acima transcrita. A sua análise sob o ponto de vista crítico, transpondo-a para a situação usuário - biblioteca, reforça a concepção de que é imprescindível a interação dinâmica entre leitor e carro-biblioteca. Em outras palavras, a leitura que o carro oferece aos seus leitores tem que estar ligada aos seus interesses, às suas necessidades, à sua vivência.

MARTINS (54:81) deixa bem claro que

"para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos. A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas".

O audiovisual teria por função precípua transmitir aos usuários efetivos e aos potenciais do carro-biblioteca que a leitura é um instrumento valioso como fonte de conhecimento. Este reverte em crescimento pessoal e, conseqüentemente, auxilia os indivíduos a exercerem sua plena cidadania.

Entretanto, como convencê-los, como transmitir-lhes essa idéia? Novamente é necessário reportar-se ao pensamento de Paulo Freire, o de que a leitura das palavras se faz através da leitura do mundo. O audiovisual mostraria cenas familiares à sua platéia, oferecendo-lhe a leitura que está dentro do seu contexto e da sua realidade. E, para que o desenvolvimento de uma disposição permanente do ato de ler se estabelecesse, seria necessário que o leitor decodificasse a mensagem que lhe está sendo transmitida, transpondo-a para a sua realidade e comparando-a com experiências pessoais. Através do confronto da mensagem transmitida e de sua própria vivência, ele poderia avaliar criticamente, determinando a valia ou não da mensagem recebida.

É assim que a leitura oferece a oportunidade de um crescimento pessoal. É apresentando novas opções à uma determinada situação que se está vivenciando, incitando e estimulando a auto-análise crítica, onde o leitor não é um mero receptor de mensagens, que as digere sem questioná-las.

No decorrer da pesquisa ficou evidenciado que um dos pontos cruciais para o bom desenvolvimento das funções do carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais é a fixação de seus leitores ou seja, a sua frequência constante e regular ao carro-biblioteca. (ver TAB. 12)

O mesmo fenômeno foi observado por KREMER & TARGINO (45) nos carros-bibliotecas do INL que atuam em bairros de periferia

das cidades de Belo Horizonte e de João Pessoa, quando enfatizam que as populações atendidas são flutuantes desde o início da prestação dos serviços, mas as autoras não chegaram a analisar as causas dessa constatação.

As entrevistas efetuadas junto aos não usuários do carro da região do Bairro Primeiro de Maio demonstraram que o carro é amplamente conhecido e a não utilização do mesmo se prende, na maioria dos casos, a fatores motivacionais. Até mesmo o horário de visita atual não parece constituir fator de muita importância neste aspecto, ou seja, o horário atual satisfaz a uma razoável parcela dos entrevistados e seus conhecidos.

Além disso, a técnica de propaganda utilizada (rádio) tem efeito inexpressivo em termos de atração de usuários, principalmente quando se dá conta que este é o bem de consumo mais comum na região (ver GRAF. 2). Deveria ser questionada a mensagem veiculada pelo rádio. A falha poderia estar aí, pois sabe-se que é alta a audiência radiofônica, como também se as propagandas estão sendo veiculadas nas emissoras mais ouvidas. Em termos de atração de usuários, o meio que tem sido mais eficaz é a divulgação boca-a-boca, talvez pela possibilidade de direcionar a fala ao que no momento está interessando ao futuro usuário. Dos 142 entrevistados, usuários e não-usuários, quase todos ficaram conhecendo o carro através de outras pessoas, sendo que apenas dois mencionaram o rádio como fonte de informação. (ver TAB. 17). E entre os 71 não-usuários entrevistados, somente 16 declararam desconhecer o carro-biblioteca.



A TAB. 12 demonstra que o carro-biblioteca atrai um número razoável de leitores, proporcionalmente à sua capacidade de atendimento, que é limitada pelo tempo, pessoal e acervo. Entretanto, a evasão de leitores de um ano para outro é muito grande.

Com base nestas constatações é necessário que o carro-biblioteca reavalie seu serviço, através de pesquisas de usuários e de avaliação da coleção, com a finalidade de adequá-la aos seus leitores. Esse tipo de pesquisa nunca foi desenvolvida no Setor de Carros-Biblioteca.

Visto o acima exposto, consolida-se assim a afirmativa de que o fio condutor na elaboração do audiovisual é a transmissão das vantagens e ganhos que advêm ao se desenvolver o hábito de ler. A comunidade pesquisada demonstrou já ter conhecimento do carro-biblioteca. Falta ser condizentemente informada da sua função.

Serão traçadas a seguir as diretrizes para a elaboração do roteiro do audiovisual. Inicialmente, vale lembrar alguns dados relativos à composição dos leitores e da população em geral.

As pesquisas apontaram um grupo de usuários, integrado, em sua maioria, por crianças e adolescentes de sete a 17 anos, predominantemente feminino e tendo como ocupações básicas empregos no comércio e na indústria, tarefas domésticas, biscates, estudo.

Na população em geral há duas faixas etárias expressivas: uma constituída de crianças e adolescentes de oito a 20 anos (38%) e outra por jovens de 21 a 35 anos (21%). Há equilíbrio entre as populações masculina e feminina e apresentam ocupações similares às encontradas entre o grupo de leitores.

Outro aspecto a se considerar, em relação à população em geral, é o baixo nível de renda; 26% ganham de zero a um salário mínimo e 50% de um a dois, agravado pelo alto índice de desempregados (média de um trabalhador para sustentar 3,5 pessoas).

As precárias condições de saúde e as deficiências de assistência médica, a falta de acesso à educação além do primário para a quase totalidade das pessoas, também são aspectos alarmantes observados na população pesquisada. Cabe ressaltar ainda que a comunidade apresenta um alto grau de associativismo.

A utilização preferencial do carro-biblioteca como instrumento de lazer ficou patente. Observação de uma leitora entrevistada, mãe de sete filhos:

- "Tenho muito trabalho em casa. Não posso quase nunca sair para passear, muito menos viajar. É lendo que faço minhas viagens, minhas aventuras".

Vários outros entrevistados disseram que gostam de ler, "quando não têm nada para fazer".

O nível de renda das populações de bairros de periferia não permite que seus habitantes tenham várias opções de lazer. Pelo contrário: elas são restritas, geralmente, ao próprio bairro, pois o deslocamento para locais que oferecem outras formas de lazer exige gastos financeiros, que normalmente não podem ser feitos.

Dentre as informações que devem ser veiculadas pelo audiovisual, uma que merece destaque especial na sua elaboração é a opção da leitura como forma de lazer prazeroso, e não por falta de escolha. E que também lazer não é sinônimo de descomprometimento. Pelo contrário, a leitura se torna proporcionalmente mais satisfatória, à medida que se insere numa realidade, enriquece, diverte, dá soluções.

Como já alertou MARTINS (54), a leitura que, aparentemente, é considerada "descomprometida", ou que funciona como válvula de escape, não pode ser assimilada passivamente pelo leitor.

O audiovisual contribuiria para que fossem estabelecidas as relações entre leitura e contexto pessoal, entre a ficção e a realidade vivida pelo leitor, provocando debates, discussões com seus companheiros e a auto-análise crítica da sua situação. Caso contrário, o leitor torna-se vulnerável e sensível ao mundo de fantasias que o romance de estilo não realista costuma proporcionar, não percebendo o potencial de informações que ele oferece e que provocam o engajamento, a participação do leitor no contexto social.

De igual importância, a leitura de caráter informacional, nesta dissertação classificada como não-ficção, merece uma reflexão cuidadosa visando a sua adequada veiculação. Os dados estatísticos de empréstimo contidos na TAB. 13 revelam que ela é pouco procurada. Porém, as entrevistas efetuadas junto aos usuários e os não-usuários apontaram que há demanda desse tipo de leitura. Através da divulgação de um acervo adequado consoante com as necessidades e características da população, os leitores seriam facilmente atraídos. Para isto, é preciso que o carro-biblioteca faça constantemente pesquisas de usuários e não-usuários, reavalie e aproprie seu acervo às características detectadas. Algumas sugestões do tipo de material que o carro-biblioteca deveria possuir são apresentadas no anexo 5.

Seria também interessante que o audiovisual enfocasse alguns segmentos populacionais que menos têm procurado o carro, estimulando a sua frequência. Tomando-se como parâmetro a comparação entre a composição dos leitores e da população em geral pesquisada, os que menor representatividade têm entre os usuários são as crianças e adultos do sexo masculino, e os idosos de ambos os sexos.

Outra informação que necessita estar contida no audiovisual é que a participação do usuário é imprescindível para o bom funcionamento do carro-biblioteca. É preciso lembrar ao povo que o carro-biblioteca é deles. Não é presente do governo, ele é sustentado pelo pagamento de impostos. Ficou

evidenciado em muitas entrevistas que a comunidade se esquece, ou talvez não esteja devidamente informada sobre essa realidade. Alguns entrevistados, ao desconfiarem da pergunta "se o acervo do carro atendia a suas necessidades e expectativas", como se fossem desagradar o pessoal do carro, diziam que este os satisfazia. Tentando-se afastar essa primeira reação de desconfiança, conseguiu-se que alguns entrevistados expusessem suas expectativas com relação ao acervo do carro-biblioteca.

Pode-se exigir do carro-biblioteca, pressioná-lo. Esse é um direito do seu público e pressão do povo exerce influência no governo. Como a biblioteca pública não é muito questionada pela população, instala-se uma situação de desprestígio dos governantes pela instituição. "Biblioteca não traz votos", já é consenso entre alguns políticos. É preciso trabalhar para banir essa afirmativa, como também a sua distorção, de que só o que reverte nas próximas eleições é que merece a atenção dos governantes. Se a população, juntamente com os bibliotecários, se unissem por melhorias do carro-biblioteca, baseados na real demanda de suas necessidades de leitura, e pressionassem por efetivas melhorias do seu serviço, com certeza haveria ganhos nesse sentido. A biblioteca passaria a ser mais prestigiada pelos governantes, merecendo mais a sua atenção. Mas, para ter esse poder de barganha, é necessária a participação do povo.

Portanto, uma das principais funções do audiovisual seria a de funcionar como um elo, ponte de mão dupla, primeiro canal de comunicação mais contínua entre o carro-biblioteca e a população, incrementado principalmente pelos debates que ele suscitaria. É a valorização e a democratização do saber. É o incentivo, a motivação à leitura, como fonte de educação permanente. É também como uma atividade agradável, lúdica, que distrai. Uma das palavras-chave para difundir a leitura é prazer e não obrigação.

O audiovisual poderia ainda conter duas funções práticas. A primeira é que ele ajudaria a suprir a dificuldade e, às vezes, até mesmo a impossibilidade de os bibliotecários orientarem os usuários na escolha de suas leituras. A capacidade de transporte de pessoal do carro-biblioteca é limitadíssima, devido à sua adaptação e, em alguns locais de parada, a demanda de seu serviço de empréstimos é tão grande que os bibliotecários ficam exclusivamente por conta de desenvolverem as usuais rotinas de empréstimo e devolução. Já houve ocasiões, exatamente no local de parada do Bairro Primeiro de Maio, de ser necessário que um bibliotecário fosse de ônibus, porque os três funcionários que o carro comporta não estavam tendo condições de atender a todos os usuários que compareciam ao carro, tal o volume de empréstimos demandado pela comunidade.

A segunda seria a de conscientização da manutenção do bom estado do acervo. É compreensível que pessoas que dividem o

espaço com muitas outras, que utilizam a mesma mesa para refeições e para estudar, devolvam os livros ou revistas emprestados pelo carro com algum estrago, ou algum tipo de mancha. Mas também é comum os materiais serem devolvidos com riscos de caneta, dobras, folhas rasgadas. É necessário que haja uma conscientização da importância de se usar e manter em bom estado aquilo que é bem público, coletivo. Outras pessoas também deverão usufruir daquele material, que será de serventia para seu colega, irmão ou vizinho. Seria bom associar esse problema à solidariedade, à união comunitária, sentimentos geralmente encontrados em comunidades carentes, como foram identificados na região pesquisada. A comunidade sabe que é preciso cultivar esse espírito de solidariedade, por questões até mesmo de sobrevivência.

Com relação à escolha das imagens do audiovisual, do diálogo e das músicas de fundo, deve-se basear em elementos que fossem identificados pelas comunidades servidas pelo carro-biblioteca. É até aconselhável que se aproveitem as manifestações artísticas locais, aproximando mais ainda a mensagem do audiovisual ao cotidiano dos receptores.

A linguagem deve ser simples e adequada, utilizando termos e expressões familiares ao seu público.

Os elementos iconográficos igualmente têm de ser escolhidos seguindo a mesma linha: situações comuns do cotidiano das comunidades, lugares conhecidos e por elas freqüentados. A

identificação do audiovisual com seu cotidiano é imprescindível para que ele atinja o seu objetivo, sendo facilmente apreendido.

É interessante intercalar passagens ou desenhos com cenas de humor. Através dele é possível associar elementos que estariam originalmente separados. Conforme CECCON (15), o desenho de humor exige decodificação que só é feita se for familiar ao decodificador. Ele a reelabora, desenvolve e, a partir daquele momento, se torna co-autor. Há também a vantagem de não ser sério, pesado, o que, conseqüentemente, facilita a assimilação por indivíduos de diferentes idades ou nível cultural.

É preciso que o maior número de pessoas vejam o audiovisual mas, por suas próprias características, ele não deve ser assistido por uma grande platéia, pois perderia a oportunidade de discussão após a projeção. Como então atingir o maior número possível de pessoas? Fazem parte da comunidade instituições coletivas, freqüentadas pela população em geral e, principalmente, pelas lideranças locais. Aquelas seriam o elo de ligação que, devidamente motivadas, provocariam uma reação em cadeia, atingindo assim, com a credibilidade dos seus pares, o maior número possível de membros da comunidade. Estaria assim provocada a disseminação dos serviços do carro-biblioteca, com a ajuda da própria comunidade, que o identificaria como um bem coletivo, como fator de crescimento pessoal.



O audiovisual, sozinho, não teria condições de gerar uma mudança social. É necessário que a ele se somem outros agentes de conscientização da população, representados normalmente por organismos formais ou informais, podendo-se citar, entre outros, as associações de bairro, de pais, sindicatos, escolas, grupos de manifestações artísticas. Cada informação assimilada em diferentes ocasiões e situações, ao longo do tempo, se acrescentaria às anteriores, fazendo com que os indivíduos subissem paulatinamente "patamares" no seu processo de "desalienação".

Com a finalidade de reforçar a idéia transmitida, mais uma vez é parafraseada uma das afirmativas do mestre Paulo Freire (54:12): "Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo".

Se forem observadas as diretrizes sugeridas neste capítulo, acredita-se que o audiovisual poderá, inclusive, auxiliar na solução de um dos problemas mais sérios do carro-biblioteca: o decréscimo da frequência da grande maioria dos usuários, a partir de sua inscrição como leitores. Estes o têm procurado, talvez, para suprir necessidades imediatas de informação ou encontrar distração, na falta de outras opções de lazer. Passada essa necessidade momentânea, ou a simples curiosidade de se conhecer algo novo, o carro voltaria a ser esquecido, não conseguindo se transformar em um elemento indispensável no dia-a-dia das pessoas.

O audiovisual estaria auxiliando a incitar a população a participar ativamente da biblioteca, afastando o modelo ainda comumente adotado por ela de que, se não é o de transmitir a ideologia dominante, é paternalista. Ou, pior ainda, uma mescla dos dois.

Seria também interessante lembrar o papel do profissional que trabalha diretamente com populações sócia, econômica e culturalmente carentes. Esse bibliotecário é um trabalhador social, que atua na estrutura social. E, para que ele promova mudança em sua esfera de ação, o primeiro passo é compreender a sociedade, ter uma visão crítica de sua estrutura. Só assim ele poderá pensar as ações necessárias às mudanças que realmente contribuam para o desenvolvimento social.

É preciso que o serviço de extensão das bibliotecas públicas brasileiras assuma a responsabilidade de redefinir a sua verdadeira função, de reelaborar a sua prática, enquanto instituição que é parte integrante de uma sociedade. É necessário que se convença definitivamente de que está inserida num contexto de terceiro mundo e do seu compromisso com as camadas mais carentes, que representam a maior parcela da população brasileira.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA DO RECIFE. Salário e custo de vida: pesquisa de trabalhadores. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. Pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. p.86-129.
- 2 ACKOFF, Russell Lincoln. Planejamento de pesquisa social. São Paulo, EPU, 1975. 556 p.
- 3 AMBULANTE biblioteca. American Libraries, Chicago, 2:214, Feb.71.
- 4 AQUINO, Geralda Júlia Fonseca de. Atividades livres educativas em bairros periféricos. Minas Gerais, Belo Horizonte, dez.1982. p.14. Suplemento Pedagógico, n.66.
- 5 ————. Biblioteca volante. Belo Horizonte, Centro de Educação Permanente Professor Luiz de Bessa, 1983. 9 p.
- 6 BARBIER, René. A pesquisa - ação na instituição educativa. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1985. 280 p.
- 7 BARCELOS, Gladys Maria Ferrão et alii. Serviço de carros-biblioteca; organização e funcionamento. Brasília, INL, 1983. 54p.
- 8 LES BIBLIOBUS. Bulletin des Bibliothèques de France, Paris, 14:231, mai 1969.
- 9 BLACK, Thelma. The community coordinator program. In: NYREN, D., ed. Community service. Chicago, ALA, 1973. p.43-50.

- 10 BOOKMOBILES save gas; serve business community.  
Library Journal, New York, 100(1):89, 1 Jan., 1975.
- 11 BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular; leituras de operárias. 5.ed. Petrópolis, Vozes, 1981. 188 p.
- 12 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Participar-pesquisar .  
In: —, org. Repensando a pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.7-14.
- 13 BULLOCK, Bessie. The Bushwick Branch bash. In: NYREN, Dorothy. Community service; innovations in outreach at the Brooklyn Public Library. Chicago, ALA, 1973. p.51-4.
- 14 CARRO-BIBLIOTECA: cultura itinerante. Minas Gerais, Belo Horizonte, 18 fev.1982. p.31, c.1-2. Movimento Cultural.
- 15 CECCON, Claudius. Com humor; uma nova linguagem de comunicação social. In: FREIRE, Paulo et alii. Vivendo e aprendendo; experiências do IDAC em educação popular. 2.ed. Brasiliense, 1980. p.107-122.
- 16 CENTRO DE INVESTIGACIÓN Y DESARROLLO DE LA EDUCACIÓN. Proyecto piloto; toda la familia enseña y aprende en comunidades campesinas del area de la costa. Santiago, 1977. 10p.
- 17 CHANDLER, Marilyn. A changing library for a changing neighborhood. In: NYREN, Dorothy. Community service; innovations in outreach at the Brooklyn Public Library. Chicago, ALA, 1973. p.24-30.

- 18 DEMO, Pedro. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. Repensando a pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.104-30.
- 19 DULCI, Luiz. Fim do livro didático descartável? Palavra & Ação. Belo Horizonte, 1985. p.5.
- 20 DUMONT, Ligia Maria Moreira. Carro-biblioteca ou uma biblioteca sobre rodas. Minas Gerais, Belo Horizonte, dez. 1982. p.10. Suplemento Pedagógico, n.66.
- 21 EASTWOOD, C.R. Mobile libraries; and other public library transport. London, Association of Assistant Librarians, 1967. 272p.
- 22 ENGEL, Joseph Maria. Apresentação. In: MELLO, Paulino Geraldo Cabral de. Audiovisual: linguagem e técnica. Rio de Janeiro, Sono-Viso, 1980. p.1-2.
- 23 ESHELMAN, William R. Audio-visual aids: fallout from McLuhan galaxy. In: BOYLE, Deirdre, ed. Expanding media. Phoenix, Onyx Press, c.1977. p.22-4.
- 24 FARIA, Raquel. A montanha vai a Maomé. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2 out.1983. 2 cad., p.5. c.3.
- 25 FATE of bookmobiles up for question. Library Journal, New York, 104(21): 2506, 1 Dec., 1979.
- 26 FERNANDES, Florestan, org. Comunidade e sociedade; leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo, Nacional, 1973. 579p.

- 27 FICHTER, J. H. Definições para uso didático. In: FERNANDES, Florestan, org. Comunidade e sociedade. São Paulo, Nacional, 1973. c.11, p.153-5.
- 28 FLÜSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. Anais... João Pessoa, Associação de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v.2, p.167-95.
- 29 FONTAINE, Sue. Off the mall: an AV how-to. In: MORAN, Irene E., ed. The library public relations recipe book. Chicago, ALA, 1978. p.29-32.
- 30 FREIRE, Paulo. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares - uma introdução. In: —. A importância do ato de ler; em três artigos que se completam. 3.ed. São Paulo, Autores Associados, 1983. p.25-41.
- 31 ———. O compromisso do profissional com a sociedade. In: —. Educação e mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p.15-25.
- 32 ———. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. Pesquisa participante. 2.ed., São Paulo, Brasiliense, 1982. p.34-41.
- 33 GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. Repensando a pesquisa participante. 2.ed., São Paulo, Brasiliense, 1985. p.15-50.

- X 34 GARCIA, Daisy Freire et alii. Levantamento de ações sócio-educativas e culturais desenvolvidas por instituições públicas e privadas junto às populações carentes da região metropolitana de Belo Horizonte. Belo Horizonte, Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, 1980. 77p.
- 35 GIACOMANTONIO, Marcello. O ensino através dos audiovisuais. São Paulo, Summus, 1981. 182p.
- 36 HAWKINS, Marilyn. Seattle's bookmobile metamorphosis. Wilson Library Bulletin, New York, 54(6):442-6, Mar.1980.
- 37 HEALY, Eugene. Bookmobiles; a somewhat closer look. American Libraries, Chicago, 2(1):72-8, Jan.1971.
- 38 HOFFMAN, Frank W. Popular culture as a teaching tool in the school library media center. School Media Quarterly, Chicago, 9(4):250-5, Summer 1981.
- 39 HUOTARI, Helena. An international bookmobile. Scandinavian Public Library Quarterly, Copenhagen, 12(4):144-51, 1979.
- 40 INAUGURATION d'un nouveau bibliobus. Bulletin des Bibliothèques de France, Paris, 15(1):46-8, jan. 1970.
- 41 JOVENS E ADULTOS A SERVIÇO DA COMUNIDADE - JASC. Pesquisa domiciliar. s.n.t. 2p.
- 42 KAPLAN, Abraham. A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo, Herder, 1969. 440 p.

- 43 KENT, Allen & LANCOUR, Harold, ed. Bookmobiles. In: ——. Encyclopedia of Library and information science. New York, M. Dekker, 1970. v.3, p.1-57.
- 44 KREMER, Jeannette Margueritte. Carro-biblioteca da Escola de Biblioteconomia da UFMG: uma análise da demanda de material de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. Anais... João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. p. 190-208.
- 45 ————— & TARGINO, Maria das Graças. Carro-biblioteca e demanda: estudo comparativo em dois estados. In: MACHADO, Ubaldino Dantas, ed. Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação. Brasília, ABDF, 1983. v.2, p.71-91.
- 46 LANNA, Rosa Maria de Sousa. Extensão bibliotecária no contexto de um país de terceiro mundo: a caixa estante brasileira. Belo Horizonte, 1985. 289 p. (Tese-mestrado em biblioteconomia).
- 47 LE BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. Repensando a pesquisa participante. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 51-81.
- 48 LE VEN, Michel Marie. Estudo de 6 favelas e 4 bairros populares de BH. Praxis, Belo Horizonte, s.d. p. 19-39.
- 49 LINDSAY, Margot. Mobile libraries-forward or back? New Library World, London, 79(939):167-8, Sept.1978.



- 50 MADDEN, Michael. Library user/nonuser lifestyles. American Libraries, Chicago, 10(2):78-81, Feb.1979.
- 51 MAGNANI, José Guilherme Castor. Festa no pedaço; cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984. 194p.
- 52 MAKING a case for bookmobiles during the energy crunch. Library Journal, New York, 104(20):2394-5, 15 nov. 1979.
- 53 MARQUES, Yara Landri. Região Floramar, Aarão Reis, Primeiro de Maio e adjacências. In: SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE - PLAMBEL. Plano de desenvolvimento integrado econômico-social. Belo Horizonte, 1983. 21p. (Edição preliminar)
- 54 MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo, Brasiliense, 1982. 93 p.
- 55 MARTINS, Myriam Gusmão de. Instrumentos audio-visuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 5., São Paulo, 1967. Trabalhos apresentados... s.n.t. 10 p.
- 56 MEDINA, C. A. de. A função social do livro na atual realidade brasileira. Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1975. 73 p.
- 57 MELLO, Paulino Geraldo Cabral de. Audiovisual: linguagem e técnica. Rio de Janeiro, Sono-Viso, 1980. 283 p.

- 58 MELO, José Marques de. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., João Pessoa, 1982. Anais... João Pessoa, Associação de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v.2, p.239-83.
- 59 ———, coord. Comunicação e classes subalternas. São Paulo, Cortez, 1980. 203 p.
- 60 MILANESI, Luiz Augusto. A leitura possível. In: \_\_\_\_\_. O paraíso via Embratel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. p.145-50.
- 61 MINAS GERAIS. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral - PRODECOM. Programa de urbanização de áreas de ocupação precária; região do Bairro 1º de Maio. Belo Horizonte, 1980. 47 p.
- 62 MOREIRA, Maria de Nazareth Pinheiro. Subsídios para uma reflexão sobre o papel de um centro audiovisual universitário. Belo Horizonte, s.ed., 1982. 6 p.
- 63 MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO - MOBRAL. Localidades: Providência e 1º de Maio. In: ——. Diagnóstico municipal/Belo Horizonte. S. l., s. ed., 1982. 12 p.
- 64 MUNIZ, Marise & CARVALHO, Roberto B. de. Biblioteca ambulante. Duas Palavras: uma Publicação da Biblioteca Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1(0):22-5, out.1983.
- 65 NYREN, Dorothy. Introduction. In: —, ed. Community service; innovations in outreach at the Brooklyn Public Library. Chicago, ALA, 1973. p.1-3.

- 66 OLIVEIRA, Rosiska Darcy de & OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. Pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. p.17-33.
- 67 ORGREN, Carl F. Production of slide-tape programs. In: BOYLE, Deirdre, ed. Expanding media. Phoenix, Oryx Press, c.1977. p.186-94.
- 68 POLKE, Ana Maria Athayde et alii. Biblioteca, comunidade e informação utilitária; um estudo de como circula a informação utilitária no bairro da Pompéia em Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. Anais... João Pessoa, Associação Profissional de Bibliotecário da Paraíba, 1982. p.131-59.
- 69 POWELL, Addie. Ask the people - they know where it is. In: NYREN, Dorothy. Community service; innovations in outreach at the Brooklyn Public Library. Chicago, ALA, 1973. p. 39-42 .
- 70 RAMALHO, Francisca Arruda et alii. Serviço de informação referencial em biblioteca pública; relatório do estudo realizado na Paróquia de Santo Antônio - Belo Horizonte - MG. Belo Horizonte, 1980. 18 p. (Trabalho não publicado).
- 71 RAWLES, Beverly. Bookmobile services: moving the library to disadvantaged adults. Morehead, Appalachian Adult Education Center, Morehead State Univ., 1975. 25 p.
- 72 RECAD0; Jornal das Comunidades. Belo Horizonte, Paróquia de Todos os Santos, jun.1982/abr.1983. Mensal.

- 73 ROSA, Juliana Vianna & MEURER, Lígia Beatriz. Recursos audiovisuais em bibliotecas públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., Curitiba, 1979. Anais... Temário oficial. Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, 1980. v.3, p.1137-40.
- 74 ROUNTREE, Elizabeth. Users and nonusers disclose their needs. American Libraries, Chicago, 10(8):486-7, Sept.1979.
- 75 SELLTIZ, Claire et alii. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo, Herder, 1967. 687p.
- 76 SILVA, Kátia Maria de Carvalho. Ativação cultural em bibliotecas no Estado da Bahia; pesquisa de novas técnicas de transferência da informação. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4., São Paulo, 1978. Anais... São Paulo, FEBAB, 1978. v.2, p.513-30.
- 77 ————. Serviço de extensão em biblioteca pública através carros-biblioteca; implantação de um programa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., Curitiba, 1979. Anais... Temário oficial. Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, 1980. v.3, p.1141-5.
- 78 SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA CAPITAL - SUDECAP. Zona 42 (Bairros 1º de Maio, Providência, São Geraldo, Minaslândia e Santa Maria). In: ——. Diagnóstico para o Município de Belo Horizonte; levantamento sócio-educacional, 1972. Belo Horizonte, 1972. v.1, p.363-6.

- 79 SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE - PLAMBEL. Centros sociais urbanos; programa prioritário. Belo Horizonte, 1975. v.2, p.37-44.
- 80 TARGINO, Maria das Graças. Uma política de dinamização do carro-biblioteca como instrumento de ação cultural no Estado da Paraíba. Revista de Biblioteconomia de Brasília, 11(1):65-75, jan./jun. 1983.
- 81 THIOLENT, Michel J. M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. 3.ed. São Paulo, Polis, 1982. 270p.
- 82 ————. Metodologia da pesquisa - ação. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1986. 108 p.
- 83 ————. Notas para o debate sobre pesquisa - ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. Repensando a pesquisa participante. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.82-103.
- 84 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Biblioteca Central. Manual para normalização de publicações técnico-científicas; uma proposta para a UFMG. s.n.t. (texto datilografado).
- 85 USHERWOOD, Bob. Audiovisual public relations. In: ——. The visible library; practical relations for public librarians. London, Library Association, 1982. c.4, p.37-46.
- 86 WESTGARD, Gunnar. Culture on wheels. Scandinavian Public Library Quarterly, Copenhagen, 11(2):45-6, 1978.

## ANEXO 1

A veiculação do audiovisual deverá ser coordenada pela Biblioteca Pública, aproveitando oportunidades para projetá-lo em reuniões de grupos da comunidade, aulas, catequese, etc. e tendo sempre a preocupação de que a platéia não seja grande. O debate será ativado pelo pessoal da biblioteca, ou alguém para tal fim treinado, suscitando colocações tais como: você já vivenciou alguma dessas experiências? Você sabia que o carro oferece essas opções de leitura e informação?

É apresentada neste anexo a sugestão de um primeiro planejamento do audiovisual, onde são colocados seus principais segmentos. A partir deles, deverá ser desenvolvido o roteiro definitivo.



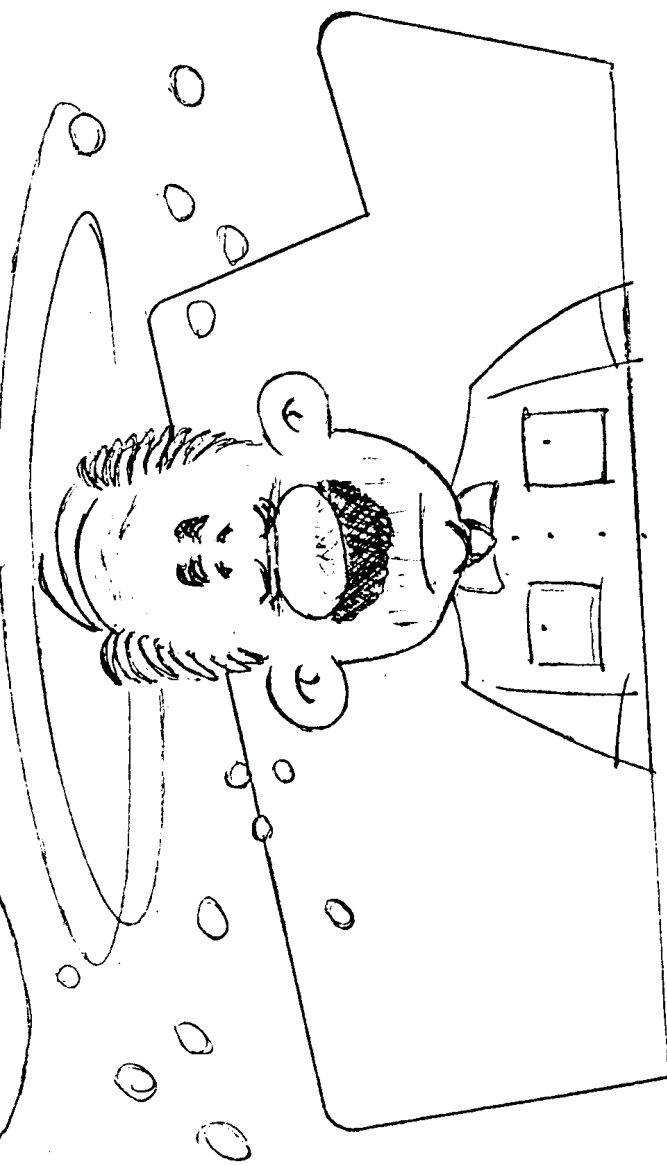
Mas não é possível! Já tem quinze anos que eu construí minha casa e até hoje não conseguí tirar a escritura do lote!

COAHB  
SEAC  
Fórum

CODEURB  
CARTÓRIO

PLAMBE L

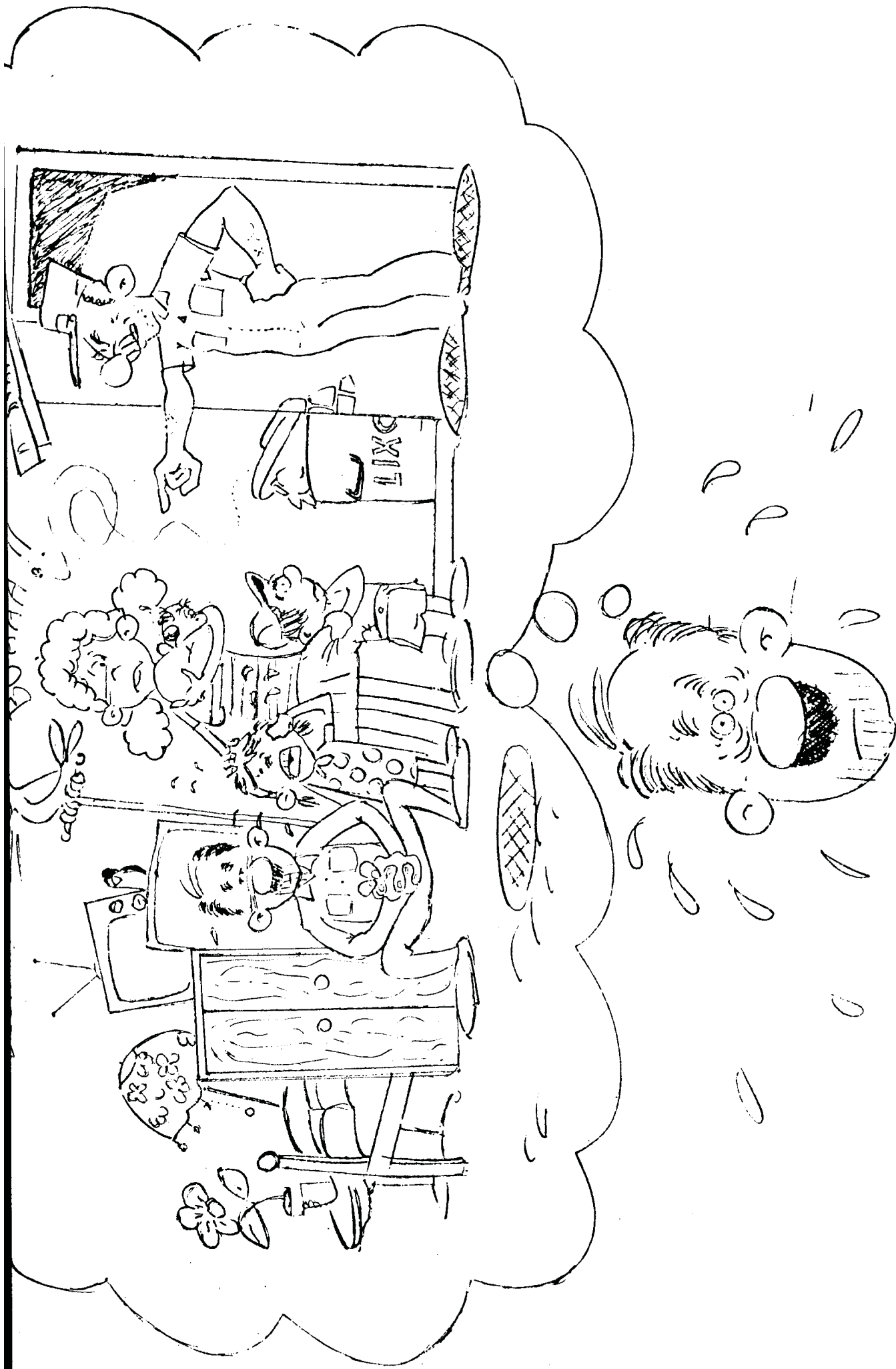
PREFEITURA



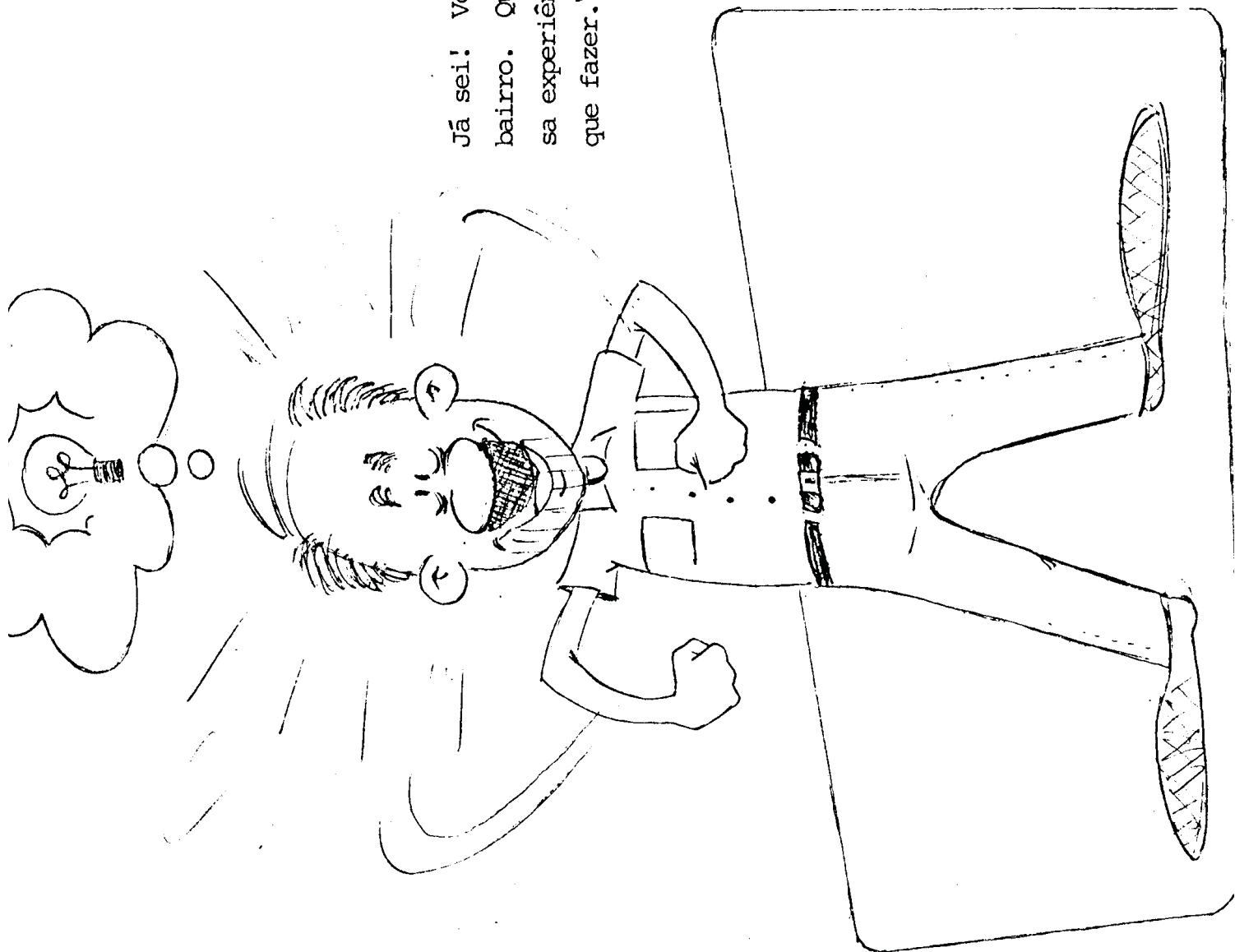
Já me mandaram ir a prefeitura, e nada! Outro me aconselhou a bater na CODEURB, tem também um tal de CEAC...  
Ou quem sabe você dá uma chegadinha no fórum... sei lá mais onde!



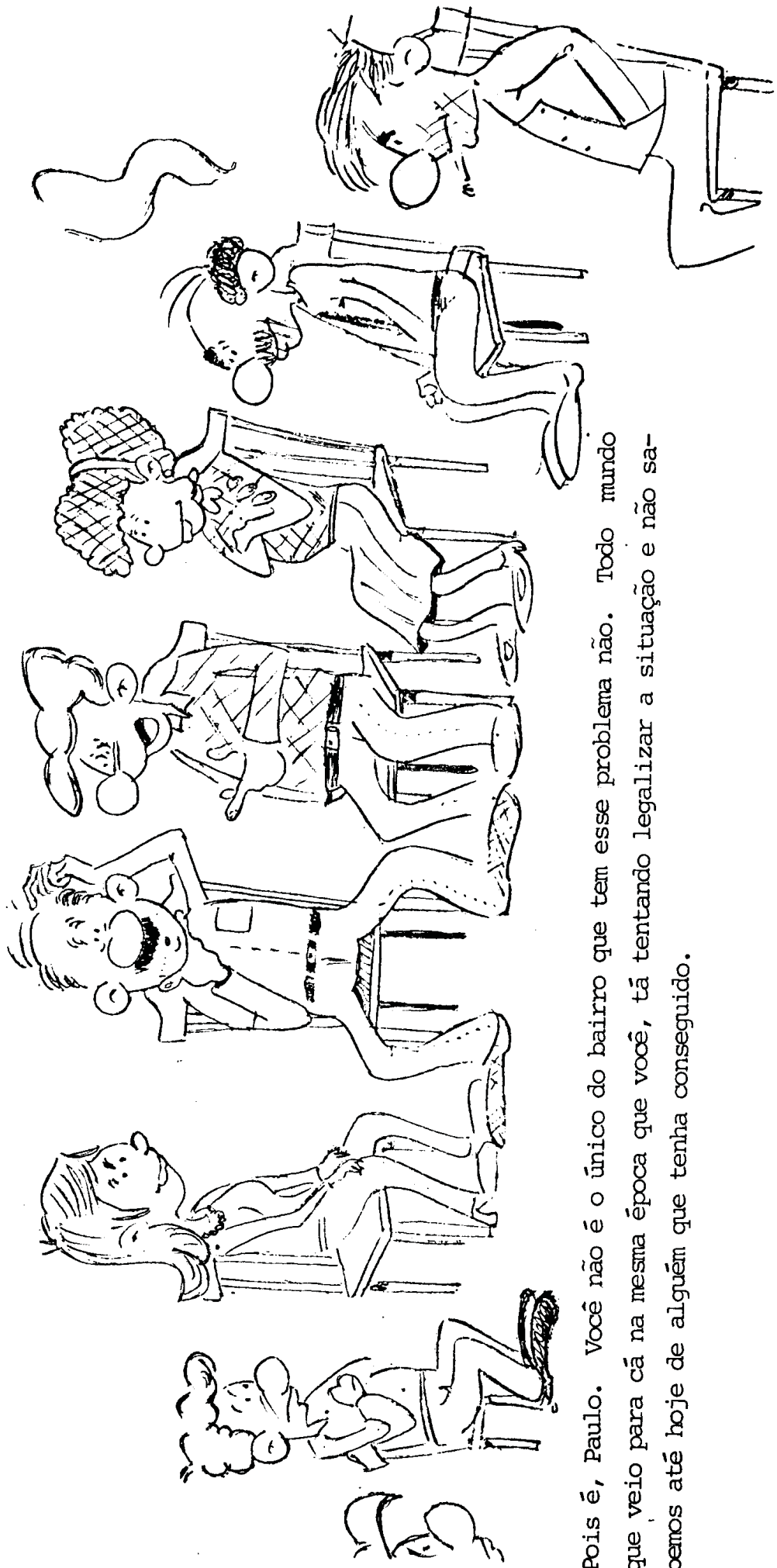
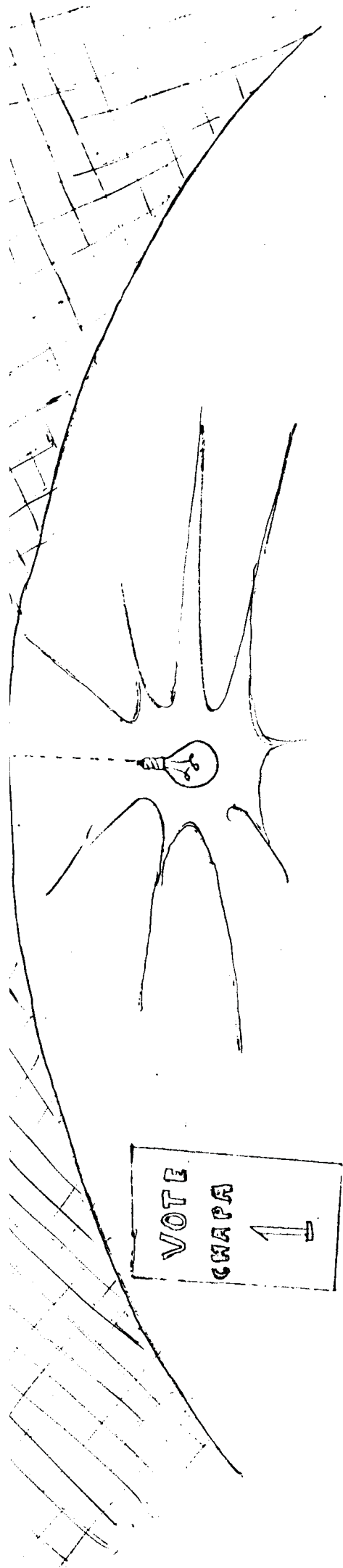




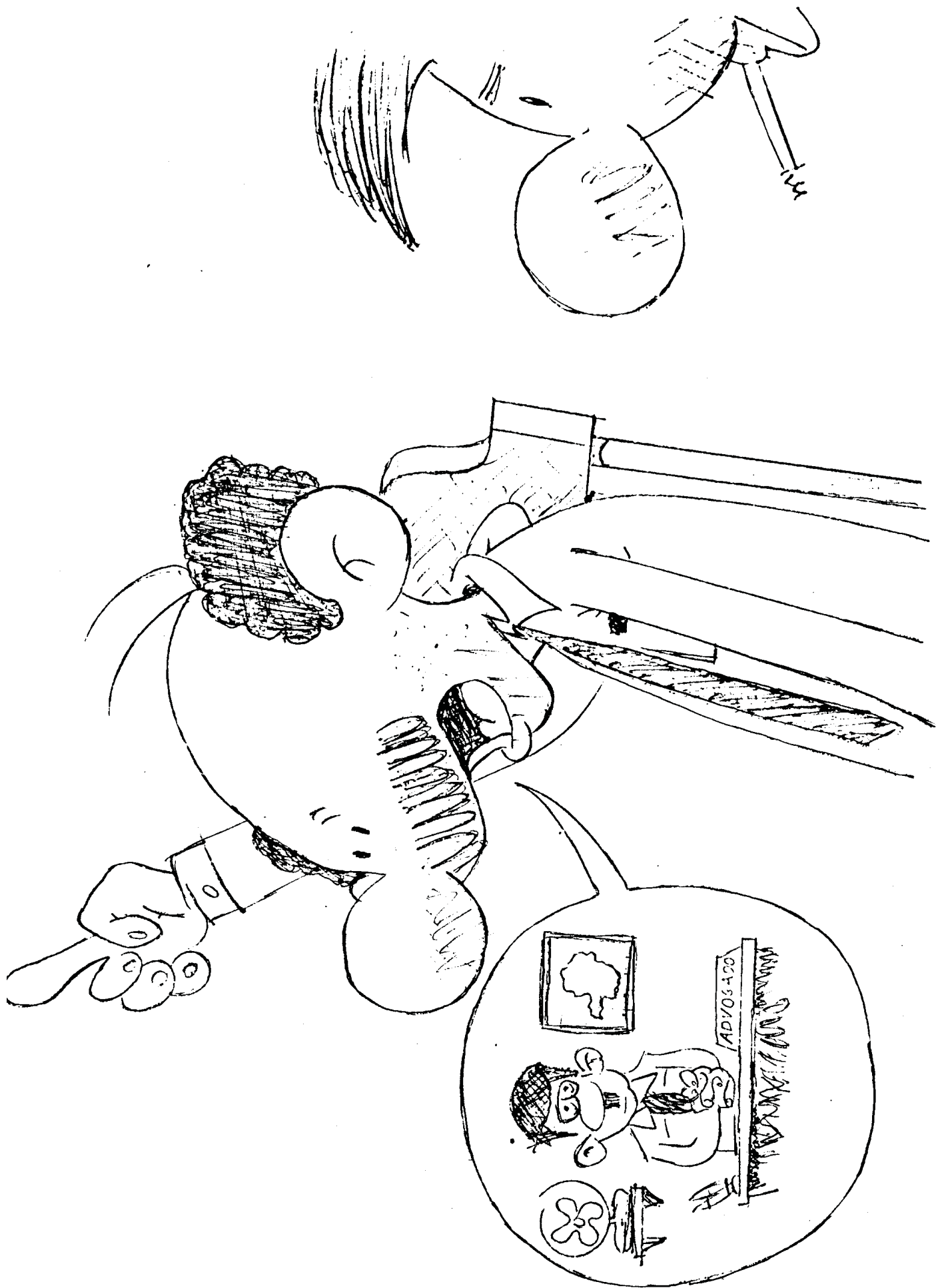
Preciso acertar essa situação logo, pois daqui há pouco, não custa nada, agora que o bairro ficou mais valorizado, vai chegar o caminhão de despejo, dizendo que o patrão comprou toda a área para fazer uma fábrica.



Já sei! Vou a próxima reunião da associação do bairro. Quem sabe lá, alguém já passou por essa experiência e pode me dizer o que eu tenho que fazer.



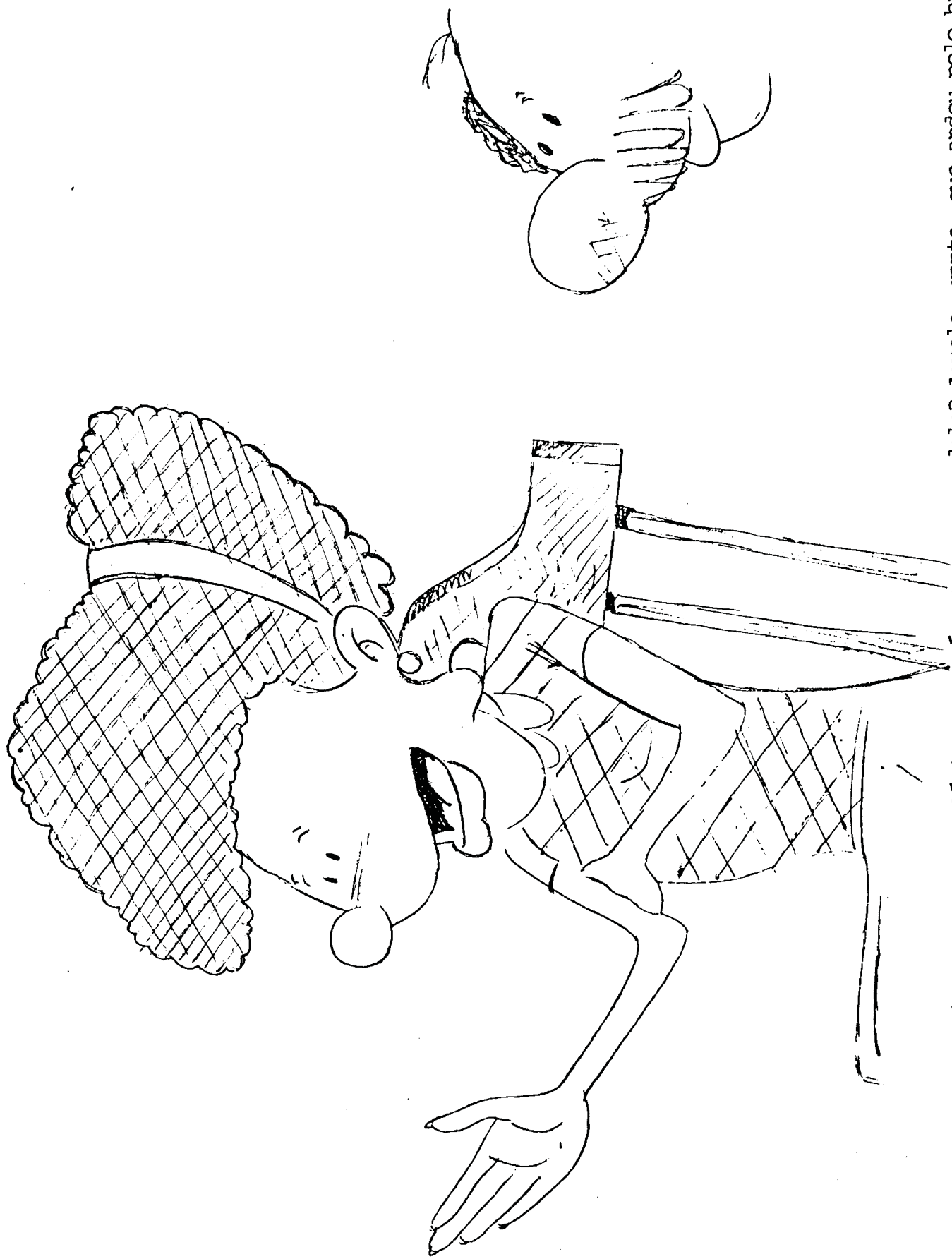
Pois é, Paulo. Você não é o único do bairro que tem esse problema não. Todo mundo que veio para cá na mesma época que você, tá tentando legalizar a situação e não sabemos até hoje de alguém que tenha conseguido.



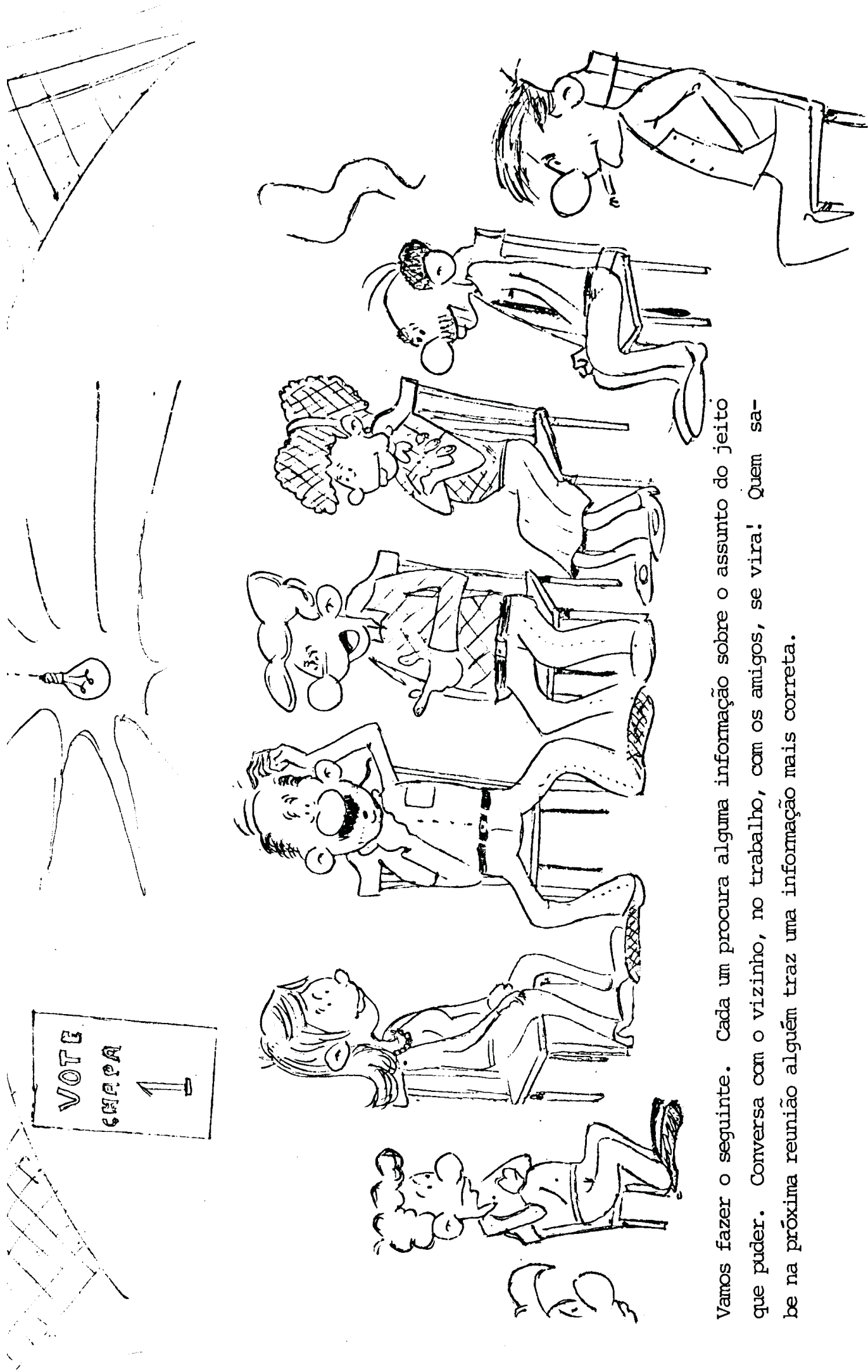
E se nós contratássemos um advogado?



Mas, Geraldão, imagine! Nós não temos dinheiro pra isso. Mas também, deixar do jeito que tá é que não pode.

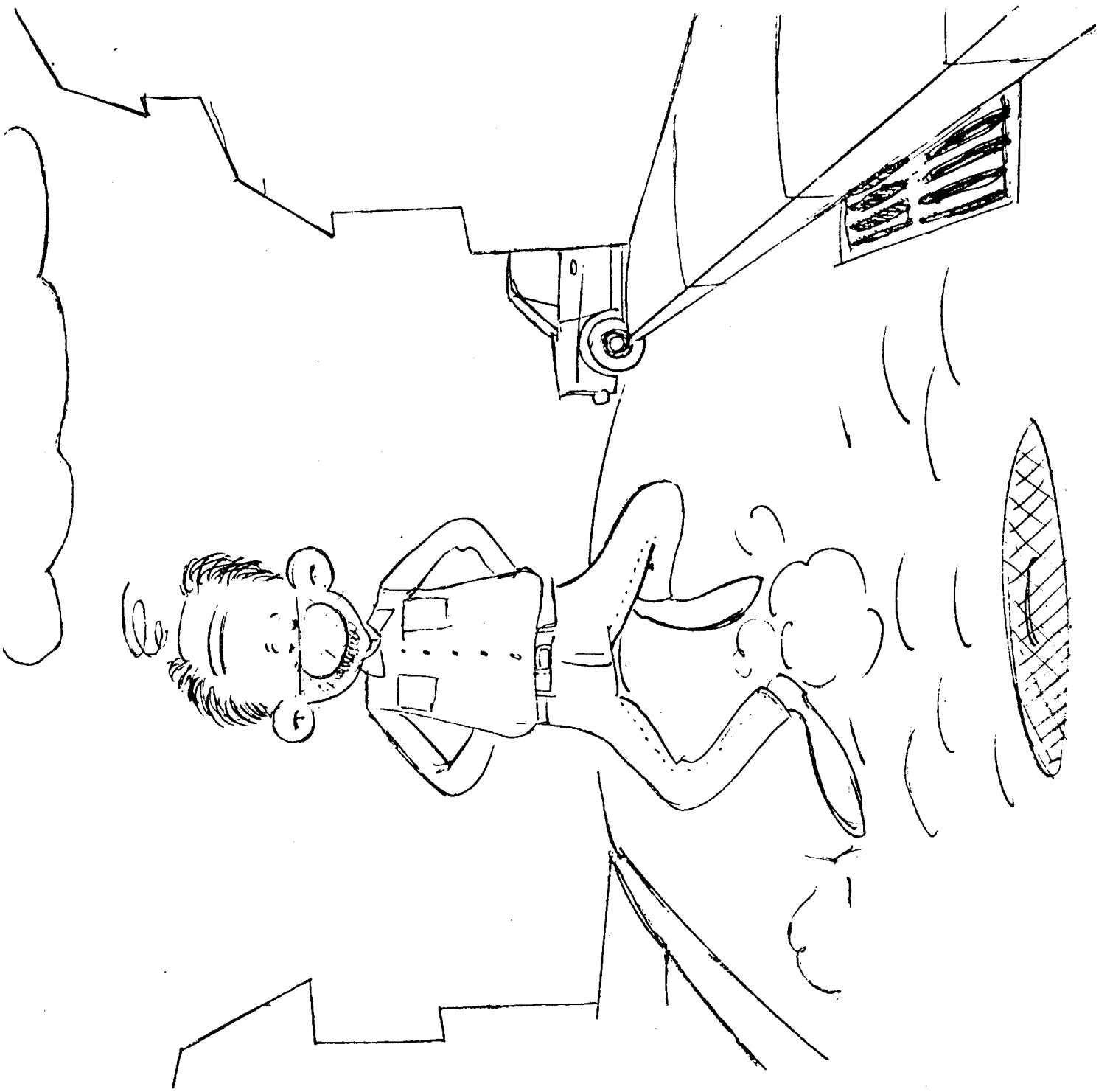


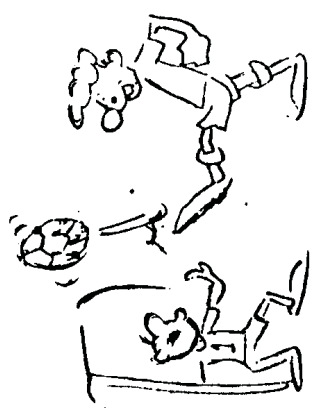
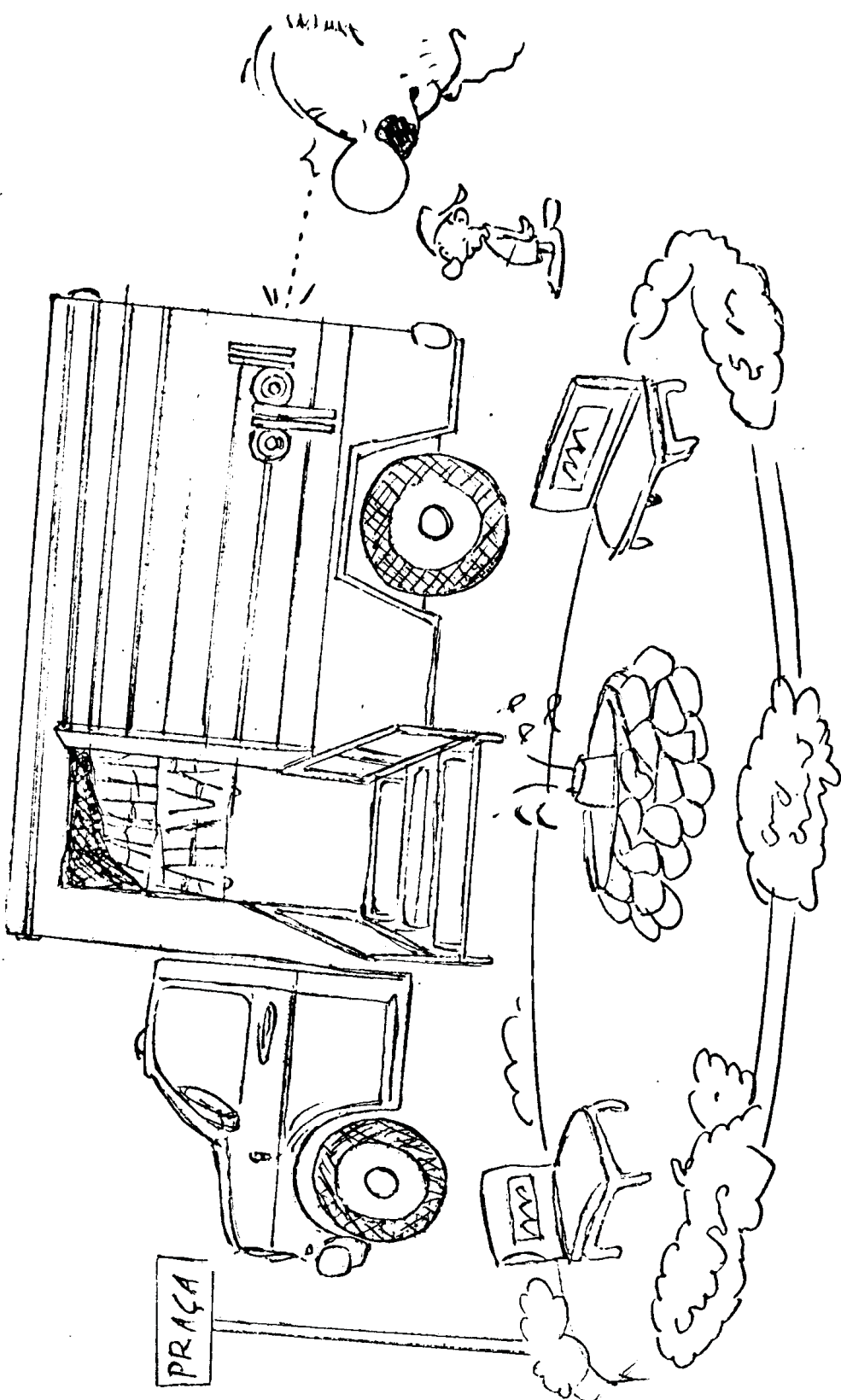
E se nós procurássemos aquele político, como é mesmo o nome dele? Aquele, gente, que andou pelo bairro nas vésperas da eleição... É, sei lá. Pode ser... como pode não ser.

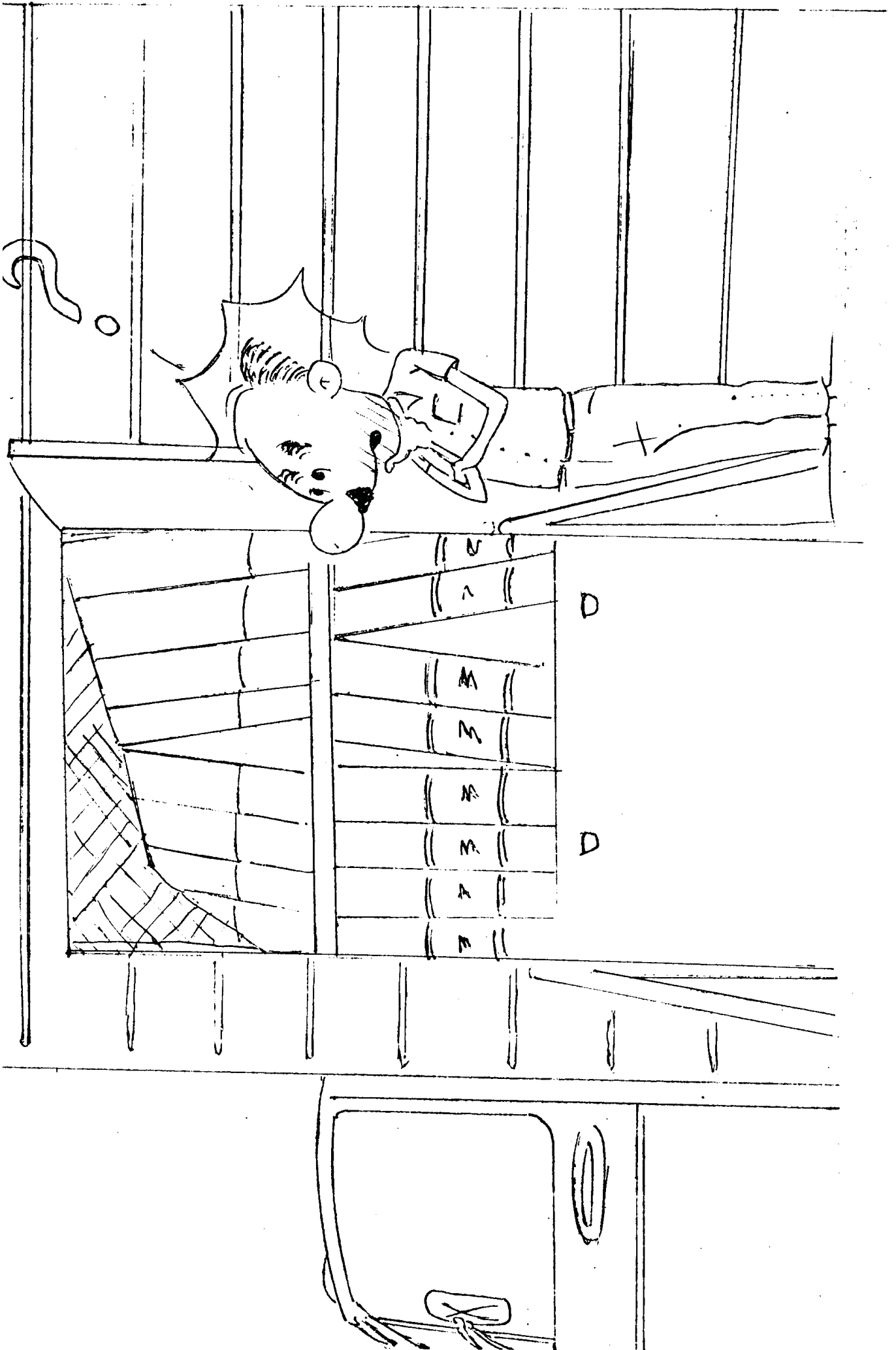


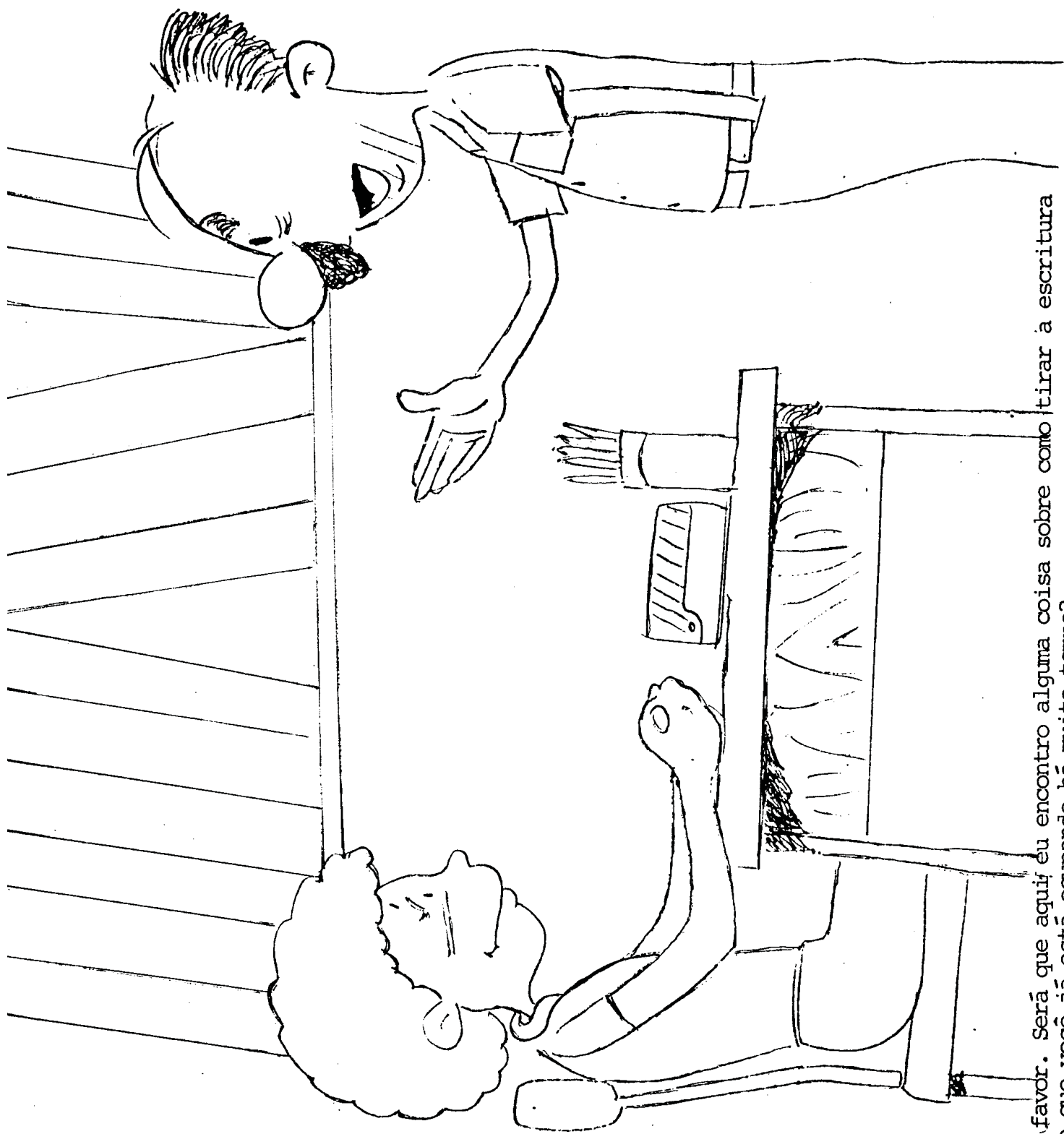
Vamos fazer o seguinte. Cada um procura alguma informação sobre o assunto do jeito que puder. Conversa com o vizinho, no trabalho, com os amigos, se vira! Quem sabe na próxima reunião alguém traz uma informação mais correta.



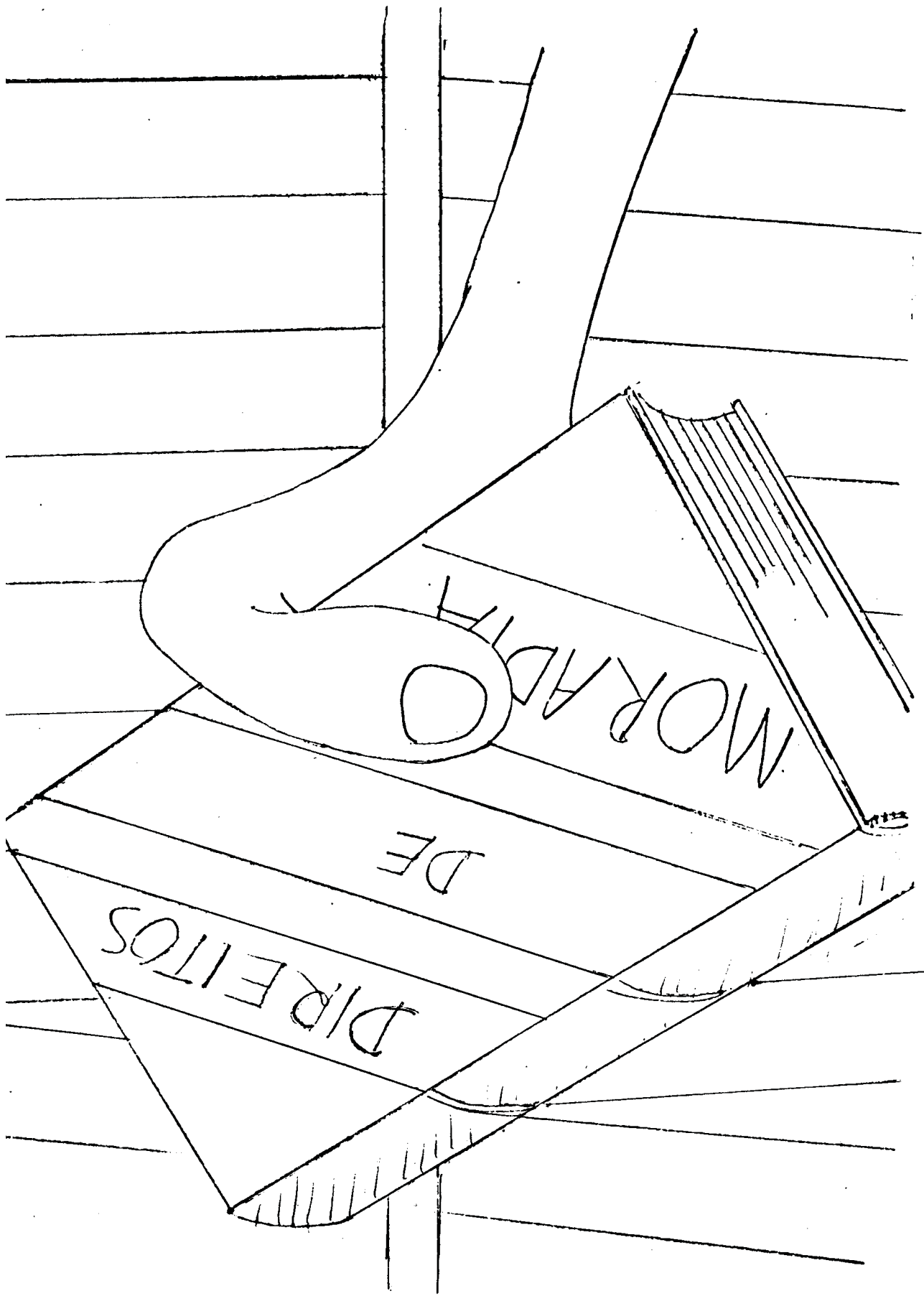






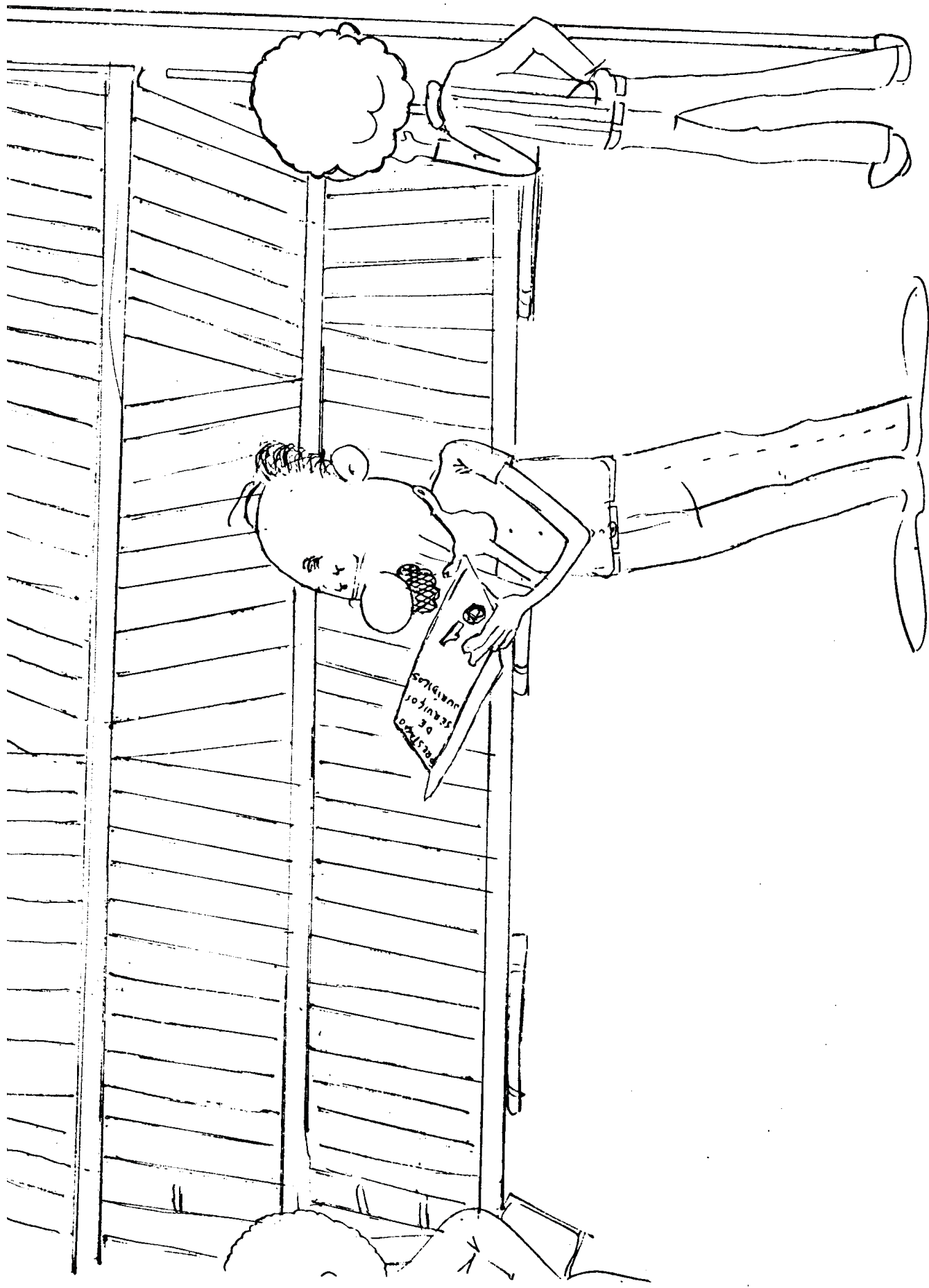


Moça, faz favor. Será que aqui eu encontro alguma coisa sobre como tirar a escritura de um lote que você já está ocupando há muito tempo?

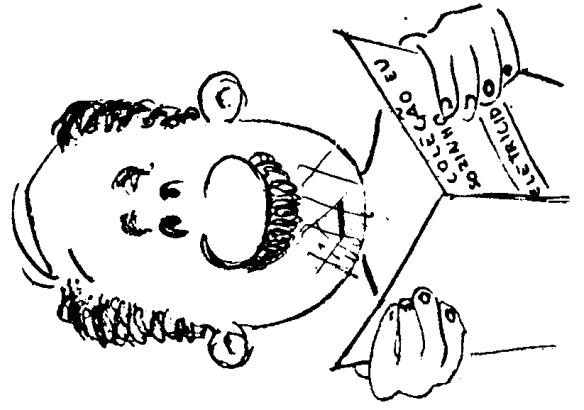


Vamos ver. Primeiro podemos procurar na estante dos livros de direito... Tem também alguns folhetos informativos da prefeitura, da Escola de Direito, da OAB...

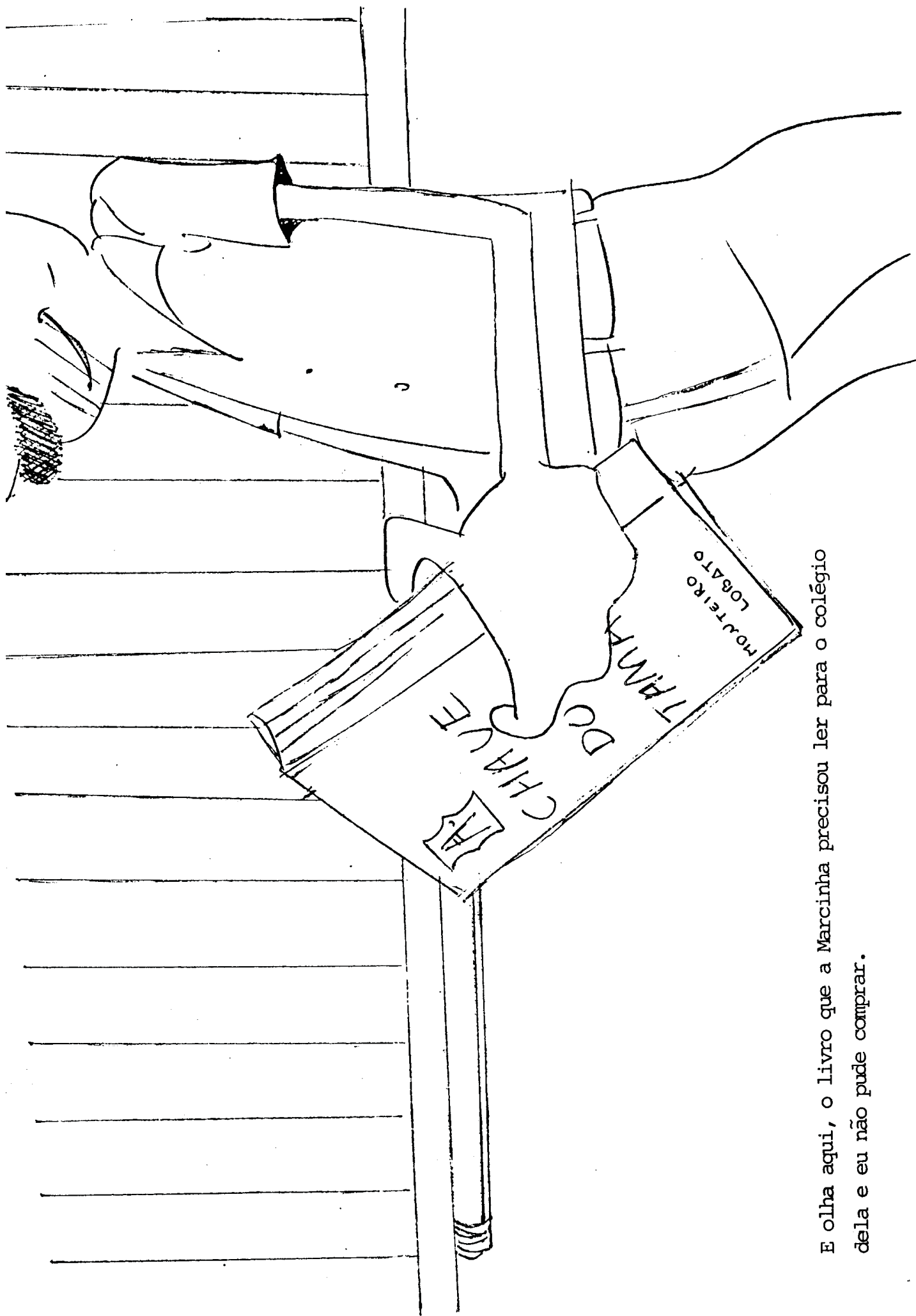
Epa! Esse aqui deve ser bom.



Olha! Esse folheto falando de um serviço de assistência jurídica para quem não pode pagar...

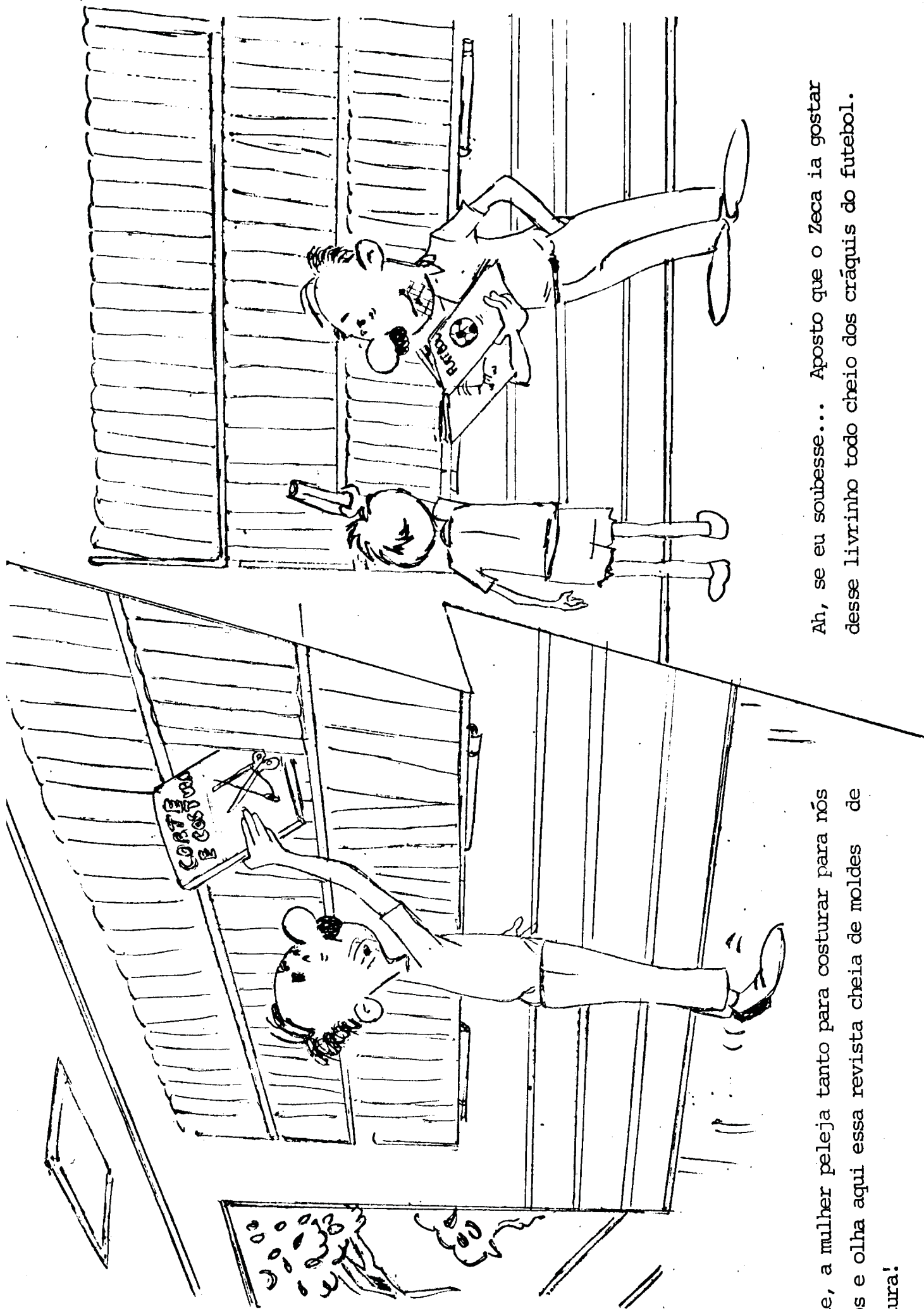


Meu Deus! Se eu tivesse visto isso antes não  
passava aquele vexame!



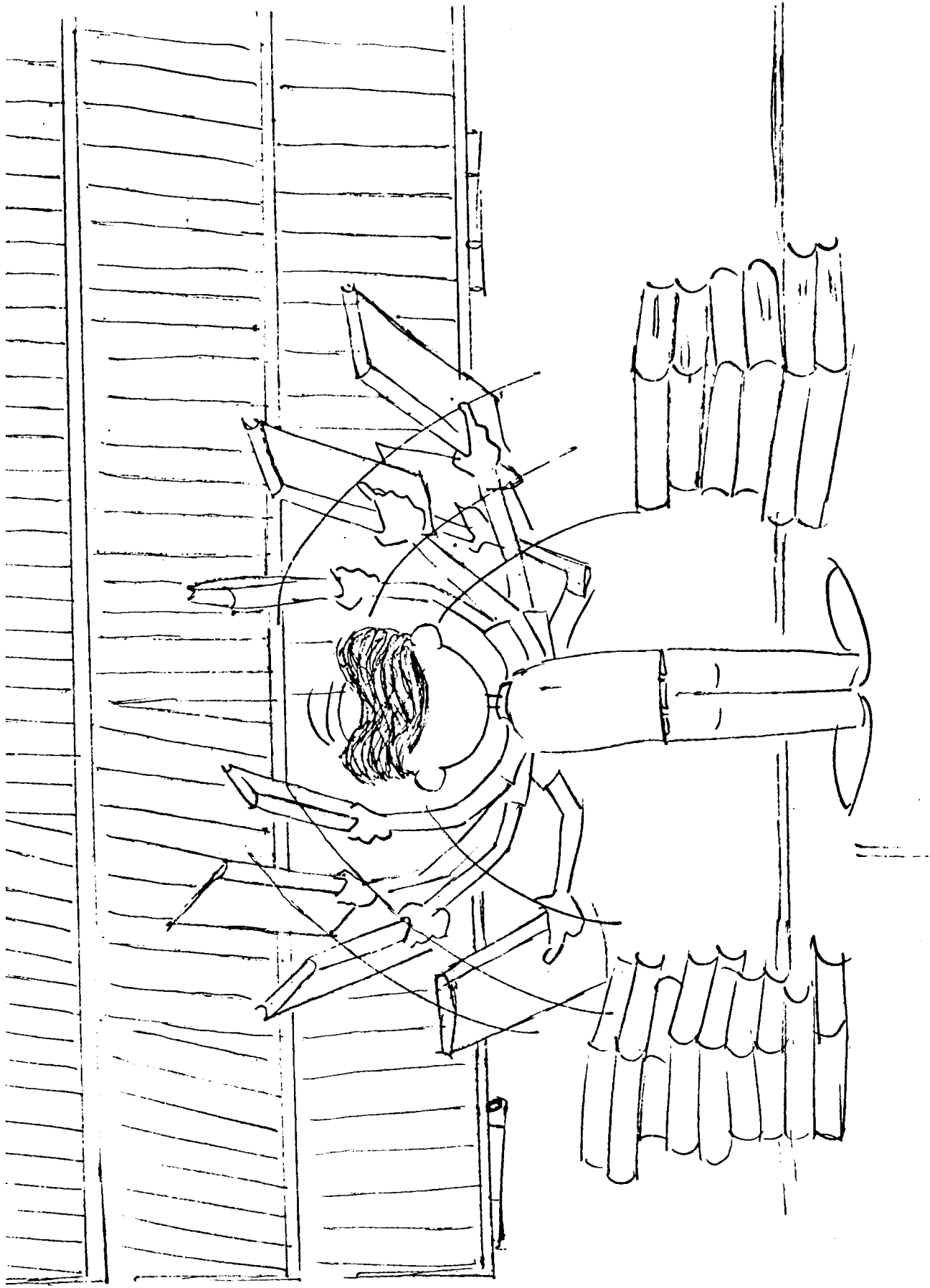
E olha aqui, o livro que a Marcinha precisou ler para o colégio  
dela e eu não pude comprar.



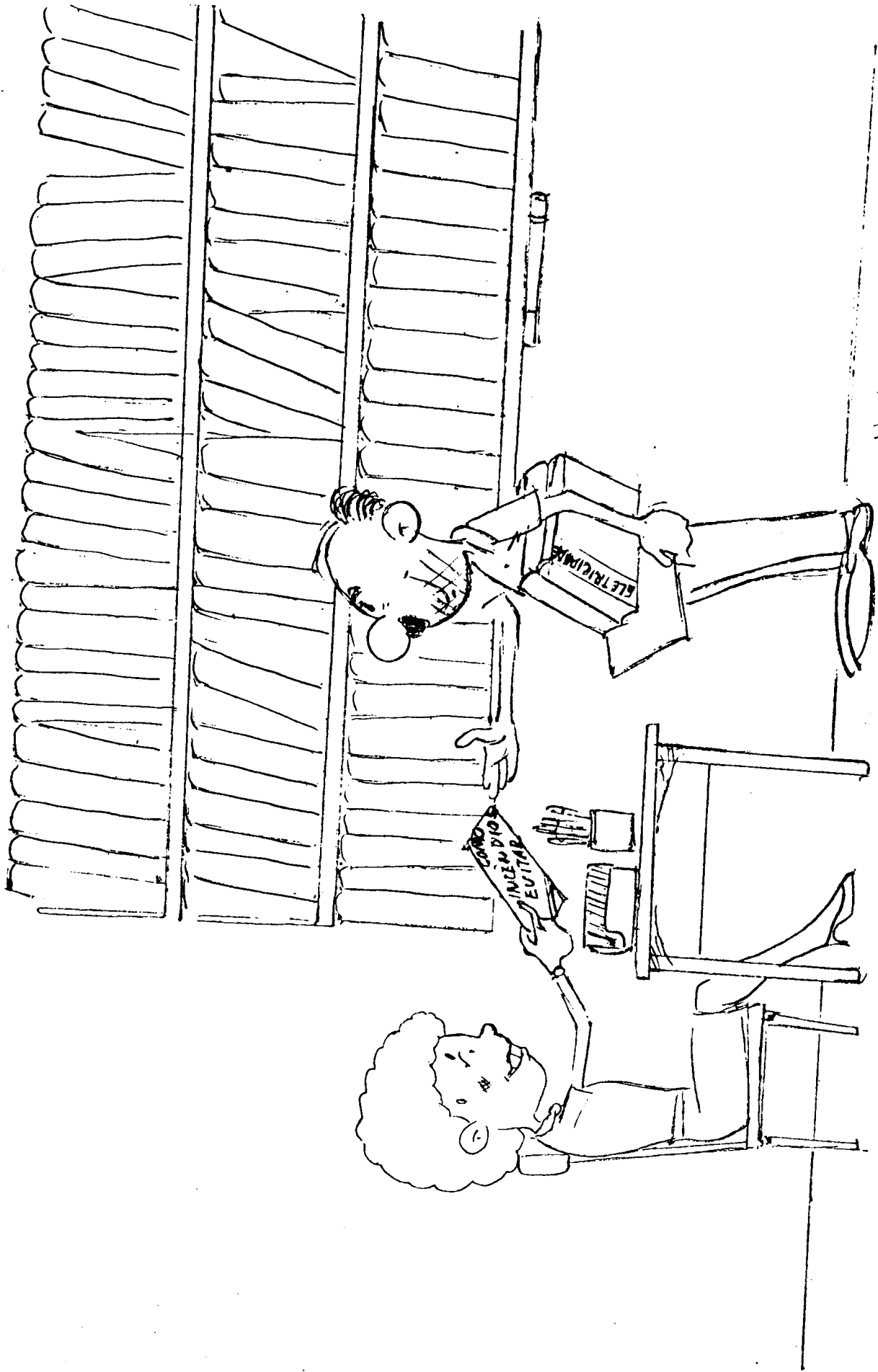


Ah, se eu soubesse... Aposto que o Zeca ia gostar desse livrinho todo cheio dos crâquis do futebol.

Gente, a mulher pelega tanto para costurar para nós todos e olha aqui essa revista cheia de moldes de costura!



E mais esse pro Marcelo da Ivanilda, pro Zé das Tintas... e esse, pro João Tudo Dói, Tunico da Flauta...

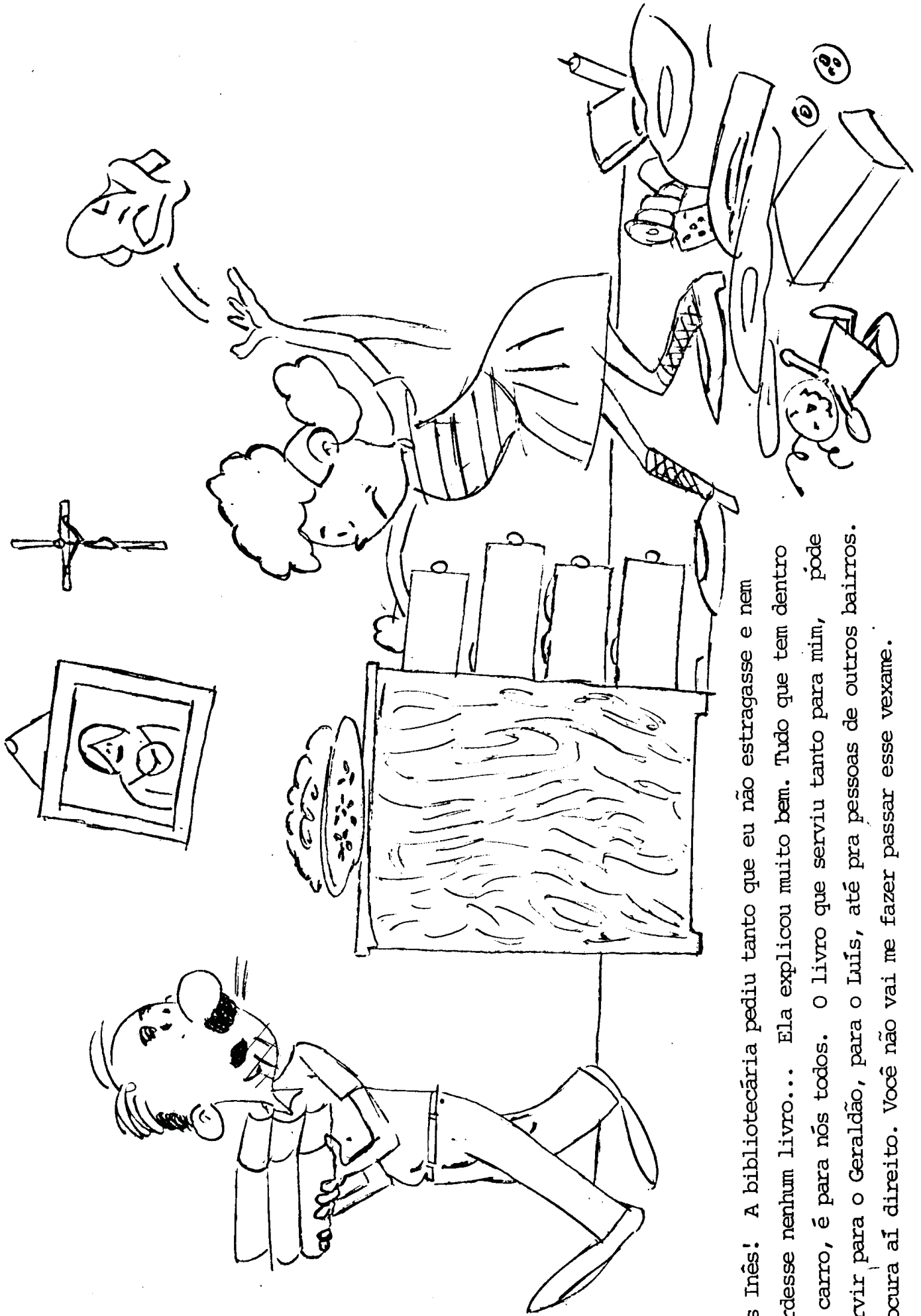


Acho que você devia levar mais esse.

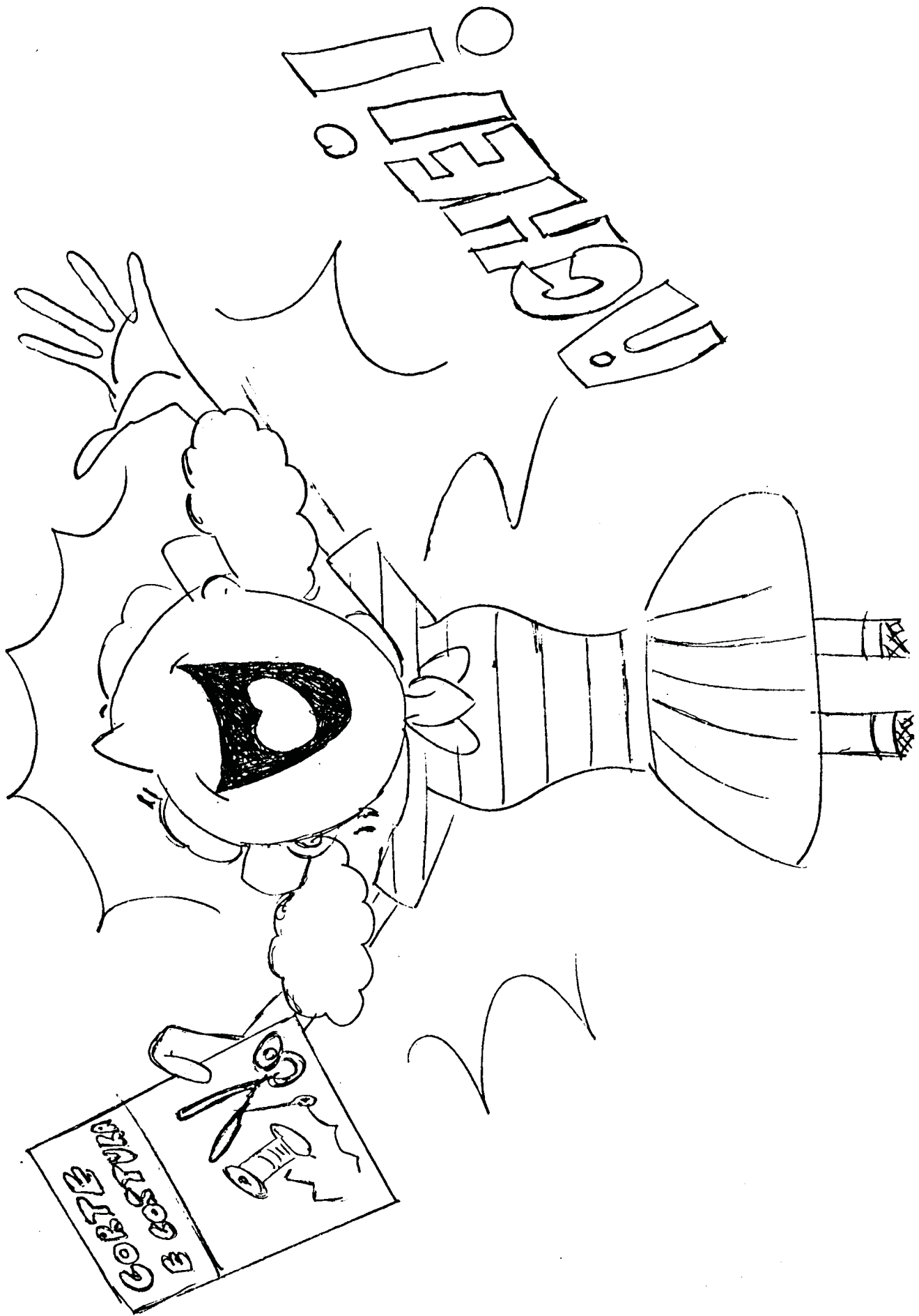
# UMA SEMANA DEPOIS



Paulo e agora! Não sei onde coloquei a revista. A última vez, acho que deixei na câmoda. Ou, será que... eu emprestei pra comadre e ela não me devolveu?



Mas Inês! A bibliotecária pediu tanto que eu não estragasse e nem perdesse nenhum livro... Ela explicou muito bem. Tudo que tem dentro do carro, é para nós todos. O livro que serviu tanto para mim, pôde servir para o Geralção, para o Luís, até pra pessoas de outros bairros. Procura aí direito. Você não vai me fazer passar esse vexame.



ANEXO 2

COMO VOCÊ FICOU SABENDO DA EXISTÊNCIA DO CARRO?

VOCÊ GOSTA DOS LIVROS E REVISTAS QUE ELE TRAZ OU TEM ALGUMA SUGESTÃO A DAR?

O HORÁRIO QUE ELE VEM É BOM PARA VOCÊ? CONHECE ALGUÉM QUE NÃO O FREQUENTA PORQUE NÃO PODE VIR NA HORA EM QUE ELE ESTÁ AQUI?

VOCÊ FREQUENTA OU JÁ FREQUENTOU OUTRA BIBLIOTECA? QUAL?

VOCÊ EMPRESTA O LIVRO OU REVISTA QUE LEVA PARA OUTRA PESSOA? QUEM?

QUAL O ÚLTIMO LIVRO QUE VOCÊ LEU?

PORQUE VOCÊ RETIRA LIVROS E REVISTA NO CARRO?

Nº DE INSCRIÇÃO:

SEXO:

IDADE (se for criança)

EMPREGADO

DESEMPREGADO

ESTUDANTE

DO LAR

PESQUISA DE CAMPO COM NÃO-USUÁRIOS DO CARRO-BIBLIOTECA

DATA: \_\_\_\_\_

ENTREVISTADOR: \_\_\_\_\_

CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

1 - Nome: \_\_\_\_\_

2 - Sexo :

 masculino feminino

3 - Idade: \_\_\_\_\_

4 - Profissão: \_\_\_\_\_

5 - Grau de escolarização:

 analfabeto alfabetizado pelo MOBRAL ou equivalente primário incompleto primário completo ginásio incompleto ginásio completo colegial incompleto colegial completo universitário incompleto universitário completo outro (especifique) \_\_\_\_\_

6 - Bairro onde mora: \_\_\_\_\_



1 - VOCE PEGA LIVROS OU REVISTAS EMPRESTADOS, NO CARRO-BIBLIOTECA?

sim ( passe para 2 )

não ( passe para 4 )

2 - QUANTAS VEZES FAZ ISSO?

frequentemente ( sempre )

algumas vezes ( passe para 3 )

raramente ( passe para 3 )

3 - POR QUE VOCE NÃO VAI SEMPRE AO CARRO-BIBLIOTECA?

porque não tem tempo

por causa do horário

porque não gosta das publicações que traz

porque o carro tem poucas revistas

porque lê pouco

outros (especifique) \_\_\_\_\_

4 - POR QUE NUNCA FOI AO CARRO-BIBLIOTECA?

porque lê pouco

por causa do horário

porque não tem tempo

outros ( especificar ) \_\_\_\_\_

5 - VOCE PASSA MUITO POR AQUI ?

frequentemente

algumas vezes

raramente

6 - EM QUE HORÁRIO VOCE COSTUMA PASSAR?

---

---

---

7 - VOCE TEM COSTUME DE LER ?

- frequentemente ( passe para 8 )
- algumas vezes ( passe para 8 )
- raramente ( passe para 8 )
- nunca

8 - QUE TIPO DE LEITURA VOCE PREFERE ?

- jornais
  - revistas informativas
  - fotonovelas
  - romances
  - livros para estudo e pesquisa
  - outros ( especifique ) \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

9 - QUE TIPO DE LEITURA OU MATERIAL VOCE GOSTARIA QUE O CARRO TIVESSE PARA EMPRESTAR ?

- jornais
  - revistas informativas
  - fotonovelas
  - romances
  - livros para estudo e pesquisa
  - outros ( especifique ) \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

## ANEXO 4

TABELA 25

DESAPARECIMENTO DOS LEITORES DO CARRO-BIBLIOTECA  
POR SEMESTRE NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO

BELO HORIZONTE

1979-1984

(1)	(2)	(3)										
		1979	1980		1981		1982		1983		1984	
SEM	INSC.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	95,0	10,2	20,5	30,7	41,0	51,2	61,5	71,7	82,0	92,2	95,0	95,0
2	92,0		9,5	19,0	28,5	38,0	47,5	57,0	66,5	76,0	85,5	92,0
3	92,0			11,0	22,6	33,2	44,3	55,4	66,4	77,5	88,6	92,0
4	107,5				15,6	31,2	46,8	62,4	78,0	93,6	107,5	107,5
5	107,5					19,5	39,0	58,5	78,0	97,5	107,5	107,5
6	96,5						18,6	37,3	55,9	74,6	93,3	96,5
7	96,5							28,0	56,0	84,0	96,5	96,5
8	94,0								11,0	22,0	33,0	44,0
	781	10,2	30,0	60,8	107,7	173,1	257,7	370,3	493,9	617,5	706,9	731,0
		95,0	187,0	279,0	386,5	494,0	590,5	687,0	781,0	781,0	781,0	781,0

NOTA - Na coluna 1, vê-se os semestres de inscrição do leitor; na coluna 2, tem-se o total de leitores inscritos no semestre, na coluna 3, tem-se a provável perda acumulada, de leitores até o fim de cada semestre. Conquanto estes dados são apresentados com uma decimal, os cálculos foram efetuados com duas decimais. A penúltima linha apresenta o total acumulado de perdas até o fim de cada semestre e a última apresenta o total acumulado de inscrição por semestre.

TABELA 26

TEMPO ESTIMADO PARA O DESAPARECIMENTO DE TODOS OS LEITORES INSCRITOS EM CADA SEMESTRE NO CARRO-BIBLIOTECA NA REGIÃO DO BAIRRO PRIMEIRO DE MAIO BELO HORIZONTE

SEMESTRE	INSCRITOS	PERDA	PERDA POR SEMESTRE	TENDÊNCIA	
				(5)	(6)
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
1	95,0	82,0	$82,0 : 8 = 10,25$	9,27	9,27
2	92,0	66,5	$66,5 : 7 = 9,50$	9,68	10,68
3	92,0	66,5	$66,5 : 6 = 11,08$	8,30	10,30
4	107,5	78,0	$78,0 : 5 = 15,60$	6,89	9,89
5	107,5	78,0	$78,0 : 4 = 19,50$	5,51	9,51
6	96,5	56,0	$56,0 : 3 = 18,66$	5,17	10,17
7	96,5	56,0	$56,0 : 2 = 28,00$	3,45	9,45
8	94,0	11,0	$11,0 : 1 = 11,00$	8,55	15,55
	781	494			

NOTA - As colunas 1 e 2 são transcrições da TAB. 12.

A coluna 3 dá a perda de leitores do primeiro ao oitavo período, ou seja, do segundo semestre de 1979 até o primeiro semestre de 1983.

A coluna 4 apresenta a perda média de leitores por semestre.

Considerando o segundo semestre de 1979 como primeiro semestre do período, a coluna 5 (coluna (2) : coluna (4)) fornece o número de semestres, a partir do semestre de inscrição. A coluna 5 também demonstra que todos os leitores tendem a desaparecer, e a coluna 6 (coluna (5) + coluna (1) - 1) indica a ordem cronológica dos semestres ao fim dos quais todos os leitores tenderão a desaparecer. Por exemplo, os 92 inscritos no semestre 3 (segundo semestre de 1980) terão provavelmente desaparecidos no decorrer do primeiro semestre de 1984.

## ANEXO 5

São fornecidas neste anexo algumas sugestões de assuntos e dos tipos de publicações que o carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais poderia possuir no seu carro.

Essas sugestões foram baseadas na pesquisa desenvolvida nesta dissertação e na experiência pessoal da pesquisadora, adquirida durante o seu trabalho junto ao Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

A primeira proposta consiste em coleções atualizadas, para leigos, de livros e revistas do tipo "Faça você mesmo", que incluem noções básicas de carpintaria, eletrônica, mecânica, hidráulica, eletricidade, corte e costura, culinária, cortes de cabelo, entre outros. Deveriam ser oferecidas em grande número e constantemente atualizadas.

É bom lembrar que, por se tratar de usuários de renda baixa, são eles mesmos que normalmente têm que suprir suas necessidades de vestuário, da manutenção da casa e de seus bens, quando mesmo não o constroem. É praticamente impossível contratar serviços de terceiros. Dá-se também a oportunidade aos que são profissionais no assunto de aperfeiçoar suas técnicas com a leitura desse tipo de material.

Na análise da comunidade da região do Bairro Primeiro de Maio há uma boa parcela de moradores que são biscateiros ,

ou estão desempregados, aposentados e donas de casa. Além dos livros sobre algum ofício, que poderiam ser selecionados de acordo com os cursos profissionalizantes existentes na região, seria também muito válido a inclusão de livros e revistas que ensinam a fazer trabalhos manuais tais como, cestaria, crochê, brinquedos, etc., bem como de manifestações artísticas (pintura, escultura, dança e teatro, etc.). É sabido que manifestações artísticas são comumente encontradas na periferia das grandes cidades. Uma das razões dessa manifestação é que a maioria da população migrou do interior dos estados, onde as tradições e as artes populares ainda podem ser encontradas em seu estado genuíno. O carro-biblioteca poderia valorizar e incentivar a permanência dessas artes, contribuindo para reverter seu destino de estarem elas praticamente fadadas à miscigenação ou mesmo ao desaparecimento.

Os livros profissionalizantes e os de caráter artístico poderão, além de tudo, fornecer subsídios para uma forma alternativa de trabalho, que auxiliaria a "engordar" a renda individual ou familiar.

Faltam também no acervo do carro-biblioteca publicações de caráter informativo, o que não é encontrado no circuito das livrarias.

A população de periferia esbarra constantemente na necessidade de informações úteis para a solução de problemas bá-

sicos. Folhetos de leitura fácil, que geralmente usam ilustrações para facilitar apreensão, podem ser encontrados em órgãos de utilidade pública, tais como: Corpo de Bombeiros, Pronto-Socorro, COPASA - Companhia de Saneamento de Minas Gerais, CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais, etc.

Esse mesmo tipo de material, porém direcionado ao esclarecimento de problemas básicos de saúde e higiene, também pode ser encontrado em instituições e universidades que pesquisam questões de saneamento e saúde pública.

São publicações difíceis de serem adquiridas, pois não constam de catálogos do gênero e não são encontradas nas livrarias. A sua aquisição depende de um trabalho paciente do bibliotecário, feito às vezes através de trocas morosas e burocráticas correspondências, ou telefonemas.

Outro tipo de leitura que toca diretamente a população de periferia é a de problemas sociais e de convívio, vivenciados por ela diretamente: alcoolismo, toxicomania, prostituição, violência contra o menor e as mulheres.

Esse tipo de material deve ser colocado em local de destaque no carro-biblioteca, de fácil visualização, pois os leitores ainda não estão acostumados com a existência deles no carro, como também não sabem da função que o bibliotecário pode ter, como intermediador e fornecedor de

qualquer tipo de informação. O interesse por esse tipo de leitura, por se tratar de problemas atuais, pode ser despertado instantaneamente.



"... e a vida  
quando se recolhe aos livros  
é para voltar mais vida".

Carlos Drummond de Andrade